

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ÁREA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

CÁTIA MARINELLO

11 DE MARÇO DE 2020:
DIÁRIO DE UMA VAGABUNDA ALFABETIZADORA

NOVA PRATA
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

M3381 Marinello, Cátia

11 de março de 2020 [recurso eletrônico]: diário de uma vagabunda
alfabetizadora/ Cátia Marinello. – 2021.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação em Educação, 2021.

Orientação: Sônia Regina da Luz Matos.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Alfabetização. 2. Pandemias. 3. Ensino auxiliado por computador. 4.
Educação. I. Matos, Sônia Regina da Luz, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 37.014.22

CÁTIA MARINELLO

11 DE MARÇO DE 2020:

DIÁRIO DE UMA VAGABUNDA ALFABETIZADORA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Curso de Mestrado – da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título em Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação. Orientação da Prof.^a Dra. Sônia Regina da Luz Matos.

Nova Prata, 21 de dezembro de 2021.

Banca Examinadora:

*Prof. Dra. Flávia Brocchetto Ramos
Universidade de Caxias do Sul*

*Prof. Dra. Patrícia Cardinale Dalarosa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

*Prof. Dra. Betina Schuler
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)*

*“[...] Tua palavra percorre
todo o espaço e chega às
minhas células que são meus
astros e depois vai para as
tuas que são a minha luz.”*

(KAHLO, 2017, p. 201)

RESUMO

A presente dissertação é inspirada nos diários da jovem escritora Anne Frank (2018) e na artista plástica Frida Kahlo (2017), procura mostrar ao modo de diário uma professora vagabunda alfabetizadora que retalha atividades de alfabetização do ensino remoto em meio à pandemia da Covid-19. Na escrita do texto as fotos criadas retalham dez atividades de alfabetização, de dez professoras do 1º ano do Ensino Fundamental da rede Municipal da cidade de Veranópolis/RS, em meio a pandemia e ao ensino remoto, anos 2020 e 2021. A retalhação é o próprio método da pesquisa pela qual a escritura acontece. Assim, a escrita do diário-pesquisa movimenta-se por quatro luas. Lua nova, trata de como a investigação e o método ganham espaço na pesquisa, a vagabunda surge na cena. Lua crescente, mostra alguns dos retalhos políticos e educacionais da Covid-19. Lua cheia, aponta alguns movimentos das pedagogias de alfabetização e seus retalhos maiúsculos e minúsculos. Lua minguante, na qual estão as dez atividades de alfabetização durante o ensino remoto tensionadas pela própria atividade de retalhação, sendo transformadas por meio de algumas foto-colagens, possibilitando por meio da pesquisa de Borges (2018) mostrar a relevância do investimento da atividade em sala de aula como constituidora de um ato singular de planejamento que problematiza, investiga e questiona as práticas dos métodos e dos livros didáticos de alfabetização.

Palavras – chave: Alfabetização. Pandemia. Atividade. Ensino remoto.

ABSTRACT

The present dissertation is inspired by the diaries of the young writer Anne Frank (2018) and the plastic artist Frida Kahlo (2017), it seeks to show, in the way of a diary, a vagabond literacy teacher who shreds remote teaching literacy activities in the midst of the Covid-19 pandemic. In the writing of the text, the photos created shred ten literacy activities, from ten teachers of the 1st year of Elementary School of the Municipal Network of the city of Veranópolis/RS, in the midst of the pandemic and remote teaching, between 2020 and 2021. The shredding is the research method by which writing takes place. The writing of the research diary moves through four moons. The New Moon deals with how investigation and the method gained space in research, the slut appears on the scene. The Waxing moon shows some of the political and educational scenario of Covid-19. The Full Moon points out some movements of literacy pedagogies and their uppercase and lowercase pieces. The Waning moon is where the ten literacy activities during remote teaching are tensioned by the shredding, being transformed through some photo-collages, what was possible through Borges' research (2018) that shows the relevance of the activity's investment in classroom as making a singular act of planning that problematizes, investigates and questions the practices of literacy methods and textbooks.

KEYWORDS: Literacy. Pandemic. Activity. Remote teaching.

Autorretrato



Fonte: Autora, 2021.

Materiais: giz pastel, borracha, régua, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

AGRADECIMENTOS

*Meu momento de orgulho
coragem de uma mão escrevente
borbulhante!*

*Aos meus pais e ao meu irmão,
pura emoção, gratidão!
Sorrisos acolhedores,
palavras de ternura,
palavras de aconchego
palavras de incentivo.*

*Agradeço a orientadora
Sônia Regina da Luz Matos
me deu força nos momentos de angústias,
compartilhou alegrias,
me mostrou a possibilidade do pensar
e do direito a me questionar.*

*Agradeço aos amigos,
aos colegas do Mestrado*

*e do Grupo da Diferença
momentos prazerosos
partilhados pelos ambientes virtuais
encontros de debates, de estudos
e de euforias.*

*Agradeço à Secretária de Veranópolis
e as colegas professoras
pela parceria e companheirismo
contribuíram para o êxito dessa escrita.*

*Agradeço aos ouvidos, às vozes,
às mãos, aos corações
afetuosos de cada um!*

Obrigada!

SUMÁRIO

LUA NOVA	11
<i>Retalhos Pandêmicos</i>	11
<i>Vagabunda que vaga</i>	15
<i>Células movimentadas</i>	23
<i>Retalhação</i>	38
<i>Alfabetização. Poucos retalhos</i>	44
LUA CRESCENTE	50
<i>Fissuras fomentadas</i>	50
<i>Assombro doloroso</i>	52
<i>Retalhos postiços</i>	56
<i>Fervor: 1º caso da Covid-19 em Veranópolis</i>	58
<i>Merrecas</i>	69
<i>Pronunciamento alavancado</i>	72
<i>Mulheres teias</i>	82
LUA CHEIA	93
<i>Fúria latente</i>	93
<i>Decreto Executivo nº 6.635</i>	96
<i>Trajetória retalhada</i>	125
LUA MINGUANTE	126
<i>Fluxo insaciável</i>	126
<i>Vestígios: atividades mecânicas</i>	129
<i>Elemento inusitado</i>	133
<i>Produção homogênea</i>	136
<i>Atividade de aplicabilidade</i>	141
<i>Brechas Maleáveis</i>	152
<i>Retalhação 1</i>	154
<i>Retalhação 2</i>	156
<i>Retalhação 3</i>	158
REFERÊNCIAS	165

LUA NOVA*Retalhos Pandêmicos*

Fonte: Autora, 2020.

Materiais: folha de ofício, giz pastel, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

24 DE MARÇO¹

*“Cada tic-tac é um segundo da vida que passa,
foge, e não se repete.
E há nele tanta intensidade, tanto interesse,
que o problema é sabê-lo viver.
Que cada um o resolva como puder.”*
Frida Kahlo²

Assim como a lua nova indica novos começos e o tempo destila cada tic-tac, surge também este estudo sobre alfabetização em tempos de pandemia. Sei que em pandemia todos tiveram e têm mais pressa e pressão. Sei que com tanta aplicabilidade tecnológica e ligeireza, basta fazer toques nas telas e tudo se resolve, né. E é de se estranhar que uma professora tenha tempo para fazer diário, em tempos “remotos”. Talvez ele nunca seja lido do início ao fim, as imagens talvez sejam olhadas, mas será que serão vistas? Talvez ele não sirva para os apressados, mas apesar de... faço um breve combate nesta pandemia, decidi pesquisar ao modo de diário de uma professora.



3

A escrita começa em 24 de março de 2020, como fuga do desespero que estou vivendo. Até quando vou escrever? Não, não tenho certezas. O que tenho, no momento, é uma voz questionando o quanto este ano de 2020 está sendo desafiador. É recorrente que nós, professoras, em função de estarmos cumprindo a tal jornada de trabalho fora dos muros da escola,

¹ Todas as foto-colagens e símbolos foram elaborados pela autora com recursos diversos. A formatação estética da dissertação –fonte, tamanho das foto-colagens em estilo de diário – foram feitas a pedido da autora pelo acadêmico de Artes Visuais (Universidade de Caxias do Sul) e integrante do Grupo de Estudos da Diferença, Darlan Gebing Scheid.

² A frase de Frida Kahlo foi coletada online e está disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/3004/1/Lu%C3%ADsa%20Machado.pdf>.

³ O símbolo da foto-colagem é utilizado para retalhar as anotações do diário.

em função do isolamento social, sejamos rotuladas de vagabundas. Ando escutando de muita gente que as professoras são vagabundas. Questionei-me porquê, afinal, as horas de trabalho avançam do relógio para o esgotamento do meu corpo. Fiquei pensando se me cabia esse adjetivo.



Vagabunda⁵adj. 1. “Que vagabundeia; 2. Inconstante; 3. De qualidade inferior; reles, ordinário”; 5. Vadia.



Não sabendo ainda se me cabia ou não a característica, encontrei em um escritor francês o vagabundear que pode me mover, que me permite vagar pela escrita e pela leitura, vagar pela dissertação. Longe da superficialidade do senso comum, os vagabundos de Deligny⁶ são indivíduos “[...] capazes de inventar situações propícias para que os menores delinquentes possam avaliar por si próprios, porém juntos, a sua ‘inadaptação’ [...]” (DELIGNY, 2018, p. 12). Arrastando os vagabundos eficazes de Deligny, assumo o adjetivo com marca feminina e política, uma professora vagabunda e alfabetizadora. A escolha da vagabunda alfabetizadora é a condição da existência, vagabundear é existência. Bem-vindos/as, a lua é nova.

⁴ O símbolo 4 é utilizado dentro das retalhações para marcar fissuras das leituras.

⁵ AMORA, Antônio Soares. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2009.

⁶ A obra *Os Vagabundos Eficazes operários, artistas, revolucionários: educadores*, de Fernand Deligny (2018) tematiza que “Os vagabundos eficazes são esses educadores que não o são, personagens deslocados, párias de uma sociedade de funcionários, assim como as crianças inadaptables de que eles se encarregam”. “Eficazes porque atentos às circunstâncias, disponíveis, ricos em saber-fazer concreto, eficazes vagabundos” (trecho retirado no verso da capa do livro).



A vagabunda investiga mesmo em um cenário pandêmico. Não podemos nos aglomerar. Há reação no Brasil. Quando ouço falar dos protocolos de segurança da volta à presença na escola, fico entre a risada e o desespero. O futuro está estranho e muda todo dia. O médico sempre foi legitimado, já a professora pouco escutada. Quando vai ser escutada a professorinha alfabetizadora?

Vagabunda que vaga



Fonte: Autora, 2020.

Materiais: folha de ofício, giz pastel, lápis 6B, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

Em palavras trêmulas, recordo da existência de um novo vírus, denominado SARS-CoV-2, que passou a transitar entre nós. No dia 11 de março de 2020, a Covid-19⁷ vira oficialmente pandemia e o mundo passa a viver o que este século ainda não tinha vivido: fiquei alguns dias sem sequer dividir uma palavra, porque queria pensar sobre este acontecimento marcante da minha vida. Nunca antes tinha vivenciado uma pandemia. Ao abrir as janelas, poucas pessoas na rua, rostos cobertos por máscaras de proteção. Escolas fechadas. Silêncio. O termo ‘pandemia’ se refere à distribuição geográfica de uma doença e não ainda a sua gravidade política, social, afetiva diante da “catástrofe” (PELBART⁸, 2020). Tenho vivido esse estado pandêmico que me sufoca em casa, na escola, na rua vazia.

26 DE MARÇO

Estou meio devagar e me sinto distraída. Mesmo assim, a professora pesquisadora não perdeu a inquietação, por isso que essa pesquisa se faz de uma docente leitora de palavras, uma alfabetizadora que tenta se movimentar contra a maré da inércia diante das atividades de sala de aula remota que foram e voltaram para escola. Com elas, vagando em retalhos, acontece um aprender a investigar partículas acontecidas em meio à pandemia e às atividades de alfabetização. Vagabundeio. E, na maior parte do tempo, silencioso, frio, distante, de medo é este cenário. Encheu-se de

⁷ Reportagem: OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia. “O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, anunciou nesta quarta-feira (11), em Genebra, na Suíça, que a COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus, é agora caracterizada como uma pandemia.” Ainda disse que: “Os países devem adotar uma abordagem envolvendo todo o governo e toda a sociedade, construída em torno de uma estratégia integral e combinada para prevenir infecções, salvar vidas e minimizar o impacto”. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: março de 2020.

⁸ Peter Pál Pelbart “[...] possui graduação em Filosofia pela Sorbonne (Paris IV- 1983) e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1996). Atualmente é professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trabalha com Filosofia Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: Deleuze, Foucault, tempo, loucura, subjetividade, biopolítica” (Texto informado pelo autor no Lattes).

presenças virtuais com *meets* para todos os lados e transferiu a sala de aula para a tela.



_ 1991_

*Nasci no interior de Veranópolis,
manhã congelante
15 de junho.*



*Pais casaram-se muito jovens,
agricultores,
família numerosa.*



*Alex, irmão, nasceu na virada do milênio
Saúde frágil.*



*Estudei em escola pequena
brinquei na roça
alegremente, sujei e sujo até hoje os pés nos parreirais
vi pessegueiros em flor e todas aquelas coisas do interior*



*Pedagogia
vários cursos de especialização
trabalho 44 horas semanais em sala de aula
vivo vagabunda alfabetizadora.*



Venho escrevendo como fuga desse mundo em tempos de doença, isolamento e morte. Estamos em situação de catástrofe. Não há como deixar de lembrar do *Diário Anne Frank*⁹ (2018), da jovem menina que vivia incertezas e mortes em meio à Segunda Guerra Mundial, privada de liberdade. Nunca vou me esquecer de uma frase que li do livro que passou a fazer tanto sentido agora: “[...] sinto de algum modo que tudo mudará para melhor, que a crueldade também terminará, que a paz e tranquilidade voltarão” (2018, p. 341). Esse tempo de tranquilidade pra mim é que não chegou, chegou uma catástrofe. Pelbart (2020) comenta em sua *live* “Assombro e Esgotamento”, que vivemos “três tipos de catástrofes: a primeira, a pandemia; a segunda, essa máquina do mundo girando desajeitadamente; e terceira, o risco desse contexto em que as oportunidades não estão sendo aproveitadas, estamos confinados num meio esquisito que abafa e deixamos escapar”. A catástrofe da pandemia vem agravada por um mundo girando todo estranho e os respingos caem por todos os lados: nas pessoas, nas escolas, nas vidas.



De Anne Frank (2018), passei a Frida Kahlo (2017). O que faço nessa escrita é de pequenos retalhos. Por ora, misturei retalhações mesmo, algo da menina e da mulher, ambas em meio às catástrofes de suas épocas. Noites em que a claridade bate no vidro do quarto e retomo minhas forças na frase para seu amor: “Não te esqueci, as noites são longas e difíceis” (KAHLO, 2017, p. 195), assim como estão sendo as madrugadas. Nos prendemos aos amores, aos amantes, aos beijos, até mesmo à ausência deles.

⁹ Do “Diário de Anne Frank” (2018) são feitos inúmeros roubos de estilo de escrita para este diário. O livro é um relato de Anne enquanto esteve escondida em um sótão durante a Segunda Guerra Mundial. Enclausurada, a menina escreve movimentando sentimentos, medos, dores e as atrocidades cometidas contra os judeus durante a Guerra.



Estava difícil para dormir nesta noite do dia 26 de março. Inúmeras coisas passavam pela minha cabeça, entre elas, a principal: delinear o assunto desta pesquisa. É preciso focar em um ponto de partida para esta escrita (este negócio de ter que focar em algo específico me incomoda. Quem disse que movimentar não é, por si, fazer pesquisa?). Ela não precisa ter resultados dos clássicos manuais, mas necessita de movimentos que nos façam pensar e sair do lugar comum, do senso comum sobre a alfabetização e a vida. Li isto em algum lugar, ou aula, não sei, mas sinto que pode dar sentido ao método que estou “inventando”. Vagabunda por vagabundear inventa!

28 DE MARÇO

Mesmo diante de tantas decisões rascunhadas, entrei no meet com a orientadora, pensando em limites, prazos, em agonia e tendo dúvidas. Nervosa estou, mas, ao mesmo tempo, cheia de inquietações que me vêm dessa educação alfabetizadora em tempos tão controversos, educacional e politicamente. Ufa. Alívio em saber que temos pontos em comum: perguntas de uma pesquisadora em meio à alfabetização na pandemia; necessidade de retalhar alguns aspectos educacionais e políticos do cenário pandêmico a fim de dar à pesquisa alguma força política mesmo, essa força precisada e negligenciada no hoje. A vasão dessa força acontece por meio de um diário de professora alfabetizadora. Percebi que tenho me esquivado da força política na profissão de professora. Moro numa cidade pequena, a política sempre é algo de partido político. Sempre tem isso. Agora acho que com o diário posso fazer outra política. A vagabunda pode!



Continuo colocando um sorriso amarelo no rosto quando me perguntam se está tudo bem. A escola tem me sobrecarregado. Somo a ela família, casa, amigos, distanciamento, medo de ficar doente. Já estou sentindo corpo e mente dilacerados pelo excesso de fazeres. Ativei o modo sobrevivência, na qual o fluxo desta escrita é permeado por retalhos e remendos do início ao fim. Eu assumo a vagabunda alfabetizadora para ter o direito de escrever. Leciono no 1º ano do ensino fundamental I nas escolas públicas em Veranópolis. Apesar de... estar presa dentro de casa, nada pode me prender ao espaço determinado, fixo. Nada me amarra quando encontro uma dúvida que me faz movimentar. Kahlo ficava dias, horas, temporadas na cama olhando para o teto. Sua política: pintar!



Tempos de mudanças. As atividades de alfabetização no município dispararam a uma pergunta alfabetizadora: Na alfabetização, se escreve só para a escola? Só para eu, professora, corrigir? Nunca tinha pensado nisso. Dos estudos e dos retalhos da pesquisa, começa a saltar o movimento atual sobre a alfabetização e da política do país. O que é escrito para a escola tem a ver com a política brasileira? Quando estou estudando para pesquisa, tenho feito muitas perguntas...



Elas, as perguntas, vão surgindo para dar forma a essa escrita, através de rascunhos e esboços, pedaços e anotações soltas, movidas por um corpo abalado por todo contexto pandêmico. Começam a encher este diário. Como professora alfabetizadora, estou intrigada também com as atividades de alfabetização.



Como esquecer o dia 18 de março? Lembro bem. Choros, desespero. Algo singular e inexplicável, algo inacreditável, que ninguém esperava ouvir. Vozes estranguladas. Em função desse vírus, a equipe diretiva solicitou a todos os funcionários que se dirigissem à sala dos professores para uma reunião emergencial. Nesse dia, a sala, que era enorme, parecia pequena, com sua mesa comprida de madeira, ao fundo os compartimentos das professoras, rodeados por paredes brancas. Tinha até um quadro com mensagem motivacional para começar um ano que parecia ser como os outros. Todas sentadas, algumas professoras esboçavam semblantes inquietos, faces questionadoras, algumas ainda incrédulas, todas perplexas antes mesmo da notícia. Veio: “amanhã é o último dia de aula presencial. Por causa da Covid-19, faremos o cancelamento, por tempo indeterminado, da rotina escolar”. Simplesmente, ficamos paralisadas. Algo de congelar órgãos e sangue para professoras que estão habituadas a uma rotina de sala cheia, turbulências, alegrias, energia. Neste momento, a dimensão da pandemia começou a sair das telas da televisão. Essa notícia nos despedaçou.



Retalho até pelo menos os próximos meses. Lendo e vendo as imagens no diário de Frida Kahlo (2017), as aquarelas em que eu via luas em movimentos. Assim como os movimentos da lua, a vida desta pesquisa, também precisa seguir seu movimento. As imagens do diário são a política em vida, aquela que descobri e inventei por meio dos retalhos para dar vida às luas e à escrita. A voz da pesquisadora, projetada, esboçada com a escrita que está se construindo também por foto-colagens, através de fotografias desenhadas manualmente com giz pastel e borracha ou montadas através de recortes de revistas ou jornais. Todas as fotografias têm efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da

cor em escala de cinza, devido ao luto da pandemia. Em algumas, utilizo recursos como cola, tesoura, linha, isqueiro, régua para as imagens de colagem com o suporte em folha de ofício. Em outras, folhas e caule de parreiras e palavras para a montagem final da foto-colagem. Também amasso folhas de ofício antes de fazer o desenho à mão, assim como deve ser a leitura de uma pesquisadora, de muitas fissuras e brechas. Algumas imagens são impressas e retalhadas com a tesoura. As foto-colagens e a escrita são o corpo-escritura do texto, são a própria retalhação. Escrita-foto-colagem de um diário (nada a ver com diário de classe). Preciso ainda justificar, quem sabe mostrar, isso, mostrar a escrita que também pensa e inventa e pergunta por imagem.

Células movimentadas

Fonte: Autora, 2021.

Materiais: folha de ofício, giz pastel, tesoura, cabo usb, régua, lápis 6B, canetas, blocos de post-it, borracha, marcador de texto; foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

30 DE MARÇO

A retalhação é o próprio método da pesquisa pela qual a escritura acontece. Procura responder a pergunta norteadora: “O que mostra uma dissertação ao modo de diário, agora, de uma professora vagabunda alfabetizadora que retalha atividades de alfabetização do ensino remoto em meio à pandemia da covid-19?” Uma professora vagabunda alfabetizadora, na escrita, retalha atividades de alfabetização elaboradas por dez professoras do 1º ano do Ensino Fundamental da rede Municipal da cidade de Veranópolis/RS. O diário toma como recorte temporal a pandemia da Covid-19, entre os anos de 2020 e 2021. Retalharei as atividades de alfabetização elaboradas por dez professoras do 1º ano do Ensino Fundamental da rede Municipal da cidade de Veranópolis/RS. O diário movimenta-se com as luas, têm alterações significativas e movimentam também o fluxo desta pesquisa: conforme os movimentos delas, ao modo da retalhação, trazendo as ações específicas que norteiam a pesquisa:



Lua nova, como a investigação e o método ganham espaço na pesquisa, a vagabunda surge na cena;



Lua crescente, alguns dos retalhos políticos e educacionais da Covid-19;



Lua cheia, alguns movimentos das pedagogias de alfabetização e seus retalhos maiúsculos e minúsculos;



Lua minguante, as dez atividades de alfabetização tornando-se atividade de retalhação em meio ao cenário pandêmico.



A construção deste diário pelos movimentos da lua ganha força e potência de escrita fortalecida nos estudos do Grupo de Estudos da Diferença¹⁰ na linha História e Filosofia da Educação. O grupo faz por aumentar as perguntas, inflamar as discussões, fazer pensar fora do maior, provocar ranhuras no sistema, caminhar para retalhar o senso comum.



Em todas as formações acadêmicas e de vida, nunca fui provocada a pensar fora da obediência profissional. Paira a moral com muita força sobre mim. Aqui, no Grupo de Estudos da Diferença, sinto que unidos têm forçado meu pensar a mover retalhos sobre a educação, especialmente no recorte deste estudo: a educação alfabetizadora atualmente no Brasil.



No *Whatsapp* do Grupo, há colegas com formação em licenciatura, mestrado ou doutorado. Debatermos questões que envolvem a filosofia da diferença e estudamos autores como Deleuze, Nietzsche, Corazza... Fazemos reuniões pelo *Google Meet*, nas terças-feiras, do meio dia às 13h30min. O prato principal do almoço é discussão de leitura. De lá, trago uma coleção de citações que ainda não me foi possível retalhar (ainda quero investir nelas!), mas que circulam esta pesquisa e que por ora ainda fico zozna.

¹⁰ O Grupo de Estudos da Diferença é formado por acadêmicos e ex-acadêmicos dos cursos de graduação e pós-graduação da área da Educação na Universidade de Caxias do Sul, envolvendo o estudo e a discussão de projetos de pesquisa realizados que tematizam autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Fernand Deligny, Frederick Nietzsche, entre outros. Os encontros são semanais e online.



Na “produção da diferença” (GALLO, 2010, p. 51), vê-se uma forma diferente de pensar e de conceber filosofia, com a intenção de “[...] localiza[r] a verdade do conhecimento nas ideias que estão fora deste mundo, só alcançadas pela contemplação [...]” (GALLO, 2010, p.51); observar e pensar fora (mesmo estando dentro, como no caso da alfabetização escolar) do mundo da representação¹¹, criar, arriscar-se sem receio, colocar o pensamento em movimento e questionar-se sobre as verdades.



“A descoberta do acontecimento implica uma arte das superfícies, em um pensamento que já não procede por fundamentação ou representação [...]” (GALLO, 2010, p.52), não procede das normas, dos padrões, opera com questionamentos, com movimento, com a ação do pensar, um pensar que quer perceber a diferença.



É um movimento de arriscar-se sem ter ressentimento (estudamos Nietzsche, embora ainda seja um enigma para mim) de estar certa ou errada, essa verdade que digo toda vez que quero afirmar algo. Digo “na verdade”. Eu tiro o movimento quando digo “na verdade”. Sim, é um

¹¹ “[...] O termo representação é um vocábulo de origem medieval que indica a imagem ou a ideia (ou ambas as coisas) de um objeto de conhecimento qualquer. Num certo sentido, representar é pôr sob os olhos alguma coisa, mas é também tornar-se presente ao espírito algo que já esteve presente em nossos sentidos.” (SCHÖPKE, 2012, p. 39). Nessa dissertação, a representação aparece quando as atividades de alfabetização são pensadas como recursos produtores de um aluno-trabalhador, focadas na repetição, memorização, cópia e afastadas da leitura, produção de texto vinculada à realidade e do incentivo à possibilidade de criação.

movimento de funcionamento que tenho para propor nesta pesquisa, sem necessariamente ter resultados como verdades verdadeiras sobre alfabetização. Isso já me tranquiliza. Por isso, retirei essa frase: “É sempre uma multiplicidade, mesmo na pessoa que fala ou age.” (GALLO, 2010, p.56-57), ideias se criam através das falas, cruzam-se e criam-se ideias, pensamentos com arte, literatura que eu nunca tinha escutado e ainda me é estranho, mas acho que me toca. Por isso, li Anne Frank e Frida Kahlo.



Não estou conseguindo saciar a fome. Pego o notebook e me sento na poltrona verde em frente à escrivaninha. Fernanda, Alice e eu (colegas e amigas de profissão e do Grupo) passamos a montar mais um grupo direcionado à alfabetizadoras. O “Grupo de estudos da Alfabetização”, tem sido o espaço no qual construímos movimentos de partilha, estudos e questionamentos acerca da alfabetização, a cada quinzena, através do Google Meet, nas sextas-feiras, das 19h às 20h. O cansaço não nos vence, embora tenha feito bastante força. Os grupos me inspiram voz e vida, assim como esta escrita.



Aqui, sentada no sofá, retomo alguns livros em que achei outro retalho de estudo, os quais não olho com olhar fixo, mas pensativo e em constante movimento de que o sentido pode ser inventado. Estou elaborando um sentido para o método de pesquisa ao fazê-lo? O sentido do diário como método... tenho que tomá-lo para pesquisa. E como diz Schöpke (2012, p. 13): “[...] fazer com que cada palavra se desdobre e diga em que sentido ou sentidos devemos tomá-la”. Nesse texto, o método se faz junto à escrita e às foto-colagens, atravessado pela retalhação e proporcionando outras maneiras de ouvir, sentir e pensar as atividades de alfabetização, até a própria atividade de retalhação em alfabetização expressa na lua minguante.



Método da Pesquisa: retalhação
 ANOTAÇÕES, FRAGMENTOS, RETALHOS
 em um diário.

Pensamentos em movimento

Por meio de mãos escreventes/escriviventes e desenhantes
 aflitas e desesperadas!



Cinco dias presa a fios conectados, me dedicando ao estudo, dentro de casa. Sinto o quanto uma pesquisa exige, tenho a ideia de dirigir-me novamente à frente da tela, mas me sinto acorrentada. Tenho passado dias insanos e sombrios, retalhando na Internet e nos livros, juntando pedaços que me levem a algo a mais sobre educação e alfabetização em tempos de pandemia. Como professora em alfabetização, a formação de professoras nos tirou o direito de “retalhar”, de inventar nossas atividades de sala de aula. Pegamos o livro didático e aplicamos - atividade ficou sinônima de aplicabilidade. Outra palavra que uso muito é aplicar. Quando vou enviar as atividades de ensino remoto, digo: “vamos aplicar” as atividades. Mais que problematizar as atividades em alfabetização, quero perguntar por elas, algo tão clichê para um cotidiano de professora, que salta dele diante do ensino remoto. Só escutamos: Já elaborou a atividade? Já voltou a atividade? Já aplicamos a atividade? Quem vai enviar a atividade?

22 DE ABRIL

Acordei suando. Me remexo na cama. Todo o começo é incerto nesse criar estilo. E onde é o começo, afinal? O movimento faz-se no ritmo da pesquisa.

Sinto saudades de quando imaginava que ler e escrever eram ações simples e rápidas. Ao conhecer Corazza (2017, p. 275), através dos livros, entendemos que “não é fácil ler nem escrever”. Fazendo um projeto de pesquisa, penso que o questionar se faz presente em meu ser, no ser das mãos de uma escrevente, enquanto lê e escreve, até o momento em que surge um “retalho” nesses dados lidos, produzindo outras escritas, que é uma ação da pesquisa com a tensão do impensado, para o possível inventado (CORAZZA, 2017), amplificando, problematizando e ou modificando os sentidos da atividade em alfabetização.



Vidas! Passamos a questionar a relação com a verdade, a problematizar as palavras e começamos a visualizar o método como um processo, registro, retalho desta pesquisadora...



Se me perguntarem mais sobre como vou retalhar, digo: Peguei ideias, palavras, li muito o diário de Anne Frank (2018). Compartilho da clausura, do medo, da tragédia a catástrofe, mesmo em épocas diversas. Desejamos inventar para poder escrever como ato de gritar, politizar, votar e se ainda me perguntarem porque retalhar. Digo mais: Vou alfabetizar e para isto, por ora inventei a retalhação das atividades, das ideias, das dúvidas, do que menos sei. Retalho o que desconheço do presente.



Escrevi até que cheguei no meu limite com a relação de Anne Frank (2018). O retalhar tem, também, suas limitações. Precisei ir adiante. Encontrei

também Frida Kahlo (2017) e Fernand Deligny (2018) – os três escreveram diários em meio a movimentos catastróficos.



Acordei pensando... e se não for suficiente e ainda me perguntarem sobre a justificativa acadêmica ou o motivo da retalhação? Respondo: desde menina até mulher, sou resistente às colheitas do parreiral. Ainda tenho medo de padrões de comportamento e do julgamento moral, principalmente sobre o correto (quem não tem um pouco disso, né?!). Eu a quis (Frida) para roubar¹² um pouco de sua estética de cores e formas pulsantes de vida. Quis sua arte nesta escrita. Quis a força de ter o direito de perguntar sobre a professora alfabetizadora inventando um modo que ao retalhar, fui atraindo, traindo e montando minha própria técnica de foto-colagens. Frida funcionou mais como uma autorização a subversão do diário. Tem foto-colagens em que uso material do cotidiano escolar e a tecnologia do computador ou *app* para dar força na impressão da imagem, que ocorre no ato da colagem. Este texto também é uma tentativa poética que transita em meio às angústias de uma professora alfabetizadora.



E se, ainda assim, precisar dizer sobre o motivo da retalhação... bem, agora já elaborei o sentido. Retalhei e retalherei, fragmentos, anotações e frases, que inventei devido à necessidade de leitura e de escrita para vagabundear

¹² Segundo Silvio Gallo, no artigo “O que é filosofia da educação? Anotações a partir de Deleuze e Guattari”: “[...] Deleuze afirma que ‘roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como. A produção depende de encontros, estes encontros que encontramos na leitura são roubos e roubos são sempre criativos; roubar um conceito é produzir um conceito novo. Nesse sentido, a filosofia de Deleuze pode ser vista como um desvio” (2000, p.2). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10418/9692>. Acesso em: maio de 2020.

no texto. Tudo isso vai de encontro ao diário do livro *Vagabundos eficazes*¹³. O escritor diz que fez “[...] um ‘diário de bordo’, narrando quase um ano de funcionamento do Centro de Observação e de Triagem [...]” (DELIGNY, 2018, p.9) – onde ele era o diretor e acolhia os jovens “delinquentes” ou denominados “inadaptados”, esperando uma decisão judicial, sendo que muitos deles eram órfãos da Segunda Guerra Mundial e de uma sociedade que os produzia como marginais.



Como vou retalhar? Peguei ideias, palavras, vocabulário do diário. Assumi a palavra “Vagabundos”, me tornando uma vagabunda eficaz.



O cenário deste estudo é a cidade de Veranópolis¹⁴, lugar onde resido e no qual trabalho. Cidade escondida, local pequeno, cara de aconchegante, poucos habitantes. As madrugadas são silenciosas, as ruas são, em sua

¹³ No livro *Vagabundos Eficazes* (DELIGNY, 2018), o autor conta sua experiência com adolescentes em situação problemática familiar ou policial dentro de uma instituição, os quais eram chamados de “delinquentes”. O termo é ironicamente utilizado por Deligny para fazer referência ao desequilíbrio dos adolescentes (dito pela sociedade da época) em contraste à determinação e genialidade de outros taxados também de desequilibrados: “Pestalozzi, Rimbaud, Van Gogh, vocês, cujo desequilíbrio deixou marca gigantesca e cujos tesouros, ecos e a própria tenacidade nos maravilham [...]” (DELIGNY, 2018, p.129).

¹⁴ “Veranópolis, Berço Nacional da Maçã e Terra da Longevidade, está localizada a 170 quilômetros da capital do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Possui uma população de 26.533 habitantes, conforme estimativa do IBGE referente ao ano de 2020 (em 2016 o Censo registrou 24.885 pessoas residentes no município e em 2010 o registro foi de 22.810 habitantes). O território do município compreende uma área de 289,4 km².” Disponível em: <http://www.veranopolis.rs.gov.br/cidade/4/dados-de-veranopolis>. Acesso em: abril de 2020. “Total de Alunos na Rede Municipal de Ensino de Veranópolis: 2626 alunos (sendo: 2.000 crianças no Ensino Fundamental e 626 nas creches).” O município tem seis escolas de ensino fundamental e quatro escolas de educação infantil. Disponível em: <http://www.veranopolis.rs.gov.br/secretarias/20/educacao-esporte-lazer-e-juventude/60/secretaria>. Acesso em: abril de 2020.

maioria, seguras. Reconhecida nacionalmente pelas políticas de turismo como Terra da Longevidade e Cidade Amiga do Idoso. O trabalho se baseia na agricultura, especialmente no cultivo da uva. Inclui-se aqui minha família, que cultiva parreirais e laranjais. Marcada pelos imigrantes italianos e outras comunidades em invisibilidade, imigrantes senegaleses, haitianos e comunidades indígenas que são passantes na rodoviária da região.



O que temos de invisível na cidade, imigrantes, em especial senegaleses, com poucas roupas, vendendo pulseiras, camisas de times, toalhas e redes de descanso na praça, com a face estampada da necessidade e da fome; também as crianças, de origem indígena: pés descalços, roupas sujas, na beira do asfalto ou perto da sinaleira, pedindo moedas ou comida em troca de “mandalas” (nome dado por nós, não-indígenas, ao instrumento da cultura). Em suas faces, as catástrofes da fome e da pobreza se percebem nitidamente. Sim, duas catástrofes, as duas geográficas e políticas. A gente não percebia, mas outra catástrofe já se fazia presente, meses antes de anunciarem oficialmente a pandemia.



Almoço, mesa pronta, toalha vermelha com alguns fios puxados; prato escuro sobre uma base de vidro. Ao mastigar, me passou pela mente: como vou deglutir, processar o retalhar? Como vou estudar a coletânea das atividades de alfabetização? Estou aqui tentando encontrar a possibilidade de pensar sobre como está sendo esse ano, não aguento mais palavras como readaptação, reinvenção, estou me sentido presa, moldada e amputada pelo sistema. O espaço escolar está funcionando de maneira diferente, as crianças em casa, numa rotina estraçalhada, com atividades impressas entregues para os pais a cada quinze dias e vídeos explicativos em um grupo de *Whatsapp*, o qual a escola criou para tentarmos manter um vínculo

família-escola. A cada quinzena, um sufoco: fichas em quarentena para evitar contaminação com o vírus. Nós, isoladas em uma sala de aula de paredes vazias, sentimos o ar pesado, ouvimos a melancolia saindo pelos lábios dos poucos pais que aparecem. As cadeiras de ferro azuis, chão da sala sem pegadas, gritos e risadas substituídos pelo assobio do vento. Depois, começamos com algumas chamadas de vídeo para revermos os rostinhos das crianças, para sabermos como eles estão. Para algumas crianças, a internet é instável ou inexistente. Há ruídos de televisão e rádio, com novelas, filmes e músicas. No sofá, alguns animais de estimação: gato, cachorro.

28 DE ABRIL

Recebi pelos Correios o livro “Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade” (SCHÖPKE, 2012). Veio embrulhado em papel pardo e plástico bolha, assim como me sinto envolta no estudo deste livro. Ele me remete a um pensamento heterogêneo, produz e mostra o que produz. Quanto mais leio esse texto, mais quero ler, embora nem entenda tudo que diz ali.



Cai a noite aqui e procuro correr o risco de escrever não relacionando com clichês, o senso comum ou o bom senso das pedagogias de alfabetização. Talvez a retalhação das atividades, da escrita do texto, da foto-colagem me permita deslizar do senso comum, mas é difícil, o impulso da cópia (como modelo de reprodução) é perverso e escorregadio, ainda mais para quem foi “educada” dentro de um sistema calcado na representação como a verdade, sentado sobre o copiar, repetir e memorizar, assimilando atividades sempre para o cumprimento das normas do sistema alfabético.



Todas as tardes, nas terças, sento no banco da varanda da casa do vô, num banco que me remete ao aconchego, de madeira, estofado, de cor cinza. Pego uma almofada e participo do encontro do Grupo de Estudos. Cada pesquisador constitui seu estilo de pensamento, de vida no texto, prioriza algumas coisas e desocupa outras. Estou aprendendo que, como pesquisadora, posso perguntar pelo senso comum e questioná-lo, torná-lo pergunta de pesquisa, desnaturalizar o que é naturalizado em alfabetização, bem como as leituras não são homogêneas, pois é a partir delas que se consegue construir uma certa abertura para questionar coisas que estão ao redor e que tratamos como verdadeiras. A linguagem está na multiplicidade, a leitura e a escrita estão na arte, na imagem, na vida. Não está na opinião e nem na obediência. Estou aprendendo a extrair perguntas e colocações que movem os estudos.



Mãos escreventes que retalham com material escolar as atividades de alfabetização, os documentos oficiais, as folhas das parreiras, os cadernos de aula, os livros lidos, os tantos artigos *online*. O ruído das palavras. O ruído sempre está entre nós, na pesquisa. Um ruído de inquietação, o ruído das perguntas que nos perturbam e nos movem a questionar o que estava naturalizado no cotidiano da sala de aula de uma professora alfabetizadora que nunca tinha perguntado pela atividade de alfabetização. Por entre os dedos, folheio as páginas. Através da leitura e do pensar, a pesquisa permite “[...] construir uma multiplicidade de problemáticas [...]” (CORAZZA, 2017, p. 288). Nesse sentido, tudo é possível, abrem-se as perguntas, pode-se tensionar a representação de que somente se ensina alfabetização pelos métodos (a ideia de que haveria uma verdade absoluta sobre o ideal das atividades de alfabetização)¹⁵ e dar outros sentidos, abrir outras

¹⁵ A representação, aqui, encaixa-se com o uso que fazemos de modelos e convenções arbitrárias como verdades: “Os signos são o que são e significam o que significam, porque nós (humanidade) fizemos convenções; sendo assim a escrita alfabética são símbolos e ideias que representam a

fissuras, um fluxo contínuo, respirável mesmo em pandemia, em constante movimento. Quero estar em um lugar de imaginação e possibilidade, inventar um espaço da adivinhação com inúmeras fissuras, com retalhos feitos por quem pergunta mais que responde.



O método para a escrita desse diário é composto por movimentos de retalhos e por foto-colagens feitas com diferentes materiais. A retalhação surge como uma necessidade da própria escrita do diário, de sua montagem. As características da retalhação estão no texto, na foto-colagem, na escrita meio desengonçada, bagunçada, ora desavisada, ora não pensada, não vigiada, ora com uma escrita clássica ou ainda do senso comum. Percebo que a cada retalho que faço nessa escrita, saem palavras espreitadas dos diários lidos, de Anne Frank (2018), Frida Kahlo (2017) e Deligny (2018), aquela fissura minúscula das leituras de livros, artigos e das lives, vou brincando com a técnica da foto-colagem, montando a retalhação e capturando algumas em imagens fotográficas. Por fim, o método é uma aproximação com o Diário de Frida Kahlo (2017), carrega as imagens também para o salto da professora vagabunda alfabetizadora, que fez das imagens foto-colagens. Eu salto para a tentativa do método retalhação fazendo imagens minhas nessa retalhação de um diário autorizado a vagabundear.



Cresci num tempo em que a professora dizia se estava certo ou errado, então, às vezes, me esqueço que a pesquisa não é trabalho de escolarização do pensamento em que se faz apenas para a professora corrigir, ou se copia o texto da internet. Pesquiso para aprender e ela me dá o que questionar.

convenção da língua alfabética. Trata-se da linguagem como representação da realidade, construída a partir de signos arbitrários” (MATOS, 2009, p. 24).

Preciso dizer que este estudo funciona no movimento “[...] de espalhar condições de possibilidades para pensar a pesquisa em educação” (MATOS, 2012, p. 113).



Agora, após alguns meses de leituras, presa dentro de casa, percebo que não há dúvida de que, junto às colegas alfabetizadoras, vivemos momentos difíceis e incertos em relação às políticas públicas de educação e à Covid-19, que modificaram severamente a nossa rotina pedagógica, portanto sinto a necessidade imensa de que esta vagabunda escreva essa pesquisa.

25 DE MAIO

Pesadelos que nos atormentam. Corpos cansados. Olhos dilacerados. Colunas tortas. Telas. Lentes. Óculos. Dúvidas. Muros de pedra estão entre nós, escola e pesquisa. Língua presa. Enxaqueca, dores no corpo, choro, desespero. É o desgaste físico que nos acomete. A folha de pagamento, o relógio, o calendário, as festas que não acontecem, os trimestres. As datas comemorativas ao modo remoto. Os abraços foram modificados. Analgesia, insônia, sonho, pesadelo.



Dia 25 de maio, meia-noite. Estou morta?

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

SURTO PEDAGÓGICO EXISTE?

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~



Retalhei algumas imagens do Diário Frida (2017) por alguns segundos para essa escrita. Experimentei um “roubo” para o foco da pesquisa. Esse método tem poder de fugir das nossas vidas em catástrofe (Frida e eu). Virou intensidade do ato de querer problematizar as atividades de alfabetização ao modo de quem inventa vida para uma professora alfabetizadora.



Sede de leituras, cansaço de livros e dúvidas permeiam as madrugadas. Palavras e cenários abafados por trás de máscara de proteção. “Máscaras” abafadas em um sistema necropolítico¹⁶, uma catástrofe brasileira em um cenário educacional e econômico de abandono público. “Máscaras” que cobrem expressões de corrupção do governo da “Pátria Amada, Brasil¹⁷”. Lágrimas sendo derramados, corpos sendo enterrados, fome da população pobre como uma notícia diária, banalizamos a fome, a morte, indiferença política também mata!



Montagem em que a tesoura corta o papel em retalhos. Pensando no combate que preciso retalhar, entre recortes, tento transparecer a voz com detalhes que impulsionam força, com movimentos borbulhantes, lugar aonde às vezes procuro me esconder nas linhas desta dissertação.

¹⁶ O conceito de necropolítica não é profundamente abordado nesta dissertação, porém é explanado na nota 31 adiante.

¹⁷ Diz a nota: “A Secretaria de Comunicação da Presidência da República (SECOM/PR) divulgou, por meio do Twitter do presidente Jair Bolsonaro, a identidade visual da nova gestão do governo federal. O slogan ‘Pátria Amada Brasil.’ Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/governo-bolsonaro-anuncia-slogan-da-gestao-patria-amada-brasil/>. Acesso em: maio de 2020.

Retalhação¹⁸



Fonte: Autora, 2020.

Materiais: revistas, tesoura, cola, folha de ofício, isqueiro, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.



Estou começando a compreender melhor como anda o estudo buscando fazer ferver as forças e os fluxos dessa escrita e do movimento sem que o resultado seja o fator mais importante, mas sim, a tentativa de arriscar-se na escrita. Estou aos poucos me tornando traidora da atividade de alfabetização como algo natural, sem que ela perceba que está sendo traída

¹⁸ Algumas foto-colagens ficaram pequenas em função dos materiais utilizados na confecção serem menores.

quando invento atividade de retalhação mostrando a retalhação das dez atividades de alfabetização (lua minguante).

20 DE JULHO

O retalhar é um grito, grito de uma vagabunda alfabetizadora em meio à catástrofe, grito do desespero “em 10 de junho de 2020, o Brasil tinha mais de 650.000 casos e mais de 35.000 mortes [pela Covid-19]” (KOHAN, 2020, p.4).



Como o método não é linear, a escrita é saltitante, as datas não seguem ordem cronológica. As luas dão espaço temporal. Investe-se mais nas intensidades que nas datas. Um método que quer “[...] se lançar para escrever (ar)riscando-se a pensar a investigação pelas forças do processo de criação” (MATOS, 2012, p. 114). É colocar a própria escrita a funcionar.



Há seis (6) escolas de ensino fundamental no município de Veranópolis. Dez (10) turmas de 1º ano, incluindo a escola na qual leciono. Por hora, uma atividade de alfabetização elaborada pela professora de cada turma de 1º ano em cada escola é material para retalhar¹⁹, incluindo uma das atividades elaboradas por mim. Então, lá na lua minguante, estarão descritas as dez (10) atividades de alfabetização elaboradas pelas professoras alfabetizadoras do município durante a vigência do Decreto Executivo nº 6.635, aquele que estabelece as aulas remotas no ano de

¹⁹ O acesso às dez atividades de alfabetização retalhadas nesta pesquisa foi solicitado pela pesquisadora à Secretaria da Educação, Esporte, Lazer e Juventude de Veranópolis. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética através da Plataforma Brasil (parece nº 4.833.166) e aprovado em 20 jul. 2021.

2020²⁰. Estas atividades serão repassadas pelo e-mail das escolas municipais para mim, sem identificar as professoras. A forma como a atividade foi executada em sala de aula ou como a criança procedeu na atividade não me interessam. O enfoque dessa pesquisa é o estudo das atividades de alfabetização através das classificações de Matos (2014a).



Um ensino que desconheço, nunca experimentado, o ensino remoto. Professoras e estudantes, impedidos de frequentarem instituições educacionais, a fim de evitar a disseminação do vírus. Não sabemos direito ensino remoto²¹, conhecemos o controle remoto, mas não pode ser o mesmo da palavra que encontramos ao ler o Decreto Executivo nº 6.635, de 09 de junho de 2020.



Tivemos muitas modificações na escola. Continuamos com a entrega de atividades a cada quinze dias e passamos a fazer aulas pelo Google Meet duas vezes por semana. Algumas crianças participavam, outras não tinham condições ou acompanhamento dos pais e acabavam por não fazer muito contato com a escola e com as professoras. É complicado dizer que “tivemos” ensino, tivemos atividades, sendo que nem todos tiveram a

²⁰ As atividades, inicialmente enviadas para a pesquisadora por e-mail, são do período de 9 de junho de 2020 a dezembro do mesmo ano, período em que ainda está em vigência o Decreto Executivo nº 6.635.

²¹ Conceito de ensino remoto, fundamental a este estudo, sinalizado pelo Decreto Executivo nº 6.635, de 09 de junho de 2020. Patricia Alejandra Behar, (2020) descreve o conceito remoto com significado de “[...] distante no espaço e (que) se refere a um distanciamento geográfico”. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em: julho de 2020.

mesma oportunidade, nem de recebê-las; “Palavras encarceradas que só podíamos dizer com os lábios do sonho” (KAHLO, 2017, p. 202) Questiono-me se todas as crianças tinham direito à alfabetização e se conseguiam acessar as atividades.

18 DE DEZEMBRO

Faz uns dias que ando pela casa de roupão – um roupão rosa de *soft* que cobre o corpo. Só coloco outra roupa para dar aulas *online*. Os dias parecem ser todos iguais, trabalhando via *Whatsapp* e pelo *Meet*. No planejamento das aulas, utilizamos muito as atividades retiradas dos livros didáticos, entre eles o livro distribuído pelo Ministério da Educação e o material da Editora Positivo Aprende Brasil²². O Sistema Aprende Brasil oferece livros Didáticos da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, organizados em quatro volumes, comprados pela Secretaria Municipal de Educação de Veranópolis adquiridos com verba pública e distribuídos aos estudantes e professoras da rede. Pergunto pelas atividades de alfabetização, porque as encontro de modo cotidiano sendo retiradas do livro didático. E se não usarmos o livro didático, as professoras alfabetizadoras fazem que tipo de atividade em alfabetização, deste tempo pandêmico, para enviar pelo ensino remoto?



Folhas “xerocadas” do livro. Sem os rumores de lápis e de borracha, nem sinais do uso do apontador. Corretivo. Atividades de ensino remoto na

²² “O Sistema de Ensino Aprende Brasil foi desenvolvido para potencializar a qualidade do ensino nas escolas do seu município. Os conteúdos de um ano dão continuidade aos do período anterior, garantindo uma aprendizagem progressiva, articulada e interdisciplinar. A assessoria pedagógica complementa a capacitação dos professores e da equipe técnica da rede de ensino, ministrando cursos de metodologia. Os municípios conveniados ao Sistema de Ensino Aprende Brasil utilizam duas ferramentas para a gestão e mensuração do avanço da educação de sua rede de escolas: o *simeB* e o *hábile*.”. Disponível em: <https://sistemaaprendebrasil.com.br/quem-somos/>. Acesso em: dezembro de 2020.

alfabetização quando retornadas, corrigimos e devolvemos. Entre as conversas no *Whatsapp*, com as colegas professoras da escola onde leciono, decidi dar continuidade ao estudo das dez (10) atividades de alfabetização. Quando percebi, este já é um dos resultados da pesquisa (em pesquisa científica se diz, constatei) que as atividades de alfabetização de ensino remoto não eram elaboradas pelas professoras, haviam sido retiradas de livros didáticos. Atividades já prontas proporcionam a retirada do direito a escolha.



Números, olhos avermelhados, telas, tudo se movimentando conforme o ritmo pandêmico. Aproveito e mostro alguns retalhos como professora vagabunda alfabetizadora. Alívios quando escrevo meu grito aqui: “Ele, não!” em meio uma pandemia. Qual é esse mundo político que “o” elege como representante de uma nação? Escutando Mortatti (2020), uma historiadora da alfabetização, em sua *live*, ela, bem energicamente, diz que neste governo o projeto de nação é um perigo para a democracia.



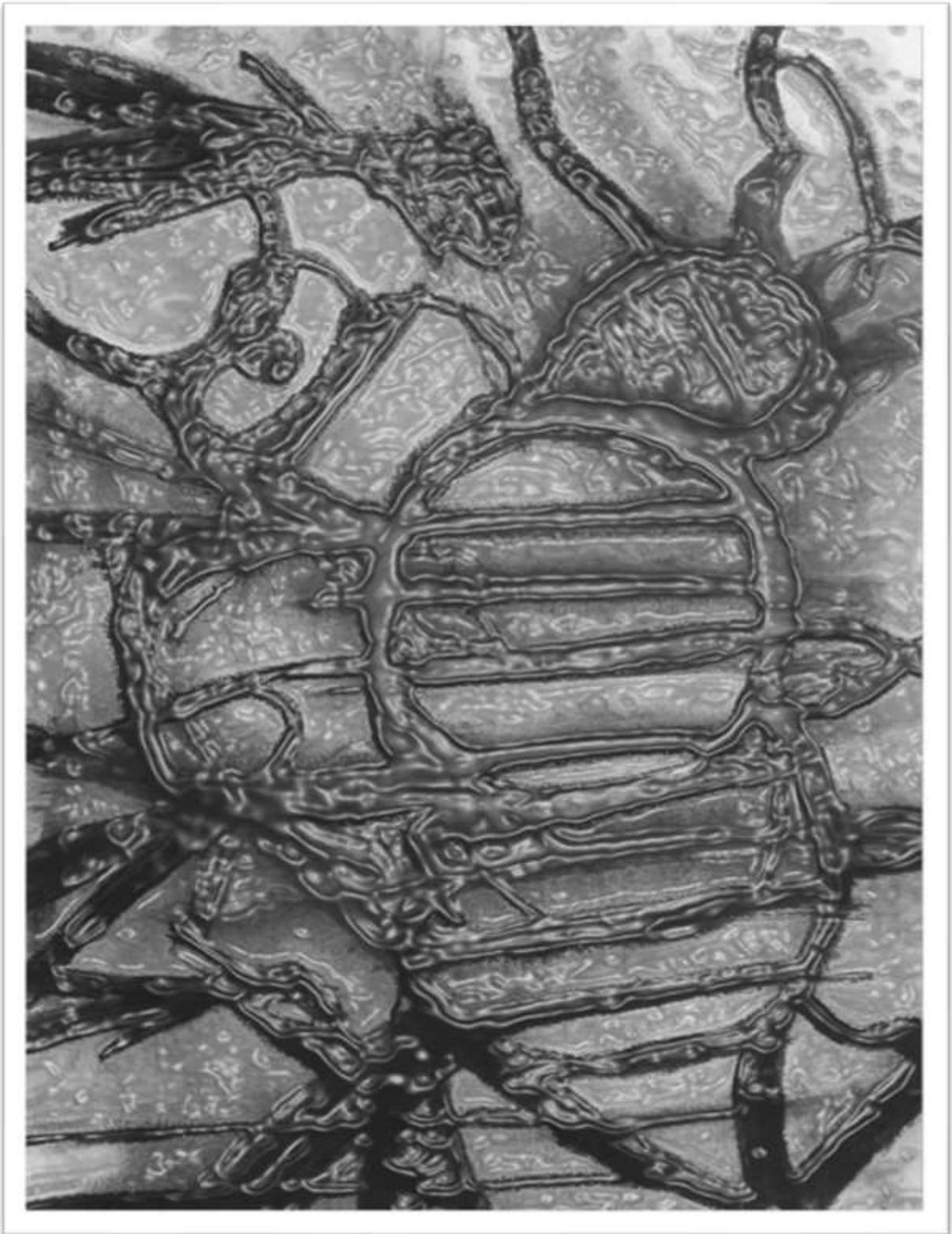
Morte e cinza nestas foto-colagens. Tem coisas das quais não podemos fugir. Ninguém escapa! Quase chegando está o Natal. Sem grandes celebrações, sem fogos. A pandemia continua a nossa espreita. Máscaras no queixo. Aglomerações. Acompanho as postagens no *Instagram* e no *Facebook*. Viagens. Tem gente vendendo e vivendo a tal de pós-pandemia.

20 DE DEZEMBRO

Observo a sacada. Sono esquecido, noites em claro, o céu na roça e a escuridão. Nem sempre vejo a lua. Sei que ela está lá. Tremendo, três dias

escrevendo, apagando. Leituras que nunca terminam. Véspera de Natal, o que estou fazendo? Leio e não entendo. Sufoco, não consigo roubar, não consigo retalhar (ação de abrir mesmo), o que está entre as linhas dos textos. Calafrios. Estagnei, será? Será que a escrita está funcionando? Só funciona quando mostro e coloco a funcionar, a força da pesquisa que mostra sua autoria. Poderíamos chamar de cartografia, este método, mas acho que é representar a pesquisa em algo. Sei lá! Nem estudei cartografia e já está próximo da qualificação.

Alfabetização. Poucos retalhos...



Fonte: Autora, 2020.

Materiais: folha de ofício, giz pastel, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

A foto-colagem acima se fez como uma retalhação sobre a reprodução de um modelo²³ de atividade do livro didático do Sistema Aprende Brasil (2020), utilizado como suporte das atividades enviadas às crianças pelas professoras nas escolas do município (Atividade dos Três Porquinhos) durante o ensino remoto. Uma atividade escolar de ensino das pedagogias de alfabetização.



Nos estudos da pesquisa, identificamos algumas marcas das pedagogias de alfabetização (MORTATTI, 2020; MATOS, 2014a) entre elas podemos ter quatro (4) tipos de atividades (MATOS, 2014a): a mecânica; mecânica com base alfabética (“É a estrutura do sistema da escrita da base alfabética – compreensão simbólica entre letras e sons das palavras – capacidade de ouvir as letras e ter consciência dos sons da fala” (MATOS, 2009, p. 29)); de letramento com base alfabética e de letramento (MATOS, 2014a). Esse tipo de atividade, como a dos Três Porquinhos, retirada do livro didático, explicita a ordem do exercício mecânico da língua. É prática recorrente, na qual a escola submete a experiência de alfabetização ao exercício da alfabetização como aplicabilidade da base alfabética.



A atividade é voltada para a aplicabilidade, centrada no ensino e no utilitarismo pedagógico. Caracteriza-se pela reprodução e pela cópia, estando, muitas vezes, ligada à memorização. É uma atividade voltada apenas à repetição de estruturas da base alfabética de modo mecanizado. Ensaiou-se a retalhação da base alfabética, em que consta a construção das palavras, porém dá ênfase à escrita de maneira mecânica. É, ainda, uma

²³ Modelo de atividade retirada no livro do Sistema de Ensino Aprende Brasil, de Maria Teresa Alves Gonzatti. Curitiba, PR, Brasil, 2020, v. 4, 1º ano.

atividade com muita presença no livro didático e que foi “aplicada” como parte das atividades voltadas ao ensino remoto.

02 DE JANEIRO

Exaustão, cansaço mental. A cada momento, faço uma leitura diferente sobre tipos de atividades de alfabetização. Utilizar esse tipo: mecânica de base alfabética como atividades de alfabetização no ensino remoto com crianças de 1º ano não demanda investigação no planejamento.



Os decretos e legislações flexibilizam o retorno presencial com crianças na sala de aula. Todos de máscaras e sob força dos protocolos de segurança contra a transmissão do vírus. As crianças estão ansiosas. Estão já faz bastante tempo em casa e sem terem contato direto com colegas e professoras. Fico me questionando... será que estamos alfabetizando? Lembro quando era pequena, a professora também aplicava atividades como essas. Eu memorizava as palavras, mas elas não faziam sentido. Naquele tempo, a figura da professora, pelo menos para mim, era de autoridade autoritária: ela estava ali para “vigiar” as crianças, observar se nós estávamos fazendo as atividades corretas.



Na minha alfabetização, o ensino ocorria por partes, primeiro as vogais, depois as sílabas até chegar nas palavras e frases, para daí por diante partir para a leitura e cópia de textos. Era muito semelhante como ocorria em 1884, “ensinavam a conhecer as letras do alfabeto, e, depois passavam a ensinar a formação das sílabas, fazendo juntar um ‘b’ com um ‘a’ e dizia-se b-aba”. (MORTATTI, 2000, p.50). Não me recordo de produzir e muito menos de escrever textos com minhas palavras.

~~XXXXXXXXXXXX~~

A - E - I - O - U

JA - JE - JI - JO - JU

JUCA VIU A JACA.

JUCA ADORA COMER DOCE DE JACA.

~~XXXXXXXXXXXX~~

O que é uma jaca?

Que gosto tem?

Na casa da minha vó não tem jaca, só uva.

Como é o preparo de um doce de jaca?

Será que é igual a chimia que a vó fazia?



A escola e eu como professora usamos até hoje tal método. A pesquisa me fez conhecer que esse método e prática fazem parte da atividade das pedagogias de alfabetização. Prioriza a linguagem como forma de controle de poder e da palavra de ordem, aquela que a língua ordena o modo de leitura e escrita que ronda e me desafia até hoje, a ordem mecânica de base alfabética.



Durante o ensino remoto, conversando com as professoras/colegas da escola na qual trabalho e olhando as atividades que realizei durante o ano, sobre os pensamentos e questionamento que os estudos da pesquisa estão me envolvendo, foi possível problematizar que utilizamos mais atividades prontas e estruturadas, retiradas dos materiais didáticos. Então, as dez atividades de alfabetização vão ser retalhadas na pesquisa.



Tudo é possível para a vagabunda alfabetizadora, mesmo num cenário pandêmico, com tempo para planejamento escasso e estando emocionalmente capenga. Movimento-me aqui a fim de cavar fissuras, brechas retalhando.



Escreve/apaga/ risca. Tecla/ deleta. Praias lotadas, como na reportagem que acabo de ler, “População descumpre uso de máscara nas praias e Corpo de Bombeiros alerta para importância da medida²⁴: O Corpo de Bombeiros Militar do Ceará (CBM-CE) alerta para a importância do uso de máscaras nas praias cearenses, mesmo o ambiente sendo aberto. Em entrevista à Rádio O POVO/CBN, o Comandante da 1ª Companhia de Salvamento Marítimo (1ªCSMar), major Chailon Fonteles, afirmou que a medida tem sido comumente descumprida pelos banhistas”. Ir à praia e usar máscara, fato digno de uma escrita de diário, registrar algo tão bizarro do humano do século XXI, entrando na segunda década.



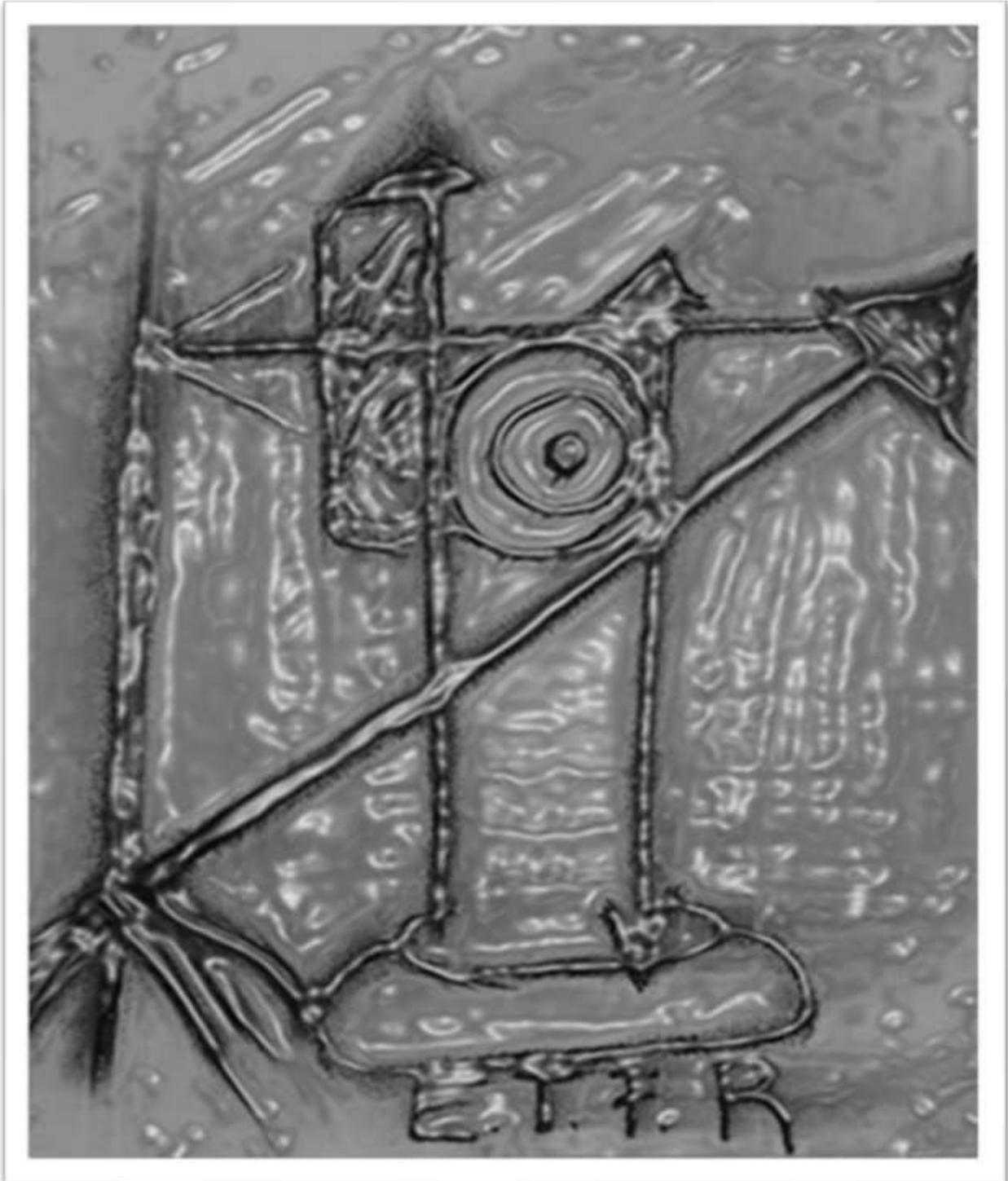
Passei um Natal apagado, acinzentado, opaco. Não fizemos festa. Mas comemoramos que estamos vivos. Talvez morrendo aos poucos, mas aparentemente vivos fisicamente. Não posso reclamar, já vi famílias sendo levadas para os cemitérios, marido e mulher na mesma semana,

²⁴ Reportagem: “População descumpre uso de máscara nas praias e Corpo de Bombeiros alerta para importância da medida - (O POVO, do dia 25 de dezembro de 2020) - Quase todos os banhistas estavam sem máscaras, inclusive aqueles que se encontravam no interior das barracas de praia.” Disponível em: <https://www.opovo.com.br/coronavirus/2020/12/25/populacao-descumpre-uso-de-mascara-nas-praias-e-corpo-de-bombeiros-alerta-para-importancia-da-medida.html>. Acesso em: janeiro de 2021.

destroçadas pela Covid-19. Sinto repúdio do que o presidente deste país diz nas redes sociais sobre a pandemia (PUCCI, 2020).

LUA CRESCENTE

Fissuras fomentadas



Fonte: Autora, 2020.

Materiais: folha de ofício, giz pastel, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

30 DE MAIO

Nada está intacto! Tudo é retalhação! A lua continua seu movimento quando muda sua posição em referência à Terra e ao Sol, “[...] sendo possível observar uma pequena parte de sua superfície iluminada” (FARIA, 1987, p. 72). Neste movimento, acontecem as chamadas épocas de maré alta, quando o Sol e a Lua estão em conjunção, praticamente alinhados com um vírus, que segue alinhando mortes.



Palavras trêmulas

A cada momento, um sobressalto

sopra uma fria brisa

um marco assustador

que não se consegue abandonar,

Quarta-feira, dia 26 de fevereiro de 2020²⁵,



“[...] Tudo se transforma,

tudo se move, tudo

gira – tudo voa e vai”

(KAHLO, 2017, p.220)



Fiquei alguns dias atordoada, sem falar no *Whatsapp* com as pessoas, com exceção quando o assunto era escola, ou seja, o grupo da turma e o grupo dos recados. Queria pensar sobre este acontecimento.

²⁵ “Ministério da Saúde, 26 fevereiro de 2020: confirmado o primeiro caso de coronavírus no Brasil, em São Paulo.” Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>. Acesso em: maio de 2020.

Assombro doloroso



Fonte: Autora, 2020.

Materiais: folha de ofício, giz pastel, amassar a folha, lápis 6B, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

A Covid-19 (SARS-CoV-2 -Coronavírus 2) causa síndrome respiratória aguda grave. Trata-se de um vírus da ordem *Nidoviralesmet* da família *Coronaviridae*. Toda a família do Coronavírus afeta os seres humanos e possui origem animal. Cada vez que eu abro uma nova guia da OMS (Organização Mundial de Saúde), na página do Google, mais notícias sobre esse vírus.



Esse vírus, me surpreendi ao ler outro dia na página da OMS, que ele já foi isolado em 1937, porém, só foi descrito em 1965 devido a sua estrutura, parecendo uma coroa, como um novo gênero de vírus. O SARS-CoV-2 foi identificado no dia 31 de dezembro de 2019, na China.



Continuando a retalhação de acontecimentos pandêmicos, o vírus iniciou a transmissão aos seres humanos através dos animais. Os primeiros casos confirmados tinham, principalmente, ligações com o Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Huanan, localizado na província de Wuhan, República Popular da China, primeiro país a detectar a doença. Esse local é bastante conhecido pela comercialização de animais exóticos vivos para consumo humano.



A cidade de Wuhan não é muito popular, é menos conhecida do que Pequim ou Xangai. Localizada no centro do país, é um movimentado ponto de ligação de viagens internas e tem voos diretos para várias partes do mundo, como Londres e Nova York. É a sétima maior cidade da China. Nela está o Mercado de Wuhan, o qual segundo a reportagem de 30 de março do

Jornal Estado de Minas Internacional²⁶, é destacado como o marco zero do Coronavírus. O mercado de Wuhan foi lacrado e desinfetado no início de janeiro, quando o Coronavírus já estava em propagação.

02 DE JUNHO

Movimento, euforia, restos de palavras, entradas, saídas, circulação de pessoas, atrações turísticas, saturação, correria... Contínuo prisioneira das paredes pálidas da minha casa, com medo do vírus. Tenho trabalhado muito. Ainda há quem diga por aí que as professoras estão sem trabalhar. Aulas síncronas e entrega de material. Terminando de dar aula, inquietações me surgem.



Diz uma das anotações que fiz sobre o pesquisador Pelbart (2020), “uma pandemia não permite restringir o imperativo ético à esfera individual quando eu digo: você precisa mudar sua vida”. Não adianta construir um pensamento individual, porque minha vida não é apenas minha, é um coletivo de vidas, depende de todas aquelas com quem está entrelaçada. Vidas que se entrelaçam. A catástrofe do sistema educacional se soma à da pandemia. Viemos deixando os acontecimentos tornarem cada vez mais turbulento, desigual, individual e violento o mundo em que vivemos. Abandono das políticas de alfabetização (MORTATTI, 2020).

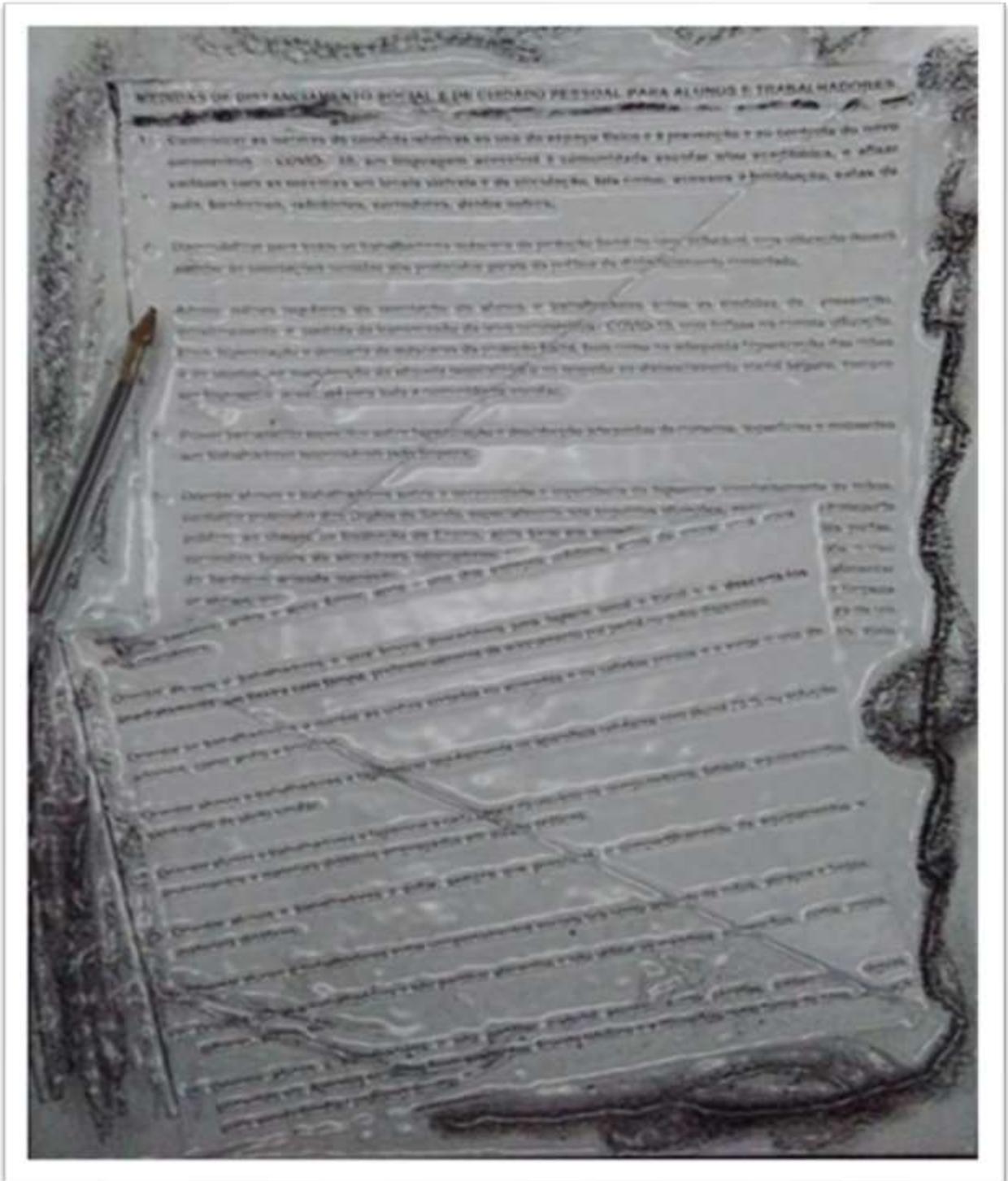


²⁶ Reportagem: “Mercado de Wuhan, o marco zero do coronavírus, se esconde à luz do dia”. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/03/30/interna_internacional,1133797/mercado-de-wuhan-o-marco-zero-do-coronavirus-se-esconde-a-luz-do-dia.shtml. Acesso em: maio de 2020.

Tudo fede a mofo! Hoje pela manhã, limpei o guarda-roupa, bagunçado, e encontrei a reportagem: *A Gazeta*²⁷, do dia 18/04/2020: “Omissão de ministro pode aumentar desigualdades na educação”. Observa-se uma lacuna no diálogo entre escola e sociedade contemporânea, com um estranhamento e, até mesmo, um descompasso sobre as mudanças provenientes e aceleradas das tecnologias e seu impacto no meio social e no ambiente escolar. Apesar de estarmos rodeados de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), ainda existem espaços em que nos encontramos desassistidas, nos quais a desigualdade social e a econômica ecoam tornando o ensino remoto inviável para estudantes de baixa renda (sem direito público à internet!!!).

²⁷ Reportagem: “Omissão de ministro pode aumentar desigualdades na educação – (publicado em 18/04/2020, pela *A Gazeta*) – O descompasso não apenas expõe as desigualdades do ensino no Brasil, como as aprofunda. Enquanto na rede privada crianças e jovens têm acesso a tecnologias que permitem aulas a distância, na rede pública as iniciativas são, quando não escassas, inexistentes.” Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/editorial/omissao-de-ministro-pode-aumentar-desigualdades-na-educacao-0420>. Acesso em: junho de 2020.

Retalhos postigos



Fonte: Autora, 2020.

Materiais: impressão original do decreto, caneta, tesoura, fio, giz pastel, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

04 DE JUNHO

Chamei um táxi hoje. Sentei no banco de trás. Lá dentro, abri a pasta com o caderno de anotações e peguei uma caneta; comecei a escrever para acrescentar à pesquisa sobre: “Os piores hábitos são aqueles que não ousamos ter, pois o balanço da vida, em seu magnífico e frágil vaivém, corre o risco de ficar preso nessa vegetação monstruosa que é o privilégio misterioso das aparências conformes [...]” (DELIGNY, 2018, p. 27). Empolgada, li para o motorista.



Fervor: 1º caso da Covid-19 em Veranópolis



Fonte: Autora, 2020.

Materiais: jornal, folha de ofício, giz pastel, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

A pandemia é uma das catástrofes, não a única. Talvez a maior das catástrofes esteja, “[...] na constatação de que as coisas continuam como eram” (PELBART, 2020). Não tem como imaginar as sequelas da contaminação durante a pandemia... luto, morte, sobrecarga de muitos trabalhadores, desempregados e órfãos desta parte da experiência humana na Covid-19.



Escuto os ventos, o sussurro das folhas rente a minha face. Olho o reflexo do espelho e percebo o quanto envelheci neste ano: rugas aparecendo, olheiras profundas, pele oleosa, cabelo ressecado. Muito mudei.

28 DE JUNHO

A reportagem caiu em minhas mãos, de 05 de fevereiro²⁸, de Pedro Henrique Gomes; relata que aviões da FAB (Força Aérea Brasileira) decolaram de Brasília para a China. Foram enviados dois aviões VC-2 para 34 brasileiros na cidade chinesa de Wuhan, epicentro da epidemia do novo Coronavírus, sendo uma das poucas medidas preventivas que o Brasil fez bem depois que outros países já tinham feito a ação. Faces agudas, com eterna emoção por retornarem. Por aqui, vemos autoritarismo e uma crescente destruição política.



²⁸ Reportagem: “Coronavírus: aviões da FAB decolam de Brasília para buscar brasileiros na China. – Os dois aviões VC-2 têm capacidade para 30 passageiros cada. Brasileiros resgatados e tripulação envolvida na viagem ficarão em quarentena por 18 dias”. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/05/coronavirus-avioes-da-fab-decolam-em-viagem-para-buscar-brasileiros-na-china.ghtml>. Acesso em: junho de 2020.

A manhã surge. Dedos nos cabelos, leio partes do diário: “[...] a vida calada doadora de mundos [...]” (KAHLO, 2017, p. 204) como se ela estivesse mesmo aqui me falando. Como professora, por vezes fico querendo atividades como uma receita pronta como as cartilhas e livros didáticos de alfabetização. Sinto uma vida profissional, por vezes, muitas vezes calada.



A política de educação que agora me interessa um pouco investe na reprodução de calar as professoras pela doação de um método de alfabetização porque quer trabalhadoras em alfabetização. Em se tornar escrevente diante desta doação e a política deste diário que vai colocar em movimento pensante e questionador quando me junto às mulheres que, com “[...] simplicidade do canto da desrazão/loucura do vento [...]” (KAHLO, 2017, p. 204) pensam e fazem uma política que questiona as verdades burocráticas impostas.



Vagabundeio de um lado para outro na casa, da sala para o quarto, do quarto para a cozinha, o corredor frio e estreito, para procurar refúgio, mas não encontro. Amedrontada. A cada dia, vítimas a mais. A cada dia, um novo protocolo de organização para as demandas escolares. Cronometrados pelo tempo da morte. Junto com esse vírus, em meio a essa catástrofe, ainda lemos reportagens como esta: “Países estão falhando em prevenir violência contra crianças, alertam agências²⁹”. Ou: “Metade das

²⁹ Reportagem: “Países estão falhando em prevenir violência contra crianças, alertam agências, 18 de junho de 2020 – Metade das crianças do mundo – ou aproximadamente 1 bilhão de crianças – é afetada por violência física, sexual ou psicológica a cada ano, sofrendo lesões, incapacidade e morte em razão do não cumprimento por parte dos países das estratégias estabelecidas para protegê-las”. [...] Relatório de status global sobre a prevenção da violência contra crianças exige mais ações dos

crianças do mundo – ou aproximadamente 1 bilhão de crianças – é afetada por violência física, sexual ou psicológica a cada ano, sofrendo lesões, incapacidade e morte em razão do não cumprimento, por parte dos países, das estratégias estabelecidas para protegê-las”. A cada leitura, soma-se mais política em movimento que de “doação”. Grito, mesmo que ainda baixinho, agora, me parece que não tão calada.



Preciso sentir o ar, mesmo que seja sufocante, pois neste mês, foi meu Aniversário. 29 anos, uma carreira sendo desrespeitada brutalmente. Para poucos, *profissionais eficientes* em meio à pandemia; para outros, *vagabunda*. É como nossa profissão está sendo considerada. Infelizmente, escuto burburinho do senso comum da comunidade e das notícias, nos sites, no Instagram piadas de que estamos em casa deitadas na cama, assistindo TV, comendo sobremesa, vendo sessão de cinema com pipoca, de férias. O que vivo não são férias. Escuto das colegas da escola é que estamos sobrecarregadas com os filhos, a casa, o lazer, que são divididos junto às demandas de responder pais no *Whatsapp*, interagindo nos ambientes virtuais com as coordenações, secretarias, crianças da escola. As formações continuadas de professoras são todas via *Meet* ou *Youtube*. Agarradas ao relógio, trabalhamos e ficamos com algumas merrecas. Professora alfabetizadora ganha merreca!



governos e alerta para o ‘impacto dramático’ da Covid-19 [...]” Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6201:países-estao-falhando-em-prevenir-violencia-contra-criancas-alertam-agencias&Itemid=820. Acesso em: junho de 2020.

As mudanças geradas pela pandemia, na escola, trazem a nós, professoras, uma sobrecarga de trabalho, em especial com o preenchimento de tabelas, dados e a papelada burocrática. Ainda temos uma pressão social especial: alfabetizar crianças sem poder estar com elas. Enviamos atividades, aplicamos atividades.

27 DE JULHO

Como esquecer! Durante a transmissão ao vivo pela internet, numa quinta-feira, vinte e três de março, o Presidente da República, Jair Bolsonaro, defendeu o uso da hidroxicloroquina e cloroquina no combate ao novo Coronavírus. Disse ele que o fármaco não tem efeitos colaterais. Incentiva o que tem chamado de “tratamento precoce”: uma série de medicamentos sem comprovação de eficácia contra a Covid comprovada que vem fazendo parte dos discursos, lives e demais aparições públicas em que fala o presidente. Na reportagem do canal da CNN Brasil³⁰, Bolsonaro diz: “O pânico é uma doença pior do que o vírus”. Alguns governos erraram na dose”. Ele “[...] ainda afirmou que se deve deixar de lado medidas que deixem a população assustada e prejudiquem empregos”. Emerge um discurso incentivando que as pessoas descumpram as normas sanitárias.



As posições políticas deste governante têm me feito estudar o texto “Necropolítica: a política da morte em tempos de pandemia”, de Eduardo Gudynas³¹, o qual tem ocupado minhas quintas-feiras à noite no curso

³⁰ Reportagem: “Bolsonaro ainda afirmou que se deve deixar de lado medidas que deixem a população assustada e prejudiquem empregos.” Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/03/23/bolsonaro-diz-que-panico-e-doenca-e-defende-mudanca-em-legislacao-do-trabalho>>. Acesso em: julho de 2020.

³¹ Conforme Eduardo Gudynas (2021): “Esse conceito serve para descrever ao menos três características: ocorre em um contexto onde o estado de exceção passa a ser uma nova normalidade,

sobre Necropolítica. Nos encontros, sinto insegurança sobre estes temas, mas “a palavra percorre todo o espaço e chega às minhas células [...]” (KAHLO, 2017, p.201) como fonte de potência para a escrita. Estamos ativos: queremos respiração, outra política. A política está sendo “[...] um enorme rancor do câncer capitalista [...]” (DELIGNY, 2018, p. 19) facilmente sobreposta à vida.



É preciso que a leitura e a escrita sejam gestos de resistência neste diário para questionar o dado do mundo, como escreveu Kahlo (2017). Eu tentando me colocar dentro da escrita deste texto sobre alfabetização. Me chateia escutar em alguns boatos acadêmicos que não faço relações corretas de pesquisa. Que relação correta é essa? Esse diário, o que faz?



Sigo enxergando ruas vazias. Vazias das pessoas que estávamos acostumados a ver: aquelas fazendo exercícios, encontrando os amigos, as famílias passeando, restaurantes lotados. Vejo muitas mais comunidades marginais perto da cidade, barracos, mendigos, os rostos estão apagados, há cicatrizes da fome.



a política se concentra em decidir sobre o deixar morrer e repete uma narrativa de uma guerra perpétua contra todos os tipos de inimigos.” Ainda: “A ideia de necropolítica foi cunhada anos atrás pelo camaronês Achille Mbembe, para descrever a onda de violência global, a partir dos atentados às Torres Gêmeas, em Nova York.” Também: “É que a política tradicional, que para além de suas falhas e contradições buscava assegurar a vida, está sendo substituída por uma que deixa morrer. É uma política que diferencia entre vidas resgatáveis e outras que são descartáveis.” Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/608461-necropolitica-a-politica-da-morte-em-tempos-de-pandemia-artigo-de-eduardo-gudynas>. Acesso em: julho de 2021.

Nós, professoras, tentamos permanecer acordadas, mesmo no cansaço. Em meio à divergência de opiniões em relação às condutas de combate à pandemia, estamos sobre a vigilância dos decretos, corpos dóceis escolares à de decisões verticais do sistema que institucionalizou a política dos decretos em meio à pandemia. Como sinaliza Deligny (2018, p. 106): “Os ‘dóceis’ desistiram. Os outros, os impossíveis, vivem quase sem comer, procuram trabalho, encontram algum”. O vagabundear constitui-se pela ética de resistir de modo marginal.



No meet, rostos invisíveis, câmeras desligadas. Cai o sinal, outros não têm acesso, entro em um *looping* de começar a aula, parar porque alguém não escuta, recomeçar quando outra criança entra na chamada e recomeçar e recomeçar e recomeçar e esperar e esperar e esperar incontáveis vezes numa tarde. Fundo com barulhos. Sons de telenovelas, músicas, mães fazendo janta, pai tomando banho, famílias tendo discussões, pessoas falando alto.



À noite, pelos bares, restaurantes, botecos, muitas pessoas circulando nas ruas. Escuto de alguns que desacreditam do isolamento, maldizem a quarentena, encontro pessoas sem máscaras. E o vírus!?



Lição método sintético pandêmico - V de vírus

Va-ve-vi-vo-vu



vassoura - vírus - vapor
 vagar - vagabunda - vírgula
 vento - vagalume - véu
 vigor - vocabulário - vontade
 vedado - vida - vice-versa
 valor - vantagem - vácuo
 vazio - vergonha - virgem
 vexame - vadia - vítima
 voz - vertigem - virilidade
 violento - voto - vintém
 veneno - víbora - vicioso



29 DE JULHO

Uma das manchetes de 20 de julho que caiu nas minhas mãos nesta segunda-feira foi: “OPAS insta países a intensificar esforços para impedir maior propagação da COVID-19 entre povos indígenas³²”. Apesar de reforçarem os cuidados, os números de mortos pela Covid-19 estão crescendo de maneira absurda (sem considerar a sub-notificação). “Os povos indígenas de vários países das Américas estão enfrentando um

³² Reportagem: “OPAS insta países a intensificar esforços para impedir maior propagação da COVID-19 entre povos indígenas, de 20 de julho de 2020. – A OPAS analisou a situação da COVID-19 entre populações indígenas em vários países. Na Bolívia, foram registrados 31.249 casos e 1.135 mortes. O Brasil registrou 7.946 casos confirmados e 177 mortes entre povos indígenas no país. O Canadá teve 334 casos confirmados em cinco províncias, incluindo seis mortes. Em 6 de julho, 1.534 casos confirmados foram notificados, 73 deles fatais, entre os colombianos indígenas, enquanto 4.498 casos foram confirmados no Equador, incluindo 144 mortes. No México, 4.092 casos, 649 deles fatais, foram registrados em populações indígenas. Nos Estados Unidos, 22.539 casos confirmados foram notificados em 12 áreas do Serviço de Saúde Indígena. E, na Venezuela, 152 casos, incluindo uma morte, foram relatados entre os povos indígenas”. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/20-7-2020-opas-insta-paises-intensificar-esforcos-para-impedir-maior-propagacao-da-covid>. Acesso em: julho de 2020.

número crescente de casos e mortes por Covid-19, e a Organização Pan-Americana da Saúde instou as autoridades de saúde a “[...] redobrar esforços para impedir a propagação da infecção nessas comunidades, bem como garantir o acesso aos serviços de saúde”. Mais uma vez, as minorias em processo de apagamento.



Nas reuniões, entramos calados e pouco nos manifestamos. Em questões políticas e nas tomadas de decisões do planejamento das atividades, deixamos a nossa voz ser silenciada também por esse cansaço que nos sucumbe, mas acho que tem algo que já ocorria antes da pandemia. Estar vivendo em modo sobrevivência tem me deixado mais letárgica, lerda, obediente, conformada.



Há, entre nós, uma ruptura pelo cansaço. A morte pode chegar com essa catástrofe. Aliás, será que já não chegou?



Lendo o diário de Deligny (2018, p.21), retiro a citação: “[...] exploração hipócrita do homem pelo homem, a essa transpiração do tédio, a toda hierarquia preestabelecida”. Um sistema calcado num certo tédio de ir à escola... escuto na sala dos professores, embora a fala com a máscara, eu ainda escuto. O vírus não é o único medo desse momento. Há um sistema do imperativo lucrativo.



Sábado de manhã. Atordoada. Já existe vacina.



Sigo com “nenhum desejo, exceto o de andar até encontrar-se” (KAHLO, 2017, p.201) nesta escrita. No cotidiano como professora e mulher, pouco questiono, perguntas sempre foram algo de quem não sabe, estudar sobre alfabetização se reduz à aplicabilidade das atividades dos métodos, averiguar os processos políticos que ameaçam o conforto moral e social no qual estamos inseridos, sempre escuto e fico calada.

30 DE JULHO

A praça aqui na cidade é muito pequena, circulamos muito nela. É quase que ponto de encontro rotineiro. Escuto os cochichos sobre a situação relatada na notícia do portal G1³³, no dia 07 de julho de 2020, a qual declara que Bolsonaro anuncia resultado positivo de teste da Covid-19. De acordo com ele, fez o uso da hidroxicloroquina, remédio que vem defendendo como tratamento para a Covid-19. Cada vez mais, vemos a desinformação crescer e a proliferação de notícias falsas (*fake news*) e que desacreditam na ciência.



Com a xícara de café frio e amargo na mão, continuo a escrever. Leio o livro de Deligny (2018), paro e fixo olhos na p. 16: “defensores dissimulados de uma ordem social podre e ruindo por toda a parte ocupam-se das

³³ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/07/bolsonaro-diz-que-seu-exame-para-covid-19-deu-positivo.ghtml>. Acesso em: julho de 2020.

vítimas mais flagrantes dos desmoronamentos”. Camuflada está a fragilidade das mais encarecidas profissionais da educação que estão com os desejos de obediência para o envio das atividades de ensino remoto as famílias. Um tipo de conformismo nada sutil com a aplicabilidade de atividades em nome do cumprimento do calendário escolar e do ano letivo. Em meio a esse discurso de pandemia, há um combate de perguntar sobre a aprendizagem. Com uma das mãos sobre o queixo, podemos escrever sobre a burocracia de preencher as planilhas de atividades que vão e que vêm. A maioria obedece sem questionar e continuamos na escuridão da nossa própria mediocridade?

Merrecas

Fonte: Autora, 2020.

Materiais: jornal, giz pastel, régua, borracha, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

A pandemia intensificou as desigualdades e as discriminações sociais que caracterizam as sociedades contemporâneas capitalistas e deu-lhes maior visibilidade aumentando a fome e a miséria como condição da sua própria produção (PUCCI, 2020). E experimentamos o “[...] sistema capitalista que tem sido suspenso pelo vírus é a experiência frenética, exigida, produtivista do tempo que esse sistema estimulava e da qual vivia” (KOHAN, 2020, p.5).



Acompanho nesta escrita o diário dos “[...] vagabundos ineficazes, pequeno povo de solitária, alguns deles incontestáveis resíduos de homens e outras esperanças de um mundo que corre o risco constante de morrer de docilidade [...]” (DELIGNY, 2018, p. 53-54) da professora alfabetizadora que se arrisca nesta pesquisa.



Gestos políticos se espalham, as “manifestações antidemocráticas que ocorrem no nosso país, como o convencionalismo, ou seja, rejeição a outros grupos no qual o indivíduo não se sente identificado” (PUCCI, 2020). Uma “submissão autoritária de atitudes submissas, potencial antidemocrático, dedicação incondicional do indivíduo a um tipo de relação que supõe autoridade” (PUCCI, 2020) por um governo antidemocrata.

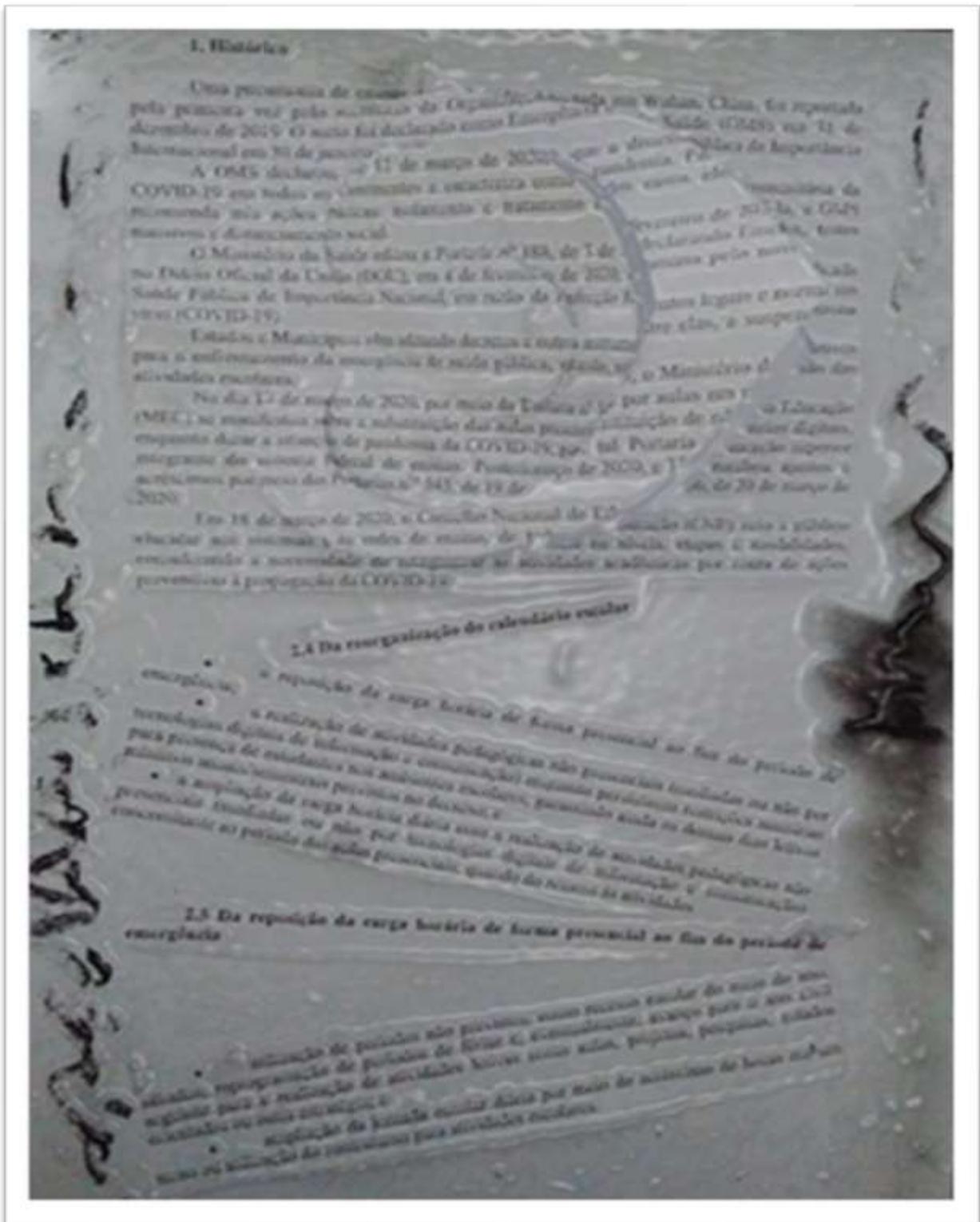
25 DE AGOSTO

O governo da desinformação tem se utilizado da internet para divulgar suas máximas de apoio ao uso de tratamento precoce, ao descrédito da ciência, ao incentivo ao descumprimento de protocolos sanitários... acham que é opinião ou que estou exagerando?



Neste período de pandemia, medidas, decretos e leis aparecem todas as semanas. A Medida Provisória nº 934/2020, posteriormente transformada na Lei Ordinária 14040/2020, flexibilizou excepcionalmente a exigência do cumprimento do calendário escolar, ao dispensar os estabelecimentos de ensino da obrigatoriedade de observância ao mínimo de dias de efetivo trabalho escolar, desde que cumprida a carga horária mínima anual estabelecida nos referidos dispositivos. Nesse sentido, em 2020, temos um ano letivo composto por aulas remotas, mediadas pelos ambientes virtuais.

Pronunciamento alavancado



Fonte: Autora, 2020.

Materiais: impressão das orientações, giz pastel, tesoura, borracha, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.



Em alguns dias, comparecemos presencialmente à escola para entregar atividades impressas aos pais. Não há como não pensar naqueles que, antes de chegar a hora do recreio, escutava:

Profe, falta muito para o recreio?

Oh, pro, o que vai de ter merenda?

Profe, tô com fome, falta muito para gente poder ir comer?

Profe, hoje a mãe se atrasou, não dá para pegar uma banana?

A fome é mais uma catástrofe. A infância com a catástrofe da fome. Entram em cena, com ainda mais força, a(s) infância(s) da responsabilidade de cuidar dos irmãos, do cuidar da casa, do vender doce na rua para ajudar na renda. Essas falas aparecem em algumas bocas tímidas, mesmo na aula pelo Meet.

Quando vai voltar a escola?

Tu vai fazer vacina?

O pai não quer fazer a vacina.

28 DE AGOSTO

Através das palavras do professor pesquisador Bruno Pucci (2020), em sua live, “A Personalidade Autoritária no Brasil em tempos de neoliberalismo e de Coronavírus: o que esperar da educação?”, ouço sobre as manifestações autoritárias do país através da escala F (letra inicial do fascismo). Ele aborda “um conjunto de características relacionadas entre si que podem indicar o potencial autoritário deste governo” (PUCCI, 2020). Critica fortemente as atitudes, postura e comportamento do presidente atual do nosso país, a falta de sentimento, um “indivíduo que pensa somente na sua etnia, em sua raça” (PUCCI, 2020). Conforme Kohan (2020, p.3) trata-se de um governo que promove “uma guerra permanente, constante, persistente, um

projeto racista, misógino, assassino que se afana em excluir todas as formas da diferença que não se encaixam nele”. Não são somente mortes da Covid-19 que estamos descrevendo aqui, mas todas as mortes, orgânicas e de pensamento, daqueles que questionam, que não se encaixam na “pátria amada”.



Percebo, aos poucos, que essa escrita não pode ter somente a voz na situação pandêmica em que nos encontramos, “[...] a guerra não é nova, pois faz parte do projeto colonizador imposto ao longo dos últimos séculos em toda a América [...]” (KOHAN, 2020, p.3). O estado de pandemia somado ao projeto de governo que constitui o “[...] instrumento dessa necropolítica, quase como uma oportunidade de consolidar a política da morte de forma mais rápida, segura, econômica” (KOHAN, 2020, p.3). Morte submetida ao projeto de nação marcado pela morte: “E daí, Bolsonaro!³⁴” (PUCCI, 2020).



Pandêmico, o vírus como projeto pensado para incrementar a necropolítica, a política de e pela morte, vale tudo! Filas nos postos de saúde, macas nos corredores dos hospitais e cemitérios com caixões fechados. A política que mata também decretou a “[...] morte, pelo menos temporariamente, das escolas: as deixou sem vida interna, sem cheiros, sabores, sem ar.” (KOHAN, 2020, p.5). Proliferaram discursos conservadores e ideias retroativas, nos quais o vírus seria uma possibilidade para não existir mais um espaço escolar, afetando diretamente a educação. Na prática, nós, professoras

³⁴ Reportagem: “E daí, Bolsonaro?”. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/08/e-dai-bolsonaro>. Acesso em: agosto de 2020.

alfabetizadoras, sabemos da “[...] impossibilidade de se fazer escola sem corpos presentes, corpos que se tocam, se abraçam, se cheiram e até se empurram e se atropelam” (KOHAN, 2020, p.5). Qual é um dos sentidos desta política da morte dentro da escola enquanto desqualifica as professoras e funcionários públicos para aproveitar o vírus e desescolarizar de vez a sociedade, tornando a educação voltada para um sistema capitalista empresarial *homeschooling*, *homeoffice*, *professora youtuber*: lucrativo para quem?



Na Revista *Veja Saúde*³⁵, do dia 18 agosto 2020, sobre “Coronavírus: primeiro caso é confirmado no Brasil. O que fazer agora?”. Relata que o primeiro caso do novo Coronavírus no Brasil foi confirmado em um homem de 61 anos, que voltou de uma viagem à Itália, onde há um aumento expressivo de casos da doença, que deu entrada no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, no dia 24 de fevereiro de 2020 — durante o Carnaval. Ele esteve na Itália entre os dias 9 e 21 de fevereiro.

31 DE AGOSTO

Uma preocupação com a saúde mental das professoras, das colegas. A burocracia escolar em meio à pandemia aumentou e está esmagando todas nós. Escuto que a sobrecarga de trabalho fora do espaço da sala de aula tem como um dos efeitos o afastamento do magistério para cuidar da saúde.



³⁵ Reportagem: “Coronavírus: primeiro caso é confirmado no Brasil. O que fazer agora?”. Disponível: <https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-primeiro-caso-brasil/>. Acesso em: agosto de 2020.

A Covid-19 se alastrou de maneira rápida. Os meios de comunicação abordam a doença a todo o momento, de forma não imaginada antes pela sociedade. Estamos enfrentando uma pandemia maior, mais assombrosa, denominada por Pâmela Carvalho de “[...] pandemia das desigualdades” (2020, p. 1). O medo de perder o sustento, do desemprego, do isolamento, da ausência de leitos no Sistema Único de Saúde e das precariedades da moradia.



Nosso mundo nunca presenciou tamanha impetuosidade. “O vírus não é democrático” (CARVALHO, 2020, p. 2), o “vírus” que governa atualmente esse país desconhece direitos sociais, especialmente dos mais pobres. Crianças em escolas públicas ainda sem nenhum apoio pedagógico.



Percebo que comecei a questionar e a problematizar a alfabetização apenas agora, aos 29 anos, quando iniciei essa escrita, quando comecei a me indagar sobre as verdades naturalizadas, os próprios clichês pedagógicos em alfabetização. Experimento algumas intervenções, mas não cirúrgicas como a Kahlo (2017).



Ligo para as meninas de Nova Prata, município vizinho: Fernanda, Fernandinha e Alice. Quero saber como estão trabalhando nos municípios em relação ao ensino remoto. Em Veranópolis, a Secretária de Educação está organizando um novo calendário, mas aguarda orientações superiores, a nível estadual. Mesmo estando neste cenário pandêmico, a Rede Municipal

de Ensino lança a plataforma: “Aprende Mais Veranópolis³⁶”. Essa nova ferramenta será disponibilizada com atividades educativas para a Educação Infantil, Educação Especial e Ensino Fundamental, do 1º ao 9º ano, elaboradas por nós, professores. Vi as fotos pelo facebook da prefeitura, o estúdio possui equipamentos de alta tecnologia para usamos e gravarmos algumas aulas tipo *youtuber-professora*.

04 DE SETEMBRO

Vidas extraviadas, vidas alavancadas, vidas desaparecidas. Vidas, lutos, funerais. Vidas assombradas, vidas vorazes, vidas esgotadas. Vidas, vozes, vez... Vida singular, vida individual, vida coletiva... Vida que grita. “Uma vida... Uma singularidade. Cada vida importa...” (Frase dos Agenciamentos Contemporâneos³⁷, no Canal do YouTube). O número de casos da Covid-19 no mundo é gigantesco. Dados mais recentes da Organização Mundial da Saúde revelam que o número de casos do novo Coronavírus confirmados oficialmente ao redor do mundo subiu para quase 20 milhões³⁸.



³⁶ A Secretaria de Educação, Esporte, Lazer e Juventude de Veranópolis lançou, no dia 29 de abril, a plataforma intitulada “APRENDE MAIS VERANÓPOLIS” para complementar as aprendizagens dos estudantes da rede municipal de ensino que estão em casa neste período de pandemia. “Neste site, serão disponibilizadas atividades educativas para Educação Infantil, Educação Especial e Ensino Fundamental, do 1º ao 9º ano”. Disponível em: <http://www.veranopolis.rs.gov.br/secretarias/20/educacao-esporte-lazer-e-juventude/242/aprende-mais-veranopolis>. Acesso em: agosto de 2020.

³⁷ O canal “Agenciamentos Contemporâneos” está disponível no Youtube e tematiza diferentes campos do pensamento.

³⁸ Dados da Organização Mundial da Saúde Américas e da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS): “Folha informativa sobre COVID-19”, no qual contém informações, orientações e documentos técnicos e científicos sobre a doença da Covid-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: setembro de 2020.

Para saber a quantas anda a pandemia em outros países, pesquisei online durante as madrugadas. Palavras de Pelbart, na live “Assombro e Esgotamento” (2020), “a catástrofe exige de nós não somente proteger a minha vida, mas a de todos no planeta”. Ou seja, precisamos ser menos egoístas e ver que a nossa vida depende da vida do outro. De nada adianta ter um acaso, um acontecimento... se não mudarmos e começarmos a pensar sobre as verdades que nos são impostas. “Há um descanso escancarado no contexto fascista” (PELBART, 2020), um avanço duplamente agressivo e devastador, a retomada de um trem na velocidade redobrada para compensar e, de certa forma, recuperar a crise da pandemia que precisou “frear” a economia. Um descaso no qual a coletividade ficou afastada das vidas humanas e dos outros seres.



Um acontecimento marcante, no qual as relações e interações entre as pessoas mudaram severamente e rapidamente desde março. “Não só não sabemos o que está por vir, como não sabemos como reagir ao que está por vir” (PELBART, 2020). Uma pandemia afeta de maneira frenética as nossas emoções, nossa saúde mental, atingindo politicamente e economicamente as pessoas e o país, aumentando e deixando mais nítida a desigualdade social instalada.



Com a xícara de café, forte e amargo, para manter-me acordada, assisti à live: Alfabetização, leitura e escrita – Sessão especial e das frases, que me fez pensar que preciso estudar mais sobre alfabetização: “É uma leitura com significado, colocar-se no mundo, estar com e para o mundo, não é o que

contempla a Política Nacional de Alfabetização” (PNA)³⁹ (RODRIGUES, 2020). “A leitura é uma ferramenta de emancipação, cidadania e autonomia, tendo em vista que vivemos em uma sociedade centrada na escrita” (RODRIGUES, 2020), contudo, isso não quer dizer que quem ainda não lê é “incompetente”. A alfabetização é liberdade de voz, de autossuficiência, de independência.



Assombração, os destroços caídos sobre uma política dentro das escolas: “Os fatos já não bastavam, devia-se olhar além deles, penetrar no significado do que acontecia” (PELBART, 2020, p. 5) mesmo desconhecendo o que se modificou, ingressamos numa continuidade e aceleração, afirmando que “a catástrofe não é para amanhã [...]” (PELBART, 2020, p. 6), já estamos inseridos nela.



Pensar nessa escrita é certamente um dos grandes desafios deste método. Escrever não é fácil, é um ato de coragem, no qual as palavras soam perigosas, precisamos ter cuidado intelectual. Escrever este texto se torna uma forma de “vagar” pelo luto. Escrever pode ser resistência pela retalhação. Resistência de uma vagabunda – alfabetizadora – pesquisadora que vaga pela escrita.

³⁹ “O presidente Jair Bolsonaro assinou, em 11 de abril, o decreto nº 9.765, que instituiu a Política Nacional de Alfabetização (PNA). O objetivo é melhorar a qualidade da alfabetização no território brasileiro e combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional. Seis componentes essenciais embasam essa política: consciência fonêmica, instrução fônica sistemática, fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos e produção escrita.” Disponível: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/pna#:~:text=O%20presidente%20Jair%20Bolsonaro%20assinou,absoluto%20e%20o%20analfabetismo%20funcional>. Acesso em: setembro de 2020.

23 DE OUTUBRO

18 de fevereiro, terça-feira... MEC lança o programa *Tempo de Aprender* para aprimorar a alfabetização no país “direcionado para a aplicação de práticas baseadas em evidências científicas nacionais e internacionais⁴⁰”. Me inscrevi no curso para ver qual era a “nova” proposta do PNA. O curso induz o método fônico como solucionador do analfabetismo, utilizando palavras de consciência fonológica, literacia, métodos fônicos, práticas de ensino da decodificação. O curso vai orientado a professora a seguir um modelo de ensino: inicia com as letras, vocabulário, escrita e leitura de palavras. O que mais me chamou atenção nesse curso é que somente no capítulo trinta e um fala-se em leitura: fluência da leitura oral – sendo que não temos nenhum capítulo abordando a leitura ou escrita de textos pela alegria, apenas escrita de palavras. Essa política foi criada pelo governo atual, lançada ainda em 2019. Ela procura convencer que eles estão lançando algo inovador, com o método fônico. O curso sugere que trabalhemos em sala de aula com um método, projeto de nação para prática de alfabetização. Um retrocesso brutal da escrita e da leitura como produção cultural (MORTATTI, 2020) e escritura em meio à vida (MATOS, 2009).



⁴⁰ “O Ministério da Educação (MEC) lançou, na terça-feira (18), o programa *Tempo de Aprender*, voltado para a formação e valorização de professores e gestores escolares do ensino fundamental e para a reformulação do material didático e avaliação de alunos em fase de alfabetização. O programa terá orçamento de mais de R\$ 220 milhões e será implementado por meio da adesão de estados, municípios e Distrito Federal. [...] foi construído com base em um diagnóstico realizado pelo Ministério da Educação, no qual foram detectadas as áreas da alfabetização que necessitam de mais investimentos. O programa conta com quatro eixos de atuação: formação continuada de profissionais da alfabetização, apoio pedagógico, aprimoramento das avaliações e valorização dos professores”. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2020/02/mec-lanca-programa-para-melhorar-alfabetizacao-em-todo-pais>. Acesso em: outubro de 2020.

Sobre o PNA, vou reler. A atual política sugere de forma indireta a utilização do método fônico em sala de aula, como se fosse um método novo. A questão não é o método fônico, nem por ser “velho” ou “novo”. Ele faz o uso de inúmeras estratégias pedagógicas no processo da aquisição das letras e sons, reduz o processo de alfabetização ao ensino da base alfabética (MORTATTI, 2021b).



27 DE NOVEMBRO

Para votar, tive que sair de casa. Me ligo, agora, nas mulheres. Após alguns dias, li a reportagem de 16 de novembro de 2020, “Cresce número de mulheres candidatas e eleitas no pleito de 2020”, disponível na página online do Senado Federal. Neste ano, “as mulheres representam 33,6% do total de 557.389 candidaturas, superando o maior índice das três últimas eleições, que não passou de 32%”. Quantas mulheres são candidatas em Veranópolis? Nem sei responder. Nunca tinha me perguntado.

Mulheres teias

Fonte: Autora, 2020.

Materiais: jornal, giz pastel, fios, borracha, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.



Acessei o *google* e digitei o site do MEC, para verificar se a notícia não era *fake news*. Abro a página e encontro com letras azuis: “Ministério da Educação (MEC) lança aplicativo gratuito para reforçar alfabetização”⁴¹, reportagem no site do governo - “Aplicativo desenvolve habilidades relacionadas aos sons da linguagem e ajuda a aprender a ler” (BRASIL, 2020). Fiquei curiosa e tive que acessar. Ao descer os dedos pela tela, li que o *software Graphogame* é uma ferramenta utilizada por vários países no apoio à preparação e ao processo para a alfabetização de crianças entre quatro e nove anos. Foi lançado em 27 de novembro, por meio da Secretaria de Alfabetização (SEALF), buscando desenvolver habilidades que ajudariam a criança no aprendizado da leitura, como a identificação de sons das letras. É uma estratégia de ensino pautada na dinâmica e no uso de jogos, sejam eles eletrônicos ou aqueles tradicionais, para aplicar os conteúdos das disciplinas escolares. Saio do site entendendo que esse aplicativo é um *game* “educativo” que desenvolve habilidades relacionadas aos fonemas (decodificação e codificação de palavras).



Mente atordoada. Ligo para a psicóloga, solicitando um remédio para dormir. Já faz três noites que não consigo dormir bem. Entre os pensamentos, está de volta a reportagem do MEC sobre a *gameficação*.

⁴¹ Reportagem: “Game educativo Ministério da Educação (MEC) lança aplicativo gratuito para reforçar alfabetização”. Publicado em 27/11/2020. “Para apoiar pais e educadores, o MEC disponibiliza um Manual de Uso do *GraphoGame*, que explica como baixar o aplicativo e como configurar as funcionalidades. [...] Uma vez instalado, o jogo funciona sem precisar de conexão com a internet. [...] O *GraphoGame* é um jogo educacional com um ambiente virtual para a aprendizagem de habilidades fonológicas voltado para crianças de 4 a 9 anos. [...] O aplicativo desenvolve habilidades relacionadas aos sons da linguagem e ajuda a aprender a ler. Surgiu, inicialmente, como uma ferramenta de apoio para crianças com dificuldades de leitura.” Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-educacao-mec-lanca-aplicativo-gratuito-para-reforcar-alfabetizacao>. Acesso em: novembro de 2020.

Lembro-me da *live* da Telma Weisz (2020a): *As descobertas na alfabetização - parte 2*”, a criança “se dá conta que tem que fazer uma correspondência termo a termo entre pedaços do que ela estava falando e entre pedaços do que ele estava escrevendo”. Diz Telma (2020a) que “a criança ouve a menor unidade, que é a sílaba, não ouve os fonemas, e sim as vogais isoladas; porém, as consoantes necessitam de uma vogal para serem emitidas. [...] Para aprender a escrever num sistema alfabético, você tem que fazer uma construção que tenha uma lógica, mas que não é perceptível, você não ouve a unidade de som que corresponde à letra”. O sistema alfabético tem uma noção básica de composição da cultura escrita, do texto significativo.



Observa-se que a aprendizagem da leitura e da escrita não são isentas, desconexas das práticas sociais, culturais, econômicas e políticas nas quais o estudante está inserido. Ler e escrever são práticas relevantes. “A alfabetização não é um campo neutro nem faz parte somente do regime de signos linguísticos, da representação [...]” (MATOS, 2014a, p. 175) da língua como método sintético e ou analítico. A linguagem é poder, é território de significações. *Gamificação* na alfabetização produz que cultura de escrita e leitura? Fico receosa, já que o comportamento do governo atual demonstra querer substituir o ato de ler em meio à vida por um que reproduz aulas voltadas para o ensino da base alfabética.

21 DE DEZEMBRO

Preciso retornar para a casa na colônia. Saudades de ar puro, cheiro das línguas tagarelantes embaixo das parreiras de uva. É do parreiral que minha família tira o sustento, foi do cultivo da uva que saíram os recursos para pagar os estudos. Nos reunimos para celebrar a colheita e para lamentar as perdas quando o clima não favorecia todo o esforço e investimentos:

geada tardia, seca, temporal, chuva de pedra. Nossos corpos estão vivendo tempos frágeis e assustadores. Mesmo morando na colônia, meus pais têm medo.



Sensação de morte: “Frágil, filme, conceitos, valores, morte e vida”, fala do dia 14 de dezembro de 2020, pela professora e artista Paola Zordan, cineasta Fredericco Restori⁴² e filósofa Marcia Tiburi. Aqui, colhendo as uvas, sinto o cheiro da fragilidade, o silêncio das nossas bocas, a preocupação da saúde dos que amamos.



Aqui no parreiral, alguns cachos, devido à chuva em excesso, ficaram frágeis, com seus grãos murchos e sem vida. Me recordo da fragilidade do nosso estado com a vida. Veranópolis e municípios próximos também. O Modelo de Distanciamento Controlado do Estado do Rio Grande do Sul⁴³, que aconteceu através de cores de bandeiras, propunha mais ou menos distanciamento e reclusão dependendo dos níveis de propagação do vírus. Porém, o que se viu foi o descumprimento de muitas normas pelas pessoas.

⁴² Live: “Frágil, filme, conceitos, valores, morte e vida”, realizada no dia 14 de dezembro de 2020 pela professora e artista Paola Zordan, o cineasta Fredericco Restori e a filósofa Marcia Tiburi. “Frágil” constrói uma colagem audiovisual, com imagens de realismo fantástico, revelando a poesia dilacerante da solidão das cidades ameaçadas pela pandemia e pela melancolia de memórias que realçam nosso delicado e frágil estado de efemeridade”. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/arteagenda/curta-fr%C3%A1gil-de-frederico-restori-ganha-exibi%C3%A7%C3%A3o-hoje-no-brasil-e-na-fran%C3%A7a-1.537426>. Acesso em: dezembro de 2020.

⁴³ O Modelo de Distanciamento Controlado do Rio Grande do Sul “foi construído com base em critérios de saúde e de atividade econômica, sempre priorizando a vida. Criou-se um sistema de bandeiras, com protocolos obrigatórios e critérios específicos a serem seguidos pelos diferentes setores econômicos. Conforme o grau de risco, cada região recebe uma bandeira nas cores amarela, laranja, vermelha ou preta”. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos-estaduais/modelo-de-distanciamento-controlado-do-rio-grande-do-sul>. Acesso em: dezembro de 2020.

Frágil, que podemos considerar um mero adjetivo da língua portuguesa, torna-se um adjetivo com potência, como no filme *Frágil*, de Fredericco Restori (2020), no qual a trilha sonora leva a repensar o valor da vida, mostrando as marcas da fragilidade que nosso corpo carrega. O filme nos faz ver resquícios de um certo estranho, com “vários elementos que nos tencionam para sermos frágeis” (ZORDAN, 2020). Frágeis, assim como quem faz retalhação, pedaços que precisam se tornar um método em uma escrita para que não percam sua potência de banalizar a vida desta pesquisa.



Ainda sobre a fragilidade desta pesquisa diante da fragilidade da vida do parreiral, da vida da professora que vê a morte chegar. “Momentos de fragilidade reconciliam com a nossa condição frágil e nos autorizam a reconciliar com a própria e com a fragilidade da vida” (ZORDAN, 2020). A fragilidade que estamos vivendo nos restringe e impõe a condição deprimente de não podermos nos despedir das pessoas que amamos, deixando-nos mais expostos à vulnerabilidade e ao sofrimento. Frágeis quando colhemos uva e a chuva cai em nossas cabeças, mas a gente continua a colher, tem que ser no dia marcado para aquela folha em que está registrada a data da carga. Ela também morre.

20 DE MAIO

Na noite de segunda-feira, mês passado, carreata de pais⁴⁴ reivindicando a volta às aulas, carros lotando a avenida do centro de Veranópolis com

⁴⁴ Reportagem: “Carreata reivindicando volta às aulas presenciais está sendo realizada em Veranópolis. – Uma das organizadoras comenta: A nossa principal reivindicação é que a educação possa estar entre os serviços essenciais, o que vai permitir [...] que elas possam atender as crianças e os adolescentes que precisam de aulas presenciais”. Disponível em: <https://www.studio.fm.br/2021/02/carreata-reivindicando-volta-as-aulas-presenciais-esta-sendo-realizada-em-veranopolis/>. Acesso em: maio de 2021.

som pedindo o retorno das crianças às instituições. Pessoas fazendo protestos querendo as escolas abertas.



Surto da Covid-19 nas escolas de educação infantil. Seguimos sem vacinas. Qual é a professora que está preparada para voltar à sala de aula? Ouço as reportagens de Manaus⁴⁵ em relação à saúde pública que padece de falta de recursos e de estrutura na área, um problema que vem se alastrando há anos.



Em Manaus, acabou o oxigênio. É triste ver as reportagens de mortes⁴⁶ quando explodiu um colapso nos hospitais, vendo fileiras de caixões, sem uma despedida desce aos entes que amamos, sem leitos, sem aparelho de respiração, pessoas nos corredores com insuficiência de aparelhos EPIs. Esquecidos, jogados em uma vala.



⁴⁵ Reportagem: “Governo de Minas admite risco de falta de oxigênio e anestésicos. Ao menos 13 municípios mineiros registraram desabastecimento ou escassez dos insumos nesta terça-feira (16/3)”. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/03/16/interna_gerais,1247212/governo-de-minas-admite-risco-de-falta-de-oxigenio-e-anesteticos.shtml. Acesso em: maio de 2021.

⁴⁶ Reportagem: “Mortes no Brasil em 24h equivalem à soma dos outros países do top 10 Brasil registrou 3.780 óbitos por COVID nas últimas 24 horas; total somado de EUA, Itália, Polônia, Rússia, Índia, França, Ucrânia, Hungria e Alemanha é de 3.742”. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/03/30/interna_nacional,1252265/mortes-no-brasil-em-24h-equivalem-a-soma-dos-outros-paises-do-top-10.shtml. Acesso em: maio de 2021.

É imperativo que essa escrita-retalhação seja também de grito por Manaus. Manaus tem sido a externalização da política de morte, necropolítica, de governo que investe na morte. Cenas de filme de terror. O sistema de saúde no Brasil tornou-se um território de “abate”. O discurso de Manaus assusta, “se tu foi internado, tu vai ser internado pra morrer⁴⁷.” Mosaico catastrófico.



O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, publicou (obrigado pelo judiciário) em abril 2021, o requerimento da criação da CPI⁴⁸ da Covid-19, no qual estipula que serão investigadas ações e omissões do governo federal no enfrentamento da pandemia e no colapso da saúde no estado do Amazonas no começo do ano⁴⁹. Microfones, verdades, mentiras, vexame. Dinheiro que poderia ter salvado vidas se o governo brasileiro tivesse levado mais a sério a pandemia, como diz Pelbart (2020) “desconstitui a mais sínica desresponsabilização do poder público em relação à saúde”. Depoimentos arrepiantes, falas contraditórias, governos que gostam dos relatórios registrados, com anotações diante de um microfone para se manterem acobertados, mas que desviam as perguntas, não assumindo suas responsabilidades. No senso comum, a CPI tornou-se o *Big Brother* da política partidária no Brasil. Encerrou-se em outubro.

⁴⁷ Fala de Lino João na reportagem: “Amarga realidade: o colapso do SUS em Manaus na pandemia de coronavírus, com mais de 100 óbitos por dia e mais de 30 óbitos em casa de residentes”. Disponível no site: <https://www.youtube.com/watch?v=OTycBm4N8to>. Acesso: maio de 2021.

⁴⁸ A sigla CPI significa Comissão Parlamentar de Inquérito e é definida como uma investigação conduzida pelo Poder Legislativo.

⁴⁹ Reportagem: “CPI da Covid é criada pelo Senado. – Girão afirmou que o objetivo de seu requerimento não é investigar estados e municípios, mas apenas a aplicação de recursos federais com possíveis desvios ou irregularidades, como superfaturamentos.” Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/13/senado-cria-cpi-da-covid>. Acesso em: maio de 2021.



Cadeiras confortáveis, gravatas e provavelmente perfumes importados... No depoimento, Pazuello⁵⁰, ex-ministro⁵¹ de Saúde falando (silenciando) sobre a atuação do presidente.



Corpos jogados aos ratos, esquecidos em bueiros, esmagados em ruas abandonadas, sarjetas. Mentos tumultuadas. Mentos com medo. Mentos achando que a pandemia acabou. Deitada ouvindo a rádio para tentar ouvir alguma reportagem que fizesse o Brasil se movimentar, ouço que a “OMS emite sua primeira validação de uso de emergência para uma vacina COVID-19 e enfatiza a necessidade de acesso global equitativo⁵²”. “A Organização Mundial da Saúde (OMS) listou hoje a vacina de mRNA Comirnaty COVID-19 para uso emergencial, tornando a vacina Pfizer / BioNTech a primeira a receber validação de emergência da OMS desde o início do surto, um ano atrás”. Fico imaginado se as pessoas menos favorecidas, as mais frágeis, terão direito à vacina.

⁵⁰ Reportagem: “Ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello é nomeado para novo cargo no governo Bolsonaro, G1 Política”. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/01/ex-ministro-da-saude-pazuello-e-nomeado-para-novo-cargo-no-governo-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: maio de 2021.

⁵¹ Reportagem: “Ele mentiu muito’, diz relator sobre primeiro dia de depoimento de Pazuello. [...] O senador Renan Calheiros (MDB-AL) afirmou que o ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello ‘mentiu muito’ em seu depoimento à CPI.” Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57174281>. Acesso em: maio de 2021.

⁵² Reportagem: “A OMS emite sua primeira validação de uso de emergência para uma vacina COVID-19 e enfatiza a necessidade de acesso global equitativo”. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/31-12-2020-oms-emite-primeira-validacao-uso-emergencia-para-uma-vacina-contra-covid-19-e>. Acesso em: maio de 2021.

23 DE MAIO

Dramas humanos, pessoas que choram em favelas e vilas esquecidas. Morte e fome assombram a face das pessoas em choros e risos. Falta de condições humanas, escassez de comida. Um país democrático, no qual o voto é lembrado nas eleições, porém largado à sarjeta após a “elite” se eleger. Uma sociedade eleita que esquece dos direitos humanos, usa o povo para trabalho e para sustentar o sistema capitalista. Assim como um romance, no primeiro mês: amores e promessas, fidelidade, romantismo e flores; com o passar do tempo, um bom dia forçado e nem boa noite, assim como estou hoje com o meu namoro.



Após a aula presencial, li uma carta que me chocou na net, na G1, na qual ex-coordenadores do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic) criticam a decisão do governo de não tornar público um estudo que traz evidências de resultados positivos da política, lançada em 2012⁵³. O bom planejamento de políticas públicas passa pela análise desses dados coletados, assim como a execução de avaliações do contexto educacional vigente. Através desses dados, esse programa oportuniza as professoras de alfabetização, formação continuada em parceria entre a União, estados e municípios, por meio de universidades federais. A formação continuada acontece, pois dá ideias as professoras e proporciona ferramentas para auxiliar no processo de aprendizagem de leitura e escrita com as crianças. Alterar documento como o Decreto nº 10.696, de 6 de maio de 2021,

⁵³ Reportagem: “Ex-coordenadores de Pacto pela Alfabetização e servidores do Inep criticam ‘censura’ a estudo com impactos positivos da política. ‘Falta de divulgação de dados sobre as políticas públicas significa a negação do direito ao acesso à informação e dificulta a realização de avaliações consistentes’, afirmam os ex-coordenadores”. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/05/10/ex-coordenadores-de-pacto-pela-alfabetizacao-e-servidores-do-inep-criticam-censura-a-estudo-com-impactos-positivos-da-politica.ghtml>. Acesso em: maio de 2021.

sem um respaldo de conhecimento e sem transparência, é perigo iminente, é uma catástrofe.



Bato o ponto, coloco o jaleco azul, prendo os cabelos e visto a máscara. Metade fica conectada na sala e outra metade conectada nos celulares em casa. O pátio vazio. Silêncio pelas paredes da sala dos professores. O computador o dia inteiro ligado.



Depois de tanta espera, em uma manhã congelante, recebi a primeira dose da vacina contra a Covid-19. Horas depois da vacina, tive efeitos colaterais, como sintomas gripais, febre, dor de cabeça, secreção do nariz, dor de barriga, cansaço extremo.



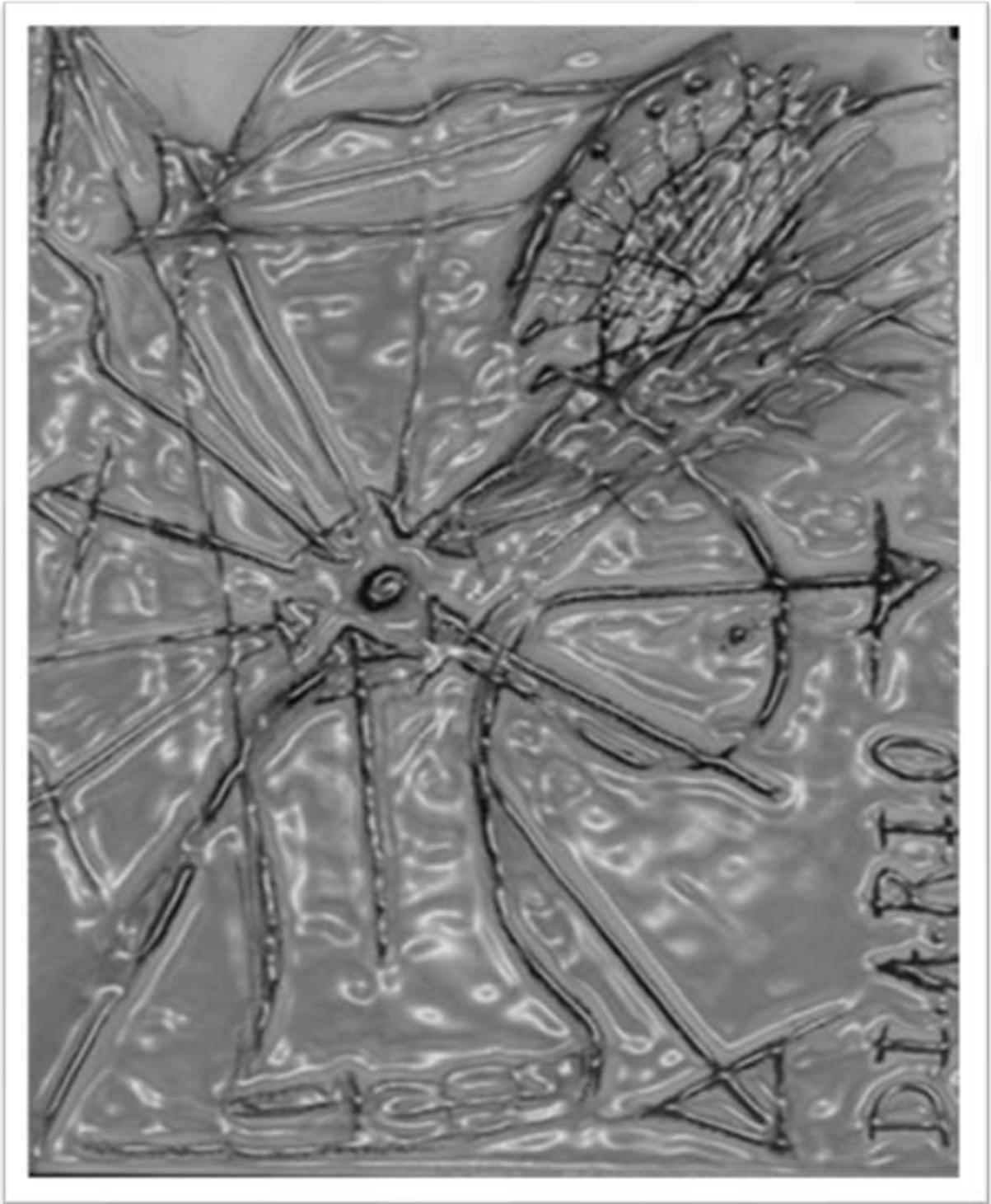
Pensando, agora, em retalho, a declaração do Deputado de Barros⁵⁴, que fez uma crítica infeliz e infundada aos professores: “Só a professora não quer trabalhar na pandemia”. Percebo o quanto não somos valorizadas.



⁵⁴ Reportagem: "Só o professor não quer trabalhar na pandemia - diz Ricardo Barros, líder do governo na Câmara. Em entrevista à CNN Brasil, o parlamentar disse que os educadores estão prejudicando as crianças ao não se 'modernizarem.'" Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2021/04/20/so-o-professor-nao-quer-trabalhar-na-pandemia---diz-ricardo-barros--lider-do-governo-na-camara.html>. Acesso em: maio de 2021.

Faltam 21 dias para o meu aniversário para poder dizer trintei! Céu, claridade, ar. Estou triste, assistindo às últimas notícias da CPI, então não tive muito ânimo para comemorar. É muito desanimador, parece mais uma lavagem de mentiras e hipocrisias, fazendo o povo de idiota. Chega a me dar ânsia. “A pandemia da Covid-19 serve como uma lupa que ajuda a escancarar as fragilidades e as contradições brasileiras” (ALBUQUERQUE, 2021).⁵⁵Deitada no sofá, sigo assistindo à CPI, ‘Me reservo ao direito de ficar calada’.

⁵⁵ “A IFA é a sigla para o chamado Insumo Farmacêutico Ativo. É o cerne das vacinas, o principal insumo de todos os medicamentos que lhes confere atividade farmacológica. É ele quem vai ativar nosso organismo para produzir anticorpos caso nosso corpo seja realmente infectado por um vírus. O Brasil tem uma forte dependência externa em torno da importação dos IFA. Essa dependência se dá principalmente pela extinção, nos anos 1990, de medidas de proteção à produção interna de IFA, incluindo aqui os insumos para vacinas. No dia 19, com o general Pazuello não foi diferente”. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/609591-a-estetica-da-delinquencia>. Acesso em: maio de 2021.

LUA CHEIA*Fúria latente*

Fonte: Autora, 2020.

Materiais: folha de ofício, giz pastel, borracha, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

05 DE JULHO

É lua cheia “[...] quando todo o hemisfério iluminado está voltado para a Terra, cerca de sete ou oito dias após o Quarto-Crescente” (FARIA, 1987, p. 73). O que se vê e o que se ouve através do rádio e da TV, neste momento, são o vazio e o silêncio, embora vestidos de muitas notícias sobre o vírus, as mortes, a vacina, as falas do governo. Sei que há também vozes de escola, aquelas que estão afobadas e preocupadas com o dia de amanhã, com a aprendizagem da criança.



Em Veranópolis, a direção das escolas e a Secretaria Municipal de Educação tentando cumprir a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que demanda, no mínimo, 800 horas-aula e 200 dias letivos.



*Covid-19, linearidade
Cuidados especiais
Ambientes virtuais
Aprendizagem?*



Já estamos em 05 de julho de 2020, seguimos diante de um cenário de incertezas. Os meses foram passando, novas e severas restrições aos setores comerciais, industriais e de lazer do município, sem data prevista para o

retorno das atividades letivas, sendo prorrogado o ensino remoto até quando se fizer necessário.



Para as alfabetizadoras, não há descanso: o celular não silencia. Nós estamos trabalhando 24h por dia, 7 dias por semana. 24/7. Ao disponibilizarmos nosso número pessoal do *Whatsapp*, estamos o tempo todo conectadas. Quais os tipos de atividades de alfabetização que vamos elaborar no ensino remoto?



Decreto Executivo nº 6.635



Fonte: Autora, 2020.

Materiais: impressão do decreto, giz pastel, régua, borracha, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

07 DE JULHO

Há quase um mês, o ensino remoto “atingiu” as turmas. Aos poucos, foi “introduzindo” atividades para as turmas do 1º ano. Ao longo das semanas, o número de horas-aula foi aumentando. Inicialmente, tinham duração de meia hora via *Google Meet*, depois de uma hora. A existência é diferente em cada casa. Há famílias numerosas, com várias crianças, pais que trabalham fora o dia todo e que contam com apenas um aparelho celular, muitas vezes sem conexão à Internet.



Durante essa primeira semana, é ofertada a cesta básica constituída pelos itens da merenda escolar. Toda a comunicação entre a Secretária de educação e os pais ou responsáveis se dá pela rádio local e redes sociais. A escola mediava os avisos através de mensagens pelo *Whatsapp* para o grupo dos pais e orientava as professoras também de forma remota por meio de reuniões virtuais. Apesar da orientação para as crianças ficarem em casa, a movimentação na escola, a cada quinze dias, rompe o silêncio das ruas vazias, meninos e meninas correm para abraçar a professora, pedindo pelo retorno as aulas e são barradas por uma mulher paramentada que pouco lembra os dias alegres que vivemos no início de março. Os rostos nem sempre cobertos por máscaras eram de crianças desconhecidas.



Inúmeras são as atividades escolares ofertadas mimeografadas, algumas de forma organizada e metódica, sistematizadas nos livros didáticos, ou em folhas de exercícios reproduzidas por “xerox”.



Ficar em casa era detestável, pois meu avô bebia demais, fazendo com que nos escondêssemos do paiol (lugar onde eram guardadas as palhas). Várias vezes, um pouco antes do almoço, quando ele enchia literalmente o “cu de trago”, ficava agressivo e virava a mesa com tudo o que tinha em cima. Eu ficava sem almoço, porque todos, inclusive meu pai, minha avó e minha mãe, ficávamos com medo e ninguém mais comia. Esperávamos ele sair de casa e ir dormir dentro do fusca ou no porão. A fuga desta experiência era ida para escola. Imaginei se tivéssemos tido pandemia quando eu era criança.



Algumas turmas que puderam contar com a participação das famílias, fizeram encontros virtuais três vezes por semana, com períodos de 1h a 1h30min; outras turmas, duas vezes por semana, algumas dentro do horário escolar, 13h às 17h. Em função da demanda dos pais, que saem de casa com o celular para trabalhar, precisamos readequar os horários conforme a necessidade da turma, oferecendo, muitas vezes, aulas virtuais no turno do vespertino, estendendo ainda mais nossa rotina de trabalho. Na escola, principalmente as diretoras, sempre estavam presentes, no caso de algum estudante precisar se deslocar à instituição para ter acesso aos notebooks ou à Internet.



Estudo sobre alfabetização. Retomo o escrever, centrado no pensamento de Geraldini (2021), aquele que anotei enquanto assistia à *live*: “discurso de quem escreve, de quem produz a ideia, [de quem] se faz presença. [...] Só temos que ter cautela para não cair no treino da língua, um texto com perguntas e respostas para a escola e para a professora corrigir”. Muitas vezes, lembro de ouvir no ensino fundamental, quando escrevia redações de português: “ah, é só encaixar no texto que combina”.



Quando eu passo pelo corredor da escola, vejo que as crianças sabem muito de linguagem e de escrita e nós, enquanto instituição, é que desconsideramos o que elas sabem. Deletamos que trazem uma experiência de fora dos muros da escola. Lembro que ao chegar na escola da “cidade” pela primeira vez, a professora iniciou logo com as letras, pois ela acreditou que eu não sabia nada da linguagem e nem da língua escrita.



Retomo os retalhos que fiz das aulas de quarta-feira, reunida com as colegas de mestrado e a orientadora para debatermos sobre a alfabetização. Em um dos debates, comentou-se como dois regimes de signos, linguístico e psicolinguístico, ambos são voltados para as pedagogias de alfabetização (MORTATTI, 2021b).

05 DE AGOSTO

Os estudos da pedagogia do construtivismo... o professor é planejador/ problematizador de situações de investigação, já o discente é sujeito ativo, interage com os outros e com os objetos de conhecimento permanente de estruturação/ reestruturação de esquemas mentais. Dentro dessa abordagem, existe respeito ao ritmo de aprendizagem, o erro é visto como algo construtivo e tem seu potencial, assim como afirma Matos (2009, p.28): “O erro é construtivismo; o sujeito é cognoscente; se aprende a ler e a escrever e a escrever lendo e escrevendo; ler não é decodificar, e escrever não é copiar”. Além disso, envolve aspectos intelectuais e afetivos no processo de aprendizagem da criança.

*Ação do sujeito = professora mediadora
Compreensão da realidade e mediadora*

Sujeito e realidade a ser apreendida

Sujeito= realidade =interação= sujeito e objeto de conhecimento

Conhecimento= interação entre sujeito e objeto



O desafio da alfabetizadora nesse mundo pandêmico me intriga. Assisti às lives de Telma Weisz, em especial “Práticas de alfabetização no contexto remoto”, de 24/06/2020. Ela afirma que “através da interação virtual, carecemos de elaborar atividades de alfabetização que almejem ler e escrever com sentido” (WEISZ, 2020b). A criança não aprende com um conjunto de atividades soltas.



Uma das atividades de alfabetização mais importantes, para Telma Weisz (2020b) é a leitura da lista de chamada: “a cartilha do 1º ano é a lista dos alunos e com a lista dos alunos e com o esforço que esses alunos fazem para dominar essa lista eles aprendem a ler e a escrever”. O conhecimento é construído pela criança com atividades da cultura de cada uma.



Entre minhas anotações: em 1934, Manoel Bergstrom Lourenço⁵⁶ escreveu e publicou os Testes ABC, material utilizado na educação brasileira por quarenta anos, sendo a sua última edição em 1974. Era usado para

⁵⁶ “Educação entendida como um conjunto de técnicas de adaptação das novas gerações às necessidades regionais e históricas; escola como instituição social como função socializadora; alfabetização, como instrumento de aquisição individual de cultura e envolvendo, do ponto de vista funcional, aprendizagem simultânea da leitura e escrita; estas entendidas como comportamentos que integram o conjunto de técnicas de adaptação; educação popular e alfabetização, ambas como anseios da época [...]” (MORTATTI, 2000, p. 146/147).

verificação por níveis de maturidade necessária à Aprendizagem da Leitura e da Escrita. O autor, na época, “partindo da necessidade de enfrentar o problema do fracasso escolar, indicado pelas altas taxas de repetência no 1º grau (atual 1ª série) [...]” (MORTATTI, 2000, p.147), elaborou os testes de maturidade para classificar em que nível a criança se encontrava para aprender a ler e a escrever.



Já estamos em agosto de 2021, quase um ano de luto pelas mortes da Covid-19. Verão. Volto ao diário de Kahlo (2017) e dele sempre retiro algo para a pesquisa, agora, diz ela (ou parece eu): “Minha vontade é forte / Minha vontade permanece” (KAHLO, 2017, p.261).



O termo alfabetização surgiu no início do século XIX em decorrência da organização de um sistema público de ensino. Mortatti (2000) aborda em seu livro *Sentidos da alfabetização* os significados que foram atribuídos à palavra em São Paulo, entre 1876 e 1994 e a questão da alfabetização em sala de aula e nas políticas públicas ficaram sobre o poder dos métodos de ensino da leitura e escrita.



Ainda posso ouvir aqueles sons, ruídos das discussões das alfabetizadoras na sala dos professores, nos corredores... que atividades de alfabetização vou “utilizar” no ensino remoto? Estão todos lendo (os teus estudantes)? Agora, depois desta experiência na pesquisa, percebo que “o método de alfabetização nunca foi problema e nem solução! A alfabetização é de ordem política” (MORTATTI, 2021a). A partir da política de alfabetização,

decretada em 11 de abril de 2019⁵⁷, o método fônico é colocado como solução do problema para o ensino. O método não prioriza a linguagem escrita; primeiro, o ensino da língua, como palavra de ordem dada as alfabetizadoras.



Passei alguns anos da carreira docente sem compreender conceitos básicos de alfabetização. Nunca estudei autores clássicos como Piaget, Vygotsky, Luria.

Luria, em 1932, descreveu o desenvolvimento da escrita da criança, dando continuidade aos estudos da teoria histórico-cultural (ou sócio-histórica) de Vygotsky. “[...] Ele focaliza como a produção histórica da escrita (sociogênese) atravessa os processos mentais da criança [...]” (MATOS, 2009, p. 33), entretanto ainda não sei sobre isso.

07 DE SETEMBRO

Continuo as leituras sobre alfabetização. Ela tem sua face mais visível em relação a métodos de alfabetização, em torno dos quais, principalmente desde o final do século XIX, houve uma tensão entre o “velho” e o “novo”, sempre entre os métodos ora sintéticos, ora analíticos.

⁵⁷ “Decreto nº 9.765, de 11/04/2019, assinado pelo Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, e pelo Ministro de Estado da Educação, Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub, destaca as seguintes informações: “[...] conceitos: I - alfabetização - ensino das habilidades de leitura e de escrita em um sistema alfabético, a fim de que o alfabetizando se torne capaz de ler e escrever palavras e textos com autonomia e compreensão; [...] Literacia: conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionadas com a leitura e a escrita e sua prática produtiva. [...] (Art. 2º.) Princípios: fundamentação em ‘evidências provenientes das ciências cognitivas (Art. 3º)”. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/KujrwOTZC2Mb/content/id/71137476/do1e-2019-04-11-decreto-n-9-765-de-11-de-abril-de-2019-71137431. Acesso em: agosto de 2021.



Identifico o método que uso e as atividades de alfabetização que ensino, elas são mais do conjunto dos métodos sintéticos, dando ênfase à relação direta entre fonema e grafema (som da fala e a escrita). O processo de ensino que tenho investido desse método começa pelo som das vogais e após pelas consoantes. Cada letra (grafema) é aprendida como um som (fonema) que, junto a outros fonemas, pode formar sílabas e palavras. Vi isso durante a pesquisa.



O método a ser escolhido não deve ser o único requisito para alfabetizar, “[...] a adoção de um tipo de método de alfabetização se torna a prática escolar na formação dos professores” (MATOS, 2014b, p.23). Olhar para a criança e não para qual o método vou utilizar; acompanhar como a criança aprende.



Situação deplorável e lamentável. Não avançamos! Segundo os mentores da PNA, as políticas anteriores de alfabetização eram de cunho ideológico e não científico. O que diziam as políticas anteriores: ler não se restringe a decodificar símbolos gráficos; é preciso levar em conta os conhecimentos e experiências dos aprendizes para dar continuidade ao seu processo de imersão ao universo da escrita. No método fônico, o enfoque é a leitura de palavras a decodificação e codificação de códigos. A solução apresentada pelo MEC, através do Curso Tempo de Aprender é basear a alfabetização em evidências científicas. Induz a uma única abordagem na formação de professores e na elaboração de materiais didáticos.



Participei do V Congresso da CONBALF (Congresso Brasileiro de Alfabetização). Debate intenso e concordo que houve um deletamento no conceito da palavra letramento na PNA. Aparece a literacia para silenciar as discussões sobre alfabetização e letramento. A importação do termo literacia tem a intenção de reduzir a base da ciência cognitiva. Alfabetizar é o ensino da leitura e da escrita pelo sistema alfabético, literacia consiste no ensino e na aprendizagem das habilidades de leitura e escrita voltadas ao ensino da língua, na alfabetização da base alfabética. Predominância do ensino do código escrito sobre a compreensão. A ideia de ler como decodificação para só depois compreender. A ideia do conhecer o sistema de códigos antes de ler livros e textos culturais.



Leituras pensantes, flutuantes e borbulhantes. Ler é estar no mundo como uma “marca”. É criar, é produzir sentido ao experienciado.



A alfabetização pelo método é sistema de representação da língua escrita em relação à base alfabética como dos sons das falas (grafemas/letras, codifica/decodifica).



A alfabetização com o letramento, surgida no século XX como complemento da alfabetização, remete à interação social, à função social da língua escrita (MORTATTI, 2020). Nas salas de aulas, para algumas professoras, o letramento veio substituir a alfabetização; outros acreditam que alfabetização e letramento são processos semelhantes; ainda há aqueles que possuem dúvidas, por isso a importância de ser uma alfabetizadora pesquisadora. “O termo letramento, na contemporaneidade, é o mais

disseminado quando usado para separar os estudos sobre os impactos da escrita e os estudos sobre a alfabetização” (MATOS, 2014b, p. 39).

08 DE OUTUBRO

Esgotada, mas precisei ter orientações para o projeto de pesquisa sobre a alfabetização. Eu, como alfabetizadora e pesquisadora, não estudei sobre os métodos de alfabetização focados na base alfabética⁵⁸ na Pedagogia. A linguagem escrita e a língua escrita são dois elementos distintos. A língua escrita para os métodos é voltada para o ensino da base alfabética.



Estamos em bandeira preta, as restrições ao comércio, escolas e demais setores estão em nível perigoso dada a propagação e infecção do vírus. Porém, está quase tudo funcionando como se não tivesse bandeira. Continuo estudando os métodos. No primeiro momento, os métodos analíticos partem do todo para as partes, dando início com frases ou contos (“[...] privilégio da visão[...]”, (MATOS, 2009, p.20)); depois, os métodos sintéticos partem das partes menores para as maiores, tendo início na letra (“[...] privilégio da audição[...]”, (MATOS, 2009, p.20)); o método misto é uma mistura dos dois métodos anteriores -analítico-sintético ou sintético-analítico e método analítico - havendo uma tendência de relativização da importância do método em sala de aula (MORTATTI, 2020).



⁵⁸ “Principais características da base alfabética que os indivíduos necessitam desenvolver para se alfabetizar: a compreensão de símbolos (ex: distinguir as letras); a refinamento de percepções; a conscientização da percepção auditiva; a consciência da unidade da palavra; a organização espacial da página escrita; a ordem significativa das letras é da esquerda para a direita; a ordem das linhas é de cima para baixo; e a compreensão simbólica entre letras e sons das palavras – capacidade de ouvir as letras e ter consciência dos sons da fala” (MATOS, 2009, p. 29).

De pernas cruzadas, continuo estudando nos intervalos... Um fato interessante é sobre o quarto momento, em 1970, quando surge o construtivismo. Prevalece o método tradicional (misto) das cartilhas, sendo elas, nesse momento, reestruturadas com base científica, bem como o plano Nacional de Alfabetização propõe ofertando o curso Tempo de Aprender, “com base nos dados científicos, indo contra a arte da leitura, onde está crítica a soletração e a silabação” (MORTATTI, 2021b).



Uma das críticas em relação aos métodos de alfabetização está em distinguir a cópia pela cópia da cópia significativa. Em 1979, Emília Ferreiro criou os níveis de escrita, isto é, o que a criança representa da língua escrita, da relação dela com a linguagem escrita. Para essa estudiosa, o que a criança produz em alfabetização está na cultura escrita. Segundo seus estudos, o sujeito não tem deficiência quando escreve com erro. Dentro dos níveis de escrita, temos a representação da cultura escrita. Emília Ferreiro criou o “‘Teste das Quatro Palavras e uma Frase’ - utilizado para verificar o nível de conceitualização com que os alfabetizandos produzem suas escritas” (MATOS, 2009, p.27). Vemos, muitas vezes, esse teste sendo usado como prática pedagógica na escola, porém ele é um método clínico, não uma atividade para ser aplicada em sala de aula.



Houve várias disputas pelo uso dos métodos durante a história da alfabetização - políticas, editoriais, econômicas e acadêmicas. Na Cartilha Maternal (Deus, 1876/1996), “[...] acreditava-se que a alfabetização seria o principal passo do progresso social e econômico do país” (MATOS, 2014b, p. 17), a qual se baseava em “uma economia disciplinar, ordinária e estruturante para o funcionamento da língua escrita” (MATOS, 2014b, p. 17). Ainda hoje, as práticas de alfabetização, muitas vezes, “[...] coloca[m] o ensino da língua a serviço da submissão e do adestramento de atitudes

fundadas nas competências de uma sociedade que precisa educar rapidamente um coletivo de pessoas capazes de se tornar submissas [...]” (MATOS, 2014b, p. 17) – indivíduos que estejam aptos a ser parte da produção para o crescimento do mercado neoliberal.



A voz que escreve precisa pensar com cautela quando escreve neste texto. Algumas palavras podem ser perigosas, assim como a palavra NOVO é arriscada no mundo dos métodos de alfabetização.

30 DE NOVEMBRO

Não conseguimos, muitas vezes, olhar para o rosto das crianças por trás das telas. Me identifico com o que Telma Weisz (2020c), diz sobre as “Práticas de alfabetização no contexto remoto” (30/06/2020, em live). Comenta que a aula em alfabetização “não pode virar um bando de bonecos respondendo a uma questão e a professora faz outra questão”. Para mantermos a escola de ensino remoto, eu, por vezes, acabo fazendo isso e as atividades pedagógicas são folhas soltas.



Se a criança lê placa de trânsito, celular, por que na escola, na maioria das vezes, ela lê letras? Será que reduzimos somente a leitura ao signo linguístico alfabético? Por exemplo, em uma atividade com imagem, temos regime de signo linguístico visual... Em um filme, quais são os regimes de signos linguísticos que proporcionamos?



Alguns fatos do meu passado atormentam minha mente, uma comunidade na colônia, onde as pessoas não são alfabetizadas. Não foi tão adorável assim, me traz mais momentos tristes do que alegres. Palavras cortantes, garrafas de álcool, arrepios.



De minhas mãos, saem letras querendo escrever sobre o Projeto Político de Alfabetização, esse é um projeto de nação, um projeto democrático, diferente do atual que tenta disfarçar um projeto político com as evidências científicas como se elas fossem neutras.



“Trabalhar com texto em sala de aula envolve todos os aspectos da alfabetização, engloba o porquê, para que, como fazer” (MORTATTI, 2021b). Aprende-se vivenciando a leitura e escrita significativa. A alfabetização é um processo da língua nas práticas da leitura e da escrita.



A linguagem aqui não é instrumental, ela é parte da escrita como cultura, como prática social, como ela se insere na sociedade. O que se lê? Para que se lê? O que a linguagem faz conosco? Produzir textos para além de apenas grafar palavras, decodificar e codificar sons, criar textos em diferentes contextos com diferentes finalidades.

31 DE DEZEMBRO

Vento, sopro, onda, trovão, ventania, velocidade, assim como surgiu o ensino remoto, solução imediatista, sem um planejamento, estrutura ou base, de forma que “fazer a transposição de algo planejado da ação

pedagógica presencial para o modo *online* é mais um passo da improvisação que tanto se recrimina na educação” (CARDOSO; MENDONÇA, 2020, p. 649). Os estudantes da escola pública não têm acesso aos recursos tecnológicos, a um ambiente propício ao estudo, nem à conexão segura e estável à internet para acompanhar as atividades escolares, o que se faz sentir no aumento da evasão escolar decorrente “[...] do expoente da exclusão digital” (CARDOSO; MENDONÇA, 2020, p. 650). Sem um projeto estratégico, tudo foi direcionado às tecnologias, aos ambientes virtuais, de modo a dar conta da matéria, focando principalmente na transmissão da informação, do conteúdo, como se nós pudéssemos ser substituídas por elas (as máquinas).



Passei o mês de dezembro deletando fotos, conversas, vídeos sobre as atividades de alfabetização no celular. Saturadas. Arquivamos as atividades de alfabetização durante o ensino remoto em pastas, e algumas anexamos em nossos diários de classe.



Quais são as atividades de alfabetização que nós, as professoras alfabetizadoras de Veranópolis, elaboramos durante a pandemia, a partir do decreto do ensino remoto?



Café da tarde, não tenho fome. O café é para me manter acordada. As letras sobressaltam na xícara de porcelana. A quem beneficia esse ensino remoto? Precisamos retirar a responsabilidade ou responsabilização que recaia numa má consciência direcionando as professoras alfabetizadoras. Não se trata de termos soluções salvacionistas ou mágicas. Penso de modo questionador, o que essa tal de “reinvenção” me captura, como solução dos

problemas críticos sociais em relação à alfabetização que já estavam naturalizados. Voz de reinvenção resolve?



Dúvidas, tantas e tantas dúvidas...

Os métodos denominados sintéticos, os quais foram os conhecidos e preferidos no Brasil ao longo do século XIX, foram base para a elaboração das cartilhas de alfabetização até meados do século XXI (cartilhas de concretização de um método de alfabetização).



Percebo como a alfabetização está interligada aos signos linguísticos. Para alfabetizar, preciso de uma variedade de signos, uma heterogeneidade. Nós, professoras alfabetizadoras, na maioria das vezes, deixamos de questionar o regime de signos, dizemos que a criança é alfabetizada apenas quando reproduz signos linguísticos num regime fechado e único.



Sentada na cama, pego novamente o livro de capa branca e vermelha sobre as pedagogias de alfabetização centradas principalmente nos métodos, utilizamos em nossas práticas. Nas forças da base alfabética, o texto está capturado, ainda como cópia.

25 DE JANEIRO

Aqui, sozinha, início do ano de 2021, fazendo a janta: arroz, salada e um bife de frango, no fogão. Recordo-me do tempo em que ia para a escola no interior, ainda não sabia ler e, quando chovia, o nosso recreio era na sala

de aula. Não tínhamos computadores, celulares, notebooks. Eu não era muito convidada ao mundo da leitura antes de aprender a ler e escrever. Tinha facilidade em memorizar palavras, mas não compreendia seu significado. Decorava as letras com rapidez, mas não sabia usá-las ou para que serviam. Dúvidas frequentes em relação ao processo de aquisição da leitura e da escrita são comuns e foram me surgindo desde a pré-escola.



Termino de jantar, lavo a louça e secando o prato de vidro, penso agora, no ensino remoto. A linguagem oral, a criança já sabe e domina, pois aprende fora dos muros da escola. No entanto, ela precisa aprender a linguagem escrita a partir de diferentes gêneros textuais e a possibilidade de vivenciar situações de escrita, mesmo o estudante ainda não sabendo ler. Olho fixamente para a transparência do vidro, pensando. É como se fosse uma língua desconhecida tudo isso que estudo.



O método sintético existe há algum tempo, está inserido no discurso do empirismo, aborda uma perspectiva em que a criança “[...] é um ser passivo, receptor de informações prontas que lhe permitirão adaptar-se ao mundo em que vive” (MOLL, 1996, p. 76), ou seja, o sujeito é entendido como um recipiente vazio a ser preenchido por meio de atividades de alfabetização que partem das partes pequenas, as vogais, o som ou o nome das letras. A relação é vertical com a criança.

27 DE FEVEREIRO

Alfabetização. Criança. Espaço. Na cabeceira da cama, ainda está o livro “Os sentidos da alfabetização” (Mortatti, 2000). Os estudos sobre

alfabetização aparecem em quatro grandes momentos. Fiz um breve resumo, tipo esquema:

- Primeiro momento: 1876 - disputa entre os partidários do 'novo' método "[...] para o ensino da leitura baseado na palavração e os partidários dos então tradicionais métodos sintéticos- soletração e silabação [...]" (MORTATTI, 2000, p.25);
- Segundo momento: 1890 a meados dos anos de 1920 - disputa entre defensores do 'novo' método analítico e os dos "[...]tradicionais métodos sintéticos - especialmente a silabação - e a produzir cartilhas neles baseadas[...]" (MORTATTI, 2000, p.25);
- Terceiro momento: Meados da década de 1920 a final da de 1970 - "[...] uma disputa inicial entre defensores do método misto (analítico-sintético ou sintético-analítico) e partidários do tradicional método analítico [...]". (MORTATTI, 2000, p.26) Também "[...] institucionalização das novas e revolucionárias bases psicológicas contidas em Testes ABC (1934) de Lourenço Filho [...]" (2000, p.26), nos quais era feita a "[...] medida do nível de maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita e de classificação dos alfabetizando [...]" (MORTATTI, 2000, p. 26), surgindo assim a "[...] alfabetização sob medida" (MORTATTI, 2000, p.26);
- Quarto momento: Final de 1970 - entrada dos defensores da pedagogia do Construtivismo (inicia o debate principalmente com a tese de doutorado de Emilia Ferreiro que depois é publicada no Brasil como Psicogênese da Língua escrita, junto com Ana Teberosky) e os defensores "[...] dos tradicionais métodos (sobretudo o misto), das tradicionais cartilhas e do tradicional diagnóstico do nível de maturidade com fins de classificação dos alfabetizando" (MORTATTI, 2000, p.27). Também surgem mais debates entre "[...] defensores do construtivismo da base piagetiana; aqueles defensores do

interacionismo baseado na Psicologia Soviética, que tem em L.S. Vygotsky seu principal representante [...]” (MORTATTI, 2000, p.27).



Continuo nesta profissão porque, assim como nos diz a frase “a temática alfabetização é apaixonante [...]” (MATOS, 2009, p. 07) também para mim. Para nós, professoras alfabetizadoras do município de Veranópolis, a alfabetização é um combate que vivemos a cada dia, ainda mais agora com o ensino remoto.



Letramento. Alta madrugada, silenciosa e chuvosa. Há muitos estudos sobre letramento, e eles foram se modificando ao longo do tempo. Para Mortatti, “ainda não se abandonou ‘alfabetização’ nem se criou consenso sobre o uso de ‘letramento’. Embora o letramento não seja consequência natural e direta da alfabetização, nem se restrinja aos resultados da aprendizagem inicial da leitura e escrita” (2007, p. 160). Letramento implica uso social da escrita.

28 DE MARÇO

Finalizando o mês! Estou aqui entretida com o livro: Os sentidos da alfabetização (MORTATTI, 2000), um clássico da alfabetização do Brasil. Agora, com a ponta da caneta nos lábios, quase me engasgo com a própria saliva: me esqueci do Dia do Professor. Uma professora sob múltiplas leis pergunta pelo ensino remoto que reduz as atividades de alfabetização como aplicabilidade do currículo dada pela atual burocrática do sistema escolar.



Para continuarmos seguindo esses e outros combates, tenho a dissertação para escrever porque ela se tornou ato político na alfabetização. Construir a sala de aula como um espaço do pensar, para que a criança aprenda a ler e a escrever. Ato político. Fizemos cotidianamente uma história em meio à pandemia. Por isso, registro essa dissertação, a alfabetização escrita pela professora alfabetizadora e pesquisadora!



Não posso fugir dessa escrita sem contar a tensão do debate político dos métodos de alfabetização em torno do sentido da leitura: “[...] determinados sentidos que consideravam modernos e fundadores do novo em relação ao ensino da leitura e escrita” (MORTATTI, 2000, p. 23). Disputa entre métodos analíticos e sintéticos, considerados tradicionais. A diferença entre eles era que no primeiro o ensino da leitura era baseado na palavração, e no segundo se baseava na soletração e na silabação.



Quase indo dormir. Olho para a tela do celular, quase 23h e o sono evapora. Decido me levantar e continuar lendo, já que o sono não vem. Pego mais uma vez o clássico livro da Mortatti (2000), para continuar a entender mais sobre a trajetória da alfabetização. Uma surpresa é que, para a época, o “novo” eram os métodos analíticos, e o “velho” eram os métodos sintéticos. O que mais me chamou atenção é que o primeiro material impresso para alfabetizar as crianças no Brasil foi a Cartilha Maternal na década de 1880, através da Reforma Benjamin Constant no ano de 1890 e que tínhamos três métodos de ensino da leitura: “[...] antigo ou da soletração, moderno ou da silabação e moderníssimo ou da palavração [...]” (MORTATTI, 2000, p.55). O método antigo também era conhecido como método do absurdo, no qual as crianças ficavam cantando o alfabeto, sem sentido algum para elas. No método silábico, acontecia a “[...] aplicação das sílabas em palavras e a aplicação destas em frases curtas e de fácil

compreensão” (MORTATTI, 2000, p.55). Se pararmos para olhar os livros didáticos e as atividades de alfabetização, ainda encontramos atividades como essas, de aplicabilidade.



“Nada mais precioso do que o riso
 E o desprezo. Rir e soltar-se
 É prova de força. Ser cruel
 Despreocupadamente.
 A tragédia é o que ‘o homem’ tem de
 mais ridículo, mas estou certa de que
 os animais sofrem,
 embora não exibam seus ‘sofrimentos’
 em ‘teatros’ abertos nem
 ‘fechados’ (seus lares).
 e a sua dor é mais real
 do que qualquer imagem [...]”
 (KAHLO, 2017, p. 224)



A necessidade de registrar algumas palavras... queria ter mais horas do dia para estudar, porém o ensino remoto me força a trabalhar mais horas ainda do que o presencial. Minhas 44h semanais de sala de aula parecem ser bem mais às vezes. Não estou conseguindo dormir direito. Estou tomando remédio para ansiedade. Tenho tantas perguntas...Meu namorado não aguenta mais me ouvir. Alguns fios de cabelos branqueiam perto das orelhas.

Revisitando todo o meu estudo até aqui, em recorte histórico que compreende os quatro momentos da história da alfabetização, listei as

palavras-chave que mais me chamaram atenção da cronologia dos métodos da pedagogia da alfabetização:

- Métodos sintéticos;
- Métodos analíticos;
- Sintético-analítico-misto;
- Processos psicogenéticos (Emília Ferreiro/Luria);
- Atualmente, método Fônico e a Literacia. (MORTATTI, 2020; MORTATTI, 2021b, MATOS, 2014b).



27 DE ABRIL

Anotei no caderno de capa preta com rabiscos brancos, parecendo ora gravetos, ora linhas. Recolho os diários de aula e o livro de Jaqueline Moll (1996/ verso da capa): “a alfabetização é um processo que se inicia muito antes da entrada na escola, nas leituras que o sujeito faz do mundo que o rodeia, através das diferentes formas de interação que estabelece”. Leio que a alfabetização se inicia muito antes da criança chegar à escola, através das leituras que faz do mundo que a circunda e das múltiplas interações que constrói individual e coletivamente. Posso entender que a: “[...] Leitura e escrita se apresentam como um momento de mudança, como indicativo e anúncio de um outro ritual de passagem para um mundo novo – para o Estado e para o cidadão: o mundo público da cultura letrada [...]” (MORTATTI, 2000, p. 297).



Dou uma última olhada nas gavetas, para ver se não esqueci nenhum livro importante. Olho e pego as autoras da pesquisa que estou lendo e as anotações feitas à mão sobre o que no senso comum das professoras de alfabetização escutamos, como construtivismo, em “[...] que referendamos

as pesquisas desenvolvidas pela psicolinguista argentina Emilia Ferreiro [...]” (MOLL, 1996, p.104), estudiosa da obra de Jean Piaget, que “[...] investigava os processos internos de construção de conhecimento, estabelecendo a partir das quais se constitui a ‘espinha dorsal’ da Epistemologia Genética” (MOLL, 1996, p.85). As autoras abordam o desenvolvimento cognitivo na alfabetização através da Psicogênese da Língua, aprendizagem individual e interação do sujeito cognoscente com o objeto de conhecimento. Segundo o construtivismo, a criança alfabetizada é aquela que conseguiu compreender o sistema alfabético e que continuará a sua experiência com linguagem e a língua escrita (construiu para si o conhecimento). “[...] A aprendizagem é resultado de um processo de construção cognitiva que se estabelece pela interação do sujeito com a escrita enquanto objeto de conhecimento culturalmente contextualizado” (MOLL, 1996, p.104), não é um novo método de alfabetização, é que a partir dela as pedagogas fizeram uma nova didática de alfabetização.



Embarco nesse movimento sem querer um resultado, cruzo as pernas na cadeira de palha e vou revendo a perspectiva interacionista, de 1980, através do interacionismo linguístico e da psicologia soviética. A epistemologia aborda uma forma de como se ensina e como se aprende a língua escrita, além de enfatizar em uma didática da leitura e escrita focada no texto como linguagem social. No interacionismo, o conhecimento é resultado de um processo permanente de interação entre o sujeito e o meio, sendo composto por forças de cognição, abordando uma proposta de ensino elaborada a partir da investigação no processo de aprendizagem.



Rotina, celular, notebook, marca texto, estojo. Aviso a uma colega de que preciso ter mais encontros com ela. Enviei algumas anotações por e-mail sobre o assunto que estou escrevendo:

Escrevo aqui um pouco sobre o que estou lendo e anotando...

Amiga, você me pediu no Whatsapp como estou! Venho lhe responder sobre a paixão que está me atravessando nos últimos dias. Quando a mão pulsa igual ao coração, o que resta é o movimento, é do retalhar que eu falo, é a única forma que eu consigo fazer funcionar essa escrita da dissertação. É assim que consigo te escrever um pouco sobre o que está me atravessando.

Talvez isso interesse em tempos de ensino remoto. Nosso cotidiano não nos permite estudar. Sempre escutei que alfabetização e letramento eram a mesma coisa, ou quase a mesma coisa. Letramento, esse termo é assumido como importante na educação, especialmente para o ensino de leitura e escrita. Apesar de transitar em diferentes cenários, como o digital, o literário e o matemático, tal conceito ainda é instável, fluído e por vezes impreciso, sendo difícil um consenso sobre as habilidades e competências que caracterizam um sujeito letrado. Nestas últimas décadas, os estudos de linguagem e educação escolar deram ênfase aos estudos do letramento. A associação dos termos alfabetização e letramento é bastante comum, tendo em vista que ambos discutem práticas de leitura e escrita.

Nossas atividades de alfabetização, as que preparamos, agora na pandemia, têm a ver com o letramento? Temos atividades que colocam os estudantes diante do aprender a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita? Essas perguntas têm me rondado.

Queria mostrar umas citações que retirei sobre letramento, mas não cabe aqui ficar colocando-as.

Acho que acabei escrevendo para ti porque sei o quanto tens me apoiado nesta pesquisa e tua escuta tem sido um apoio para o desafio da escrita.

Até a nossa próxima carta, abraços de uma vagabunda.



Em uma coleção de cadeiras tenho sentado, observei que não posso mais ficar sentada em uma cadeira de madeira, que deixa minhas costas nada acomodadas para escrever. Por trás das foto-colagens, ali parece que existe algo da minha pesquisa que eu produzi e não reproduzi. Por vezes, quero tramarmas minhas ideias ao acaso do encontro com os materiais que uso para fazer a colagem.



Tivemos avanços das pedagogias de alfabetização no Brasil, mas poucos neste governo “pátria amada, Brasil” com o PNA (Plano Nacional de Alfabetização), “estamos muito fragilmente localizados no mundo, localizados nesse lugar político que nos restou, tanto que é verdade que o país está assim” (MORTATTI, 2020). Precisa-se criar resistências político-pedagógicas em alfabetização.



A palavra resistência tem a ver com a vagabunda retirada de Deligny (2018). Resistência política pedagógica, talvez seja quando se possa arriscar um ensino de alfabetização em que a atividade seja também para uma professora de literatura, que ela aprenda a ler livros para ela, também, como eu aprendi a ler Anne Frank (2018) e Frida Kahlo (2017).



Em parte, passei a noite acordada. Não sei, mas memórias aparecem nos últimos dias. Na 1ª série eu era a única “atrasada” da turma, considerada e rotulada como “burra” pela escola, que não sabia ler. Não me recordo da professora ensinando, mas lembro-me da face dela, seu cabelo curto, loiro, com seus pequenos cachos, seu nome “Ana”. Seguíamos diariamente uma cartilha de alfabetização, sem sentido algum, palavras que soavam muito

distantes de mim. Acho que era o método sintético, com atividades de vogais. Não gostava e nem sabia o que era ler ou folhear um livro. Minha mãe, com a melhor das intenções, para não perder o ano letivo, me forçava a estudar por horas, até eu decorar as sílabas. Assim, fui alfabetizada?



Passei pela decoreba do famoso “ba-be-bi-bo-bu”, utilizei as sílabas para depois decorar as palavras, encontradas em várias cartilhas. Isso fazia com que eu só conseguisse escrever com as famílias das sílabas que memorizei, porém não conseguia compreender a leitura de um texto e muito menos escrever um.



Papelada burocrática pedagógica: de chamadas, registros, que consomem nosso tempo e nossas energias. Atividade mecânica para professora executar também existe.

26 DE MAIO

Quando estava no início do primeiro ano, no qual recebi uma ficha de tema para completar as vogais que faltavam nas palavras; essas eram aleatórias e não tinham significado algum para mim, mas eu fazia mesmo assim. No verso da folha, fiquei fazendo um desenho e escrevendo algumas palavras, para disfarçar que eu tinha sujado um pouco a folha de serragem de aviário. Muitas vezes, eu fazia os temas aonde minha mãe podia ajudar, como ela não tinha muito tempo, às vezes fazia dentro do aviário.



Vontade de desistir da pesquisa. Vejo e faço atividades de alfabetização mecânicas de base alfabética (MATOS, 2014a). As atividades de

aplicabilidade do método do livro didático. Muito parecidas com as da minha alfabetização.



Atividades de letramento (leitura e escrita função social) (MATOS, 2014a). Sei que vai além da alfabetização, compreende atividades como lista de compras, leitura do celular ou uma placa de trânsito, são leituras e escritas de função social. Tenho perguntado pelos espaços da escola de leitura, de escrita nesta condição do letramento.



Depois do letramento, voltei para o “construtivismo” com o livro da Mortatti (2000). Puxei a manta da cama, deitei-me e parecia que o lençol estava apertando meu corpo, como se não quisesse mais levantar. Rabisco essas coisas soltas:

- Epistemologia apresenta relação entre o objeto (leitura/ escrita; cultura/ escrita; a linguagem escrita);
- Dois mundos: o mundo que a criança circula socialmente e o mundo que ela tem na estrutura cognitiva na mente.

Pode parecer disperso, e é. Estou no meu tempo pandêmico, sinto como se existissem forças imprescindíveis para viver. Vivo um tipo de catástrofe sobre o tema da alfabetização.



Ponta do dedo, raiz do cabelo, dedo do pé, pelos das pernas, nosso corpo é interligado por veias, assim como os retalhos são uma conexão entre eles, as palavras conectam a escrita. A concepção de aprender as letras, suas formas de se interligarem e formarem palavras ainda tem muito de senso

comum entre nós, as alfabetizadoras, talvez porque não tivéssemos e não temos conhecimento e espaço de debate sobre o tema alfabetização. A alfabetização entre nós se faz, muitas vezes, conforme o livro didático. Dou o nome para essa situação de demandas das políticas públicas para a educação.



Quinto mês! Mês de maio! Escutei na *live* de Geraldi e Mortatti (2020) e me identifiquei com o que disseram: “É um erro achar que o comum torna igualitário, qualitativo, eu não quero uma base nacional comum, eu quero uma base diferenciada segundo a necessidade das pessoas”. As atividades de textos significativos para as crianças, os processos de interação com leituras, os acontecimentos trazidos para dentro do espaço escolar da sala de aula são parte dessa base diferenciada.



24 DE JUNHO

Para esta bela noite e final do mês de junho, em 2021, disponho de uma grande xícara azul de café, sem leite, posso ser intolerante a lactose, não vou arriscar. Azul me remete a um fenômeno da lua quando ela está em movimento crescente, quando acontece a chamada Lua Azul, se referindo a segunda lua cheia em um mesmo mês, originalmente o termo se refere à terceira lua cheia de uma mesma estação do ano: é o caso da “Blue Moon⁵⁹”. A primeira lua cheia deste inverno ocorreu hoje e, a segunda, vai ser dia 23 de julho e a terceira será dia 22 de agosto. Anotações durante a lua

⁵⁹ “O nome vem do termo em inglês ‘once in a blue moon’, que significa ‘muito raramente’ ou ‘de vez em quando’. Pois é, o termo, além de muito recente (surgiu na década de 1930), é apenas uma metáfora para dizer que se trata de um evento que não ocorre o tempo todo.” Disponível em: <https://canaltech.com.br/espaco/o-que-e-lua-rosa-lua-de-sangue-lua-azul-198392/>. Acesso em: junho de 2020.

forjam gritos. Me sinto fragilizada com a pesquisa em relação à alfabetização. Sempre essa sensação que me falta. Escutei que isso é coisa da psicanálise. Não sei o que é, mas sei que sinto.



Choros e angústias ocorreram durante a escrita. Precisei fazer um estudo mais detalhado em relação à filosofia da diferença. Não sei se quero. O que quero mesmo é roubar e retalhar dos diários para o estilo da escrita que está ainda em processo para continuar as foto-colagens.



Vou à escola separar atividades para encaminhar para os estudantes, mesmo dando aulas pelo Google Meet. Ouço apenas sussurros. Quando saio e entro na escola, parece-me que se perdeu este lugar, parece vazio, abandonado. A palavra escola vem do grego “tempo livre” e relaciona-se muito à palavra democracia, porque é no sentido de garantir às pessoas o gozo de seus direitos. O tempo livre vai sendo colonizado pelo Whatsapp e Meet.



Hoje, percebo que está sendo mais fácil fazer a técnica das foto-colagens do que escrever. Faço escrita na foto-colagem. O senso comum me arrasta de uma forma perigosa e consome minhas forças. Fui ensinada a copiar na escola, memorizar e a repetir, a fazer o texto para a instituição e pela primeira vez na vida estou tendo a oportunidade de escrever algo, de pensar sobre as coisas que me rodeiam, estou experimentando outra forma de escrever, outra política de escrita. Me vem a imagem das crianças em alfabetização. O que elas escrevem? Eu não sei se sei sobre a escrita delas.



Mais uma lua se vai, mais um movimento feito, mais um retalho sendo escrito. O ensino remoto foi como uma experiência forçada e intensa com as tecnologias digitais. Me vejo como um holograma. A tecnologia escancara a desigualdade social das crianças na escola. Abismo tecnológico, abismo social.



Perigo! É algo muito subversivo pensar, é um ato político. Assim, assumo a responsabilidade de escrever uma dissertação ao modo de vagar com os estudos, as teorias e as atividades de alfabetização. Percebo a coragem que tenho (DELIGNY, 2018).

LUA MINGUANTE

Fluxo insaciável



Fonte: Autora, 2021.

Materiais: folha de ofício, giz pastel, borracha, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

12 DE MARÇO

Preciso contar sobre a boniteza dessa lua minguante, também chamada de quarto-minguante. Ela corresponde ao movimento da lua após a lua cheia, quando a metade da face iluminada pode ser vista na Terra com um aspecto de semicírculo. Nesse movimento lunar, ela nasce à meia-noite e se põe às 12h.



Recebi por e-mail as atividades de alfabetização. Obrigada às escolas que foram parceiras nesse momento e às professoras de cada instituição que elaborou a atividade de alfabetização.



Segunda-feira: já faz cinco dias que estou a escrever. Saio da cadeira – agora uma cadeira confortável, daquelas de escritório – somente para aulas no Meet, escrever recados do grupo da turma e ler os comunicados da escola. Almoço os enlatados rápidos e práticos. Só para avisar que não moro com meus pais (o que neste momento seria ótimo). Retomo as atividades que recebi das escolas. Abro elas em arquivo no computador. Olho e não vejo nada!



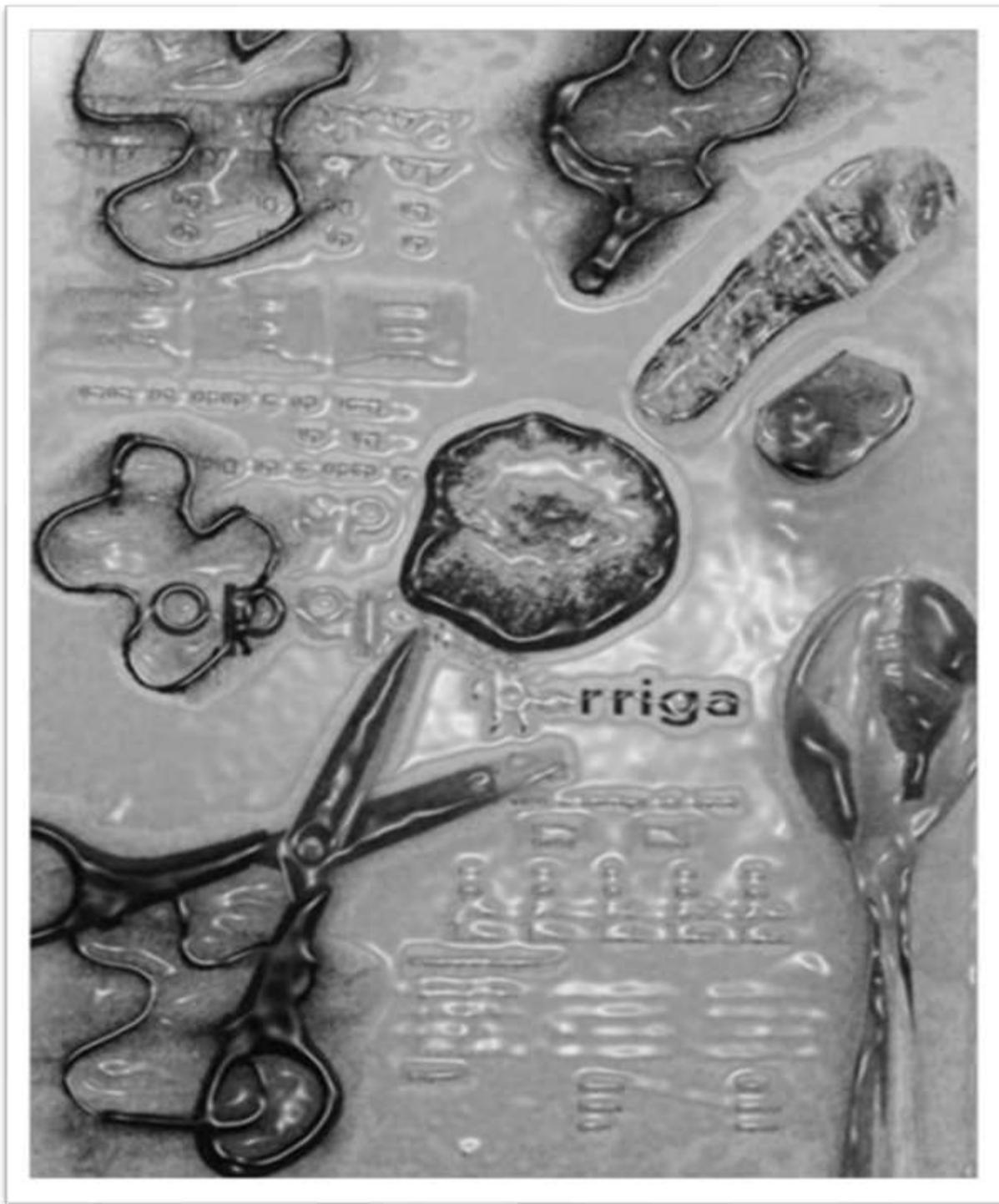
No artigo sobre planejamento em alfabetização, Matos (2014a) mostra quatro tipos de atividades que envolvem as pedagogias de alfabetização. Ela considerou em seu estudo a seguinte classificação: “[...] atividade mecânica, atividade mecânica com base alfabética, atividade de letramento com base

alfabética e atividade de ênfase no letramento” (MATOS, 2014a, p. 176). O foco agora é olhar como as atividades que recebi estão funcionando a partir dos vestígios deste estudo. Num primeiro movimento é o que consigo fazer.



Atividades mecânicas ou AM – são repetitivas, automáticas, seguem um modelo que imita sem significado. “A cópia aqui é entendida como um registro ligado à memorização, à repetição não significativa” (MATOS, 2014a, p. 176). São atividades em que a criança não pensa sobre a língua escrita. Quando eu era pequena e estava no primeiro ano, nós também tínhamos atividades assim, sem significado algum, executadas de maneira monótona. “É um tipo de atividade que prioriza a reprodução escolar” (MATOS, 2014a, p. 176), ou seja, nós fazíamos o exercício como estava no modelo da folha, só repetindo, sem significado que envolvesse a linguagem escrita. Os temas eram sempre os mesmos, atividades de prontidão “[...] como traçado de linhas, movimentos de mão, iniciação com o uso do lápis, preocupações com ensino de movimentos corporais chamados de amplos e finos” (MATOS, 2014a, p. 176), bem como atividades nas quais a criança passa com o lápis em cima dos pontilhados de linhas e traços, muito presentes nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Vestígios: atividades mecânicas



Fonte: Autora, 2021.

Materiais: impressão, giz pastel, tesoura, barbante, colher, retalhos de jornal, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.



No livro didático ao meu lado, junto aos materiais da pesquisa, tem um bilhete dizendo: “planejamento daqui quinze dias”. Folheio e vejo exercícios de atividades mecânicas de base alfabética, que “[...]tem um foco que é o ensino da base alfabética” (MATOS, 2014a, p. 177); são encontradas nos livros didáticos e cartilhas, sendo que “[...] os métodos de alfabetização são os que priorizavam e priorizam este tipo de atividade” (MATOS, 2014a, p. 177), quase todos são parte do método sintético (nome das letras, som das letras, sílabas, até formar palavras e frases). No *google*, se colocarmos “atividade de alfabetização”, esse tipo são as que saltam na tela. Estão acompanhadas de gravuras sem qualidade se considerarmos a arte visual. Os exercícios desse tipo envolvem o reconhecimento da base alfabética, memorização por vezes sem significado da função da linguagem escrita no cotidiano, o ensino da língua escrita como se fosse sinônimo da própria base alfabética. Sugere ser uma atividade “neutra”, em que a escrita redige letras e palavras. Nesse tipo de atividade, é “[...] necessário que o aluno em processo de alfabetização exercite a base alfabética e faça movimentos de identificação, memorização e repetição, com baixo desafio de pensamento” (MATOS, 2014a, p. 179). O reconhecimento de elementos da base alfabética acontece pela repetição como reprodução. É o investimento pedagógico voltado à aplicabilidade da atividade ao estudante.

06 DE ABRIL

Almoço, pego o enlatado de milho e misturo um pouco com as ervilhas, verdes e frescas. Vejo as letras ao pegar a colher, parece que me perseguem num alvoroço na minha frente. Sorrio. “Nada é mais precioso do que o riso” (KAHLO, 2017, p. 224), mas estou tão cansada que meu riso pouco sai. Pego o garfo e, assim como devoro o almoço, tento devorar as leituras sobre alfabetização.



A sessão de estudos é sobre atividades com ênfase no letramento, muitas vezes associadas à expressão ‘alfabetizar letrando’, “[...] têm como foco o alargamento das práticas da cultura escrita e de outras linguagens no contexto alfabetizador” (MATOS, 2014a, p. 181). Atividades como cinema, filme e teatro são convites da interação com o letramento, leitura pela leitura, uma leitura que não serve para nada (tipo o nada do Manoel de Barros⁶⁰). Quando li para nada para as crianças? Uma atividade que pode ser denominada de atividade?



A atividade das pedagogias de alfabetização voltada para o ensino e aprendizagem da cultura escrita e/ou para os investimentos da ampliação do letramento, “[...]têm como metodologia em alfabetização a questão da produção e a leitura de texto” (MATOS, 2014a, p. 180).



Letramento e alfabetização não são o princípio do mais fácil a partir da lógica da base alfabética, mas sim o alfabetizar letrando que envolve o ensino e aprendizagem da base alfabética “faz mais sentido para a criança, por isso o texto, é lindo, simples, contém tudo, a letra, as sílabas, as palavras, as frases” (MORTATTI, 2020) porque como diz “o texto é

⁶⁰ Manoel de Barros (1916-2014), poeta brasileiro pós-modernista, escreve, em seu “Livro sobre Nada”, com, ao mesmo tempo, a força e a delicadeza que figuras cotidianas têm na revelação quase surrealista do fazer poético. Manoel nos coloca em contato direto com o questionamento de “por que ler poesia?”, ou “qual é a utilidade de ler poesia?” e ele mesmo vai desvelando a possibilidade da poesia pelo simples prazer de ler.

materialização da língua, é a unidade de sentido, dá as possibilidades que precisamos explorar da língua portuguesa” (MORTATTI, 2020). A criança precisa produzir a ideia, se fazer presente, uma escrita e leitura que primeiro se submete às regras ortográficas ou à correção da base alfabética para uma escrita para a escola. O estudante necessita ampliar seu repertório através do vivenciar a leitura e a escrita dos diferentes tipos de textos. O texto, mesmo assim, ainda é usado como atividade de alfabetização na escola, ainda está muito engessado. Ele funciona, na maioria das vezes, como uma representação de ideia, um texto da instituição escolar, voltado para a escola e lida só pela professora.

Elemento inusitado

Fonte: Autora, 2021.

Materiais: folha de ofício, giz pastel, barbante, lápis 6B, agulha, borracha, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

05 DE MAIO

A alfabetização, como qualquer processo de ensino e aprendizagem, não pode ser reduzida a um processo de ensino mecânico e voltado para aplicabilidade de atividades que tem como foco correção por parte da professora. É muito disto que ocorreu conosco, no ensino remoto, no período da pandemia.



A atividade escolhida no planejamento interfere no projeto de nação (MORTATTI, 2020). A atividade das pedagogias de alfabetização voltada para a aplicabilidade envolve um projeto político, e em meio à pandemia, reforça ainda mais o posicionamento pedagógico voltado para livro didático, “adotado” pelo município. Ele é o guia organizador do planejamento e das atividades, então, as atividades são as determinadas pelo método, ou seja, prioriza-se o ensino mecânico de base alfabética, ora com algumas atividades mecânicas. As atividades de alfabetizar letrando ficam ainda reduzidas à correção por parte da professora, passam a ser sobre desenvolver as habilidades repetitivas sobre o ensino da língua escrita. A leitura é secundária.

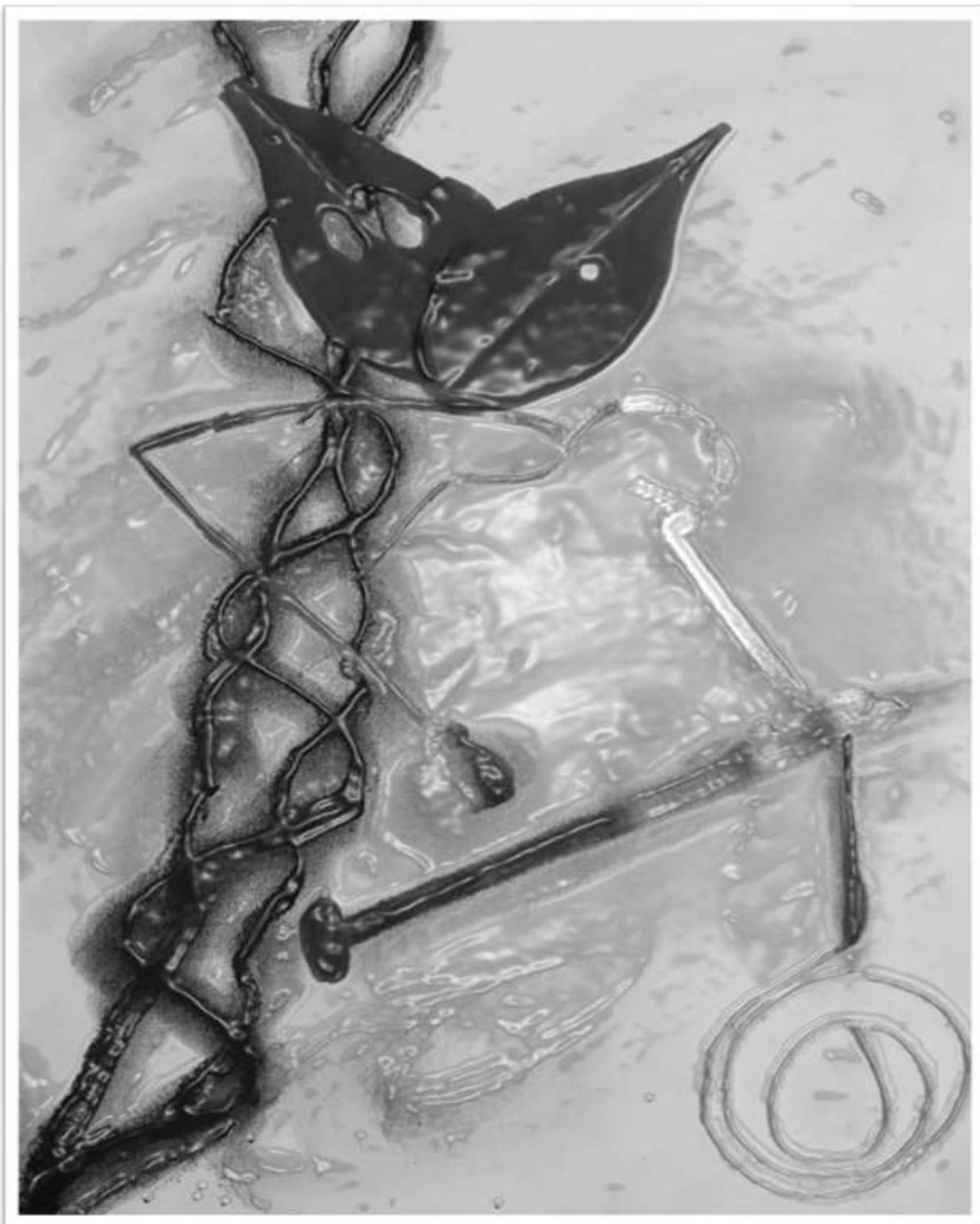


Através das atividades mecânicas ficam expostas a memorização, a classificação, a seriação e a produção de textos ou atividades sem contextualização com o seu meio social. A criticidade, o questionamento, a pergunta, a dúvida... tudo feito para um sistema de poder que o coloca a aprendizagem de alfabetização em situação de submissão e obediência do que se acerta e do que se erra na atividade proposta no livro didático. Aquelas de preencher linhas, ligar palavras, responder questões voltadas para cópia do texto que foi lido, o que faz com que elas sejam “[...]”

atividade(s) perseverante(s), porém precária(s)” (BORGES, 2018, p. 12) para o ato de pensar a linguagem e a língua escrita como vivas.



Sei que já escrevi isto antes, em algum lugar deste texto. Quero escrever novamente, e registrar o projeto de nação se considerarmos como a alfabetização é tratada neste atual governo. Digo, a política de nação passa pela política pública do programa de alfabetização lançado pelo Ministério de Educação: Tempo de Aprender, a qual “vende” nas propagandas e investe no material didático de formação das professoras alfabetizadoras tratando o método fônico como um método “novo” (lembrei dos estudos da Mortatti (2000) sobre os métodos sintéticos que foram considerados “velhos” pelos defensores dos métodos analíticos, bem isso, é só porque por vezes escutei que tenho dificuldade de fazer relações. Será?). Ele é novo para poderem vender um produto para a sociedade brasileira, para o país, mas não para uma professora alfabetizadora pesquisadora. O Programa que assume este método sintético fônico diz que tem evidências científicas, como se as outras pedagogias de alfabetização não tivessem. Todas as pedagogias alfabetizadoras se construíram pelo mesmo discurso, são científicas, ora por métodos, ora por pesquisas vindas das psicologias (teste ABC e psicogênese da Língua escrita).

Produção homogênea

Fonte: Autora, 2021.

Materiais: folha de ofício, giz pastel, lápis 6B, fio de linha branca, folhas, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.



Pude perceber que a atividade das pedagogias de alfabetização envolve os tipos mecânica, mecânica com base alfabética, de letramento e de letramento com base alfabética (MATOS, 2014a), e que todas elas podem ter características de aplicabilidade ou utilitaristas. Um dos principais motivos que levam as professoras a ofertar essas atividades de aplicabilidade ou utilitaristas é a praticidade, uma vez que muitas já fazem parte de livros didáticos e manuais. Elas foram muito utilizadas no período do ensino remoto de 2020, já que eram de mais fácil execução pelos estudantes – não há grande demanda de pensamento. Esse tipo de conceito, o de trabalhar com atividades mecânicas, vai, conforme já mencionado, ao encontro de toda organização do sistema capitalista, voltada à produção de riquezas e alimentação da economia através da exploração da força de trabalho principalmente em funções que demandam majoritariamente habilidades como repetição, memorização, seleção, classificação, reprodução.

09 DE JUNHO

*“[...] Apenas um... cansaço
assustador e como é natural,
muitas vezes desespero.”*
(KAHLO, 2017, p. 237)

Observo daqui do apartamento (moro longe da colônia durante a semana) os movimentos do céu. A conjunção tripla⁶¹ entre Lua, Saturno e Júpiter, esse acontecimento astronômico que permite a visualização do satélite

⁶¹ “Fenômeno poderá ser observado no sábado (21) e no domingo (22). Áreas rurais terá melhor visibilidade” 21 ago. 2021. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/conjuncao-tripla-entre-lua-jupiter-e-saturno-sera-vista-a-olho-nu-347570/>. Acesso em: junho de 2021.

natural e dos dois planetas próximos. A cada dia, a posição dos astros muda, a Lua nasce cada vez mais tarde, enquanto os planetas Júpiter e Saturno nascem mais cedo ao horizonte. Júpiter, maior planeta do sistema solar, ficará mais brilhante em oposição do sol. Os dois planetas podem ser vistos próximos da lua, num fenômeno conhecido como conjunção, que acontecem quando dois corpos celestes ou mais parecem estar próximos um do outro.



Papéis sobre a mesa. Cá estou com as 10 atividades que as escolas me enviaram por e-mail, aquelas que não foram copiadas do livro didático “adotado” (incluo minha atividade entre elas). Fiz um passo a passo para não me perder em meio a tantos movimentos já feitos nesse diário – que por vezes parece-me uma resistência tímida da própria ideia de diário como gênero textual e ou literário. Para mim, uma grande novidade. Como o diário é composto por feiturinhas de foto-colagens, fico com a proximidade de Frida Kahlo (2017) e de Fernand Deligny (2018), um diário com os minúsculos de um não diário.



Escrevo, agora, um passo a passo para saber o que já fiz e o que ainda tenho por fazer. Tenho muitas tarefas neste final de ano... ele vai me orientar. Será um protocolo de organização meio fora dos padrões de pesquisa científica normalmente feitos na academia. Eis as evidências científicas do diário:

1. Como professora de alfabetização, no ano de 2020, lecionei no 1º ano de ensino fundamental de uma das escolas do município de Veranópolis; por isso, o diário;
2. Conversei com as colegas alfabetizadoras da escola em qual leciono sobre as atividades de alfabetização que estavam indo para casa ou que fazíamos via Meet e olhei também para as atividades que eu

estava ofertando durante o ensino remoto e pude perceber que a maioria delas não eram elaboradas por nós, mas retiradas de livros didáticos do Ministério da Educação (MEC) ou do Sistema Aprende Brasil. Aplicamos o método sintético, fônico com algumas atividades mecânicas, já que o livro é obrigatório no uso cotidiano;

3. Durante o ensino remoto, em 2020, ao estudar a alfabetização solicito as escolas para me enviarem por e-mail as atividades de alfabetização (10). Decido: vou continuar a retalhação!

4. O método de retalhação, que já venho fazendo desde o início deste diário, como o decreto-retalhação e todas as foto-colagens, ganhará espaço para as 10 atividades que sofrerão a retalhação. Com isso, nada de diário como gênero textual ou literário, é diário de vagabundagem alfabetizadora;

5. Sobre a montagem da atividade de retalhação ao desmonte – brevemente – da palavra ‘atividade’, naturalizada nas pedagogias de alfabetização. Como faço? Vou e fui para a Tese “Adeus, formação: o anti-emílio anunciador do conceito de programa de vida” (BORGES, 2018). Um achado, aqueles achados em meio a quem aprende a produzir uma saída de pesquisa. Em um dos capítulos, bem no final, Borges insinua e mostra o protocolo de experiência, que não me interessa. Contudo, me proporciona fazer uma torsão da tese, na qual aproxima e abre o capítulo afirmando que a atividade pode estar fora do protocolo de organização da educação e do planejamento escolar, da aplicabilidade para o ensino.

6. Da montagem da atividade de retalhação 1, 2 e 3.



Vagabundeando pela escrita, mesmo diante dos itens do passo a passo, agora vou para o nº 5. Como a alfabetização é (im)posta na atividade das pedagogias de alfabetização, as atividades aqui sofrem o ato de vagabundagem pelas foto-colagens e a retalhação, mostrando os elementos do movimento da atividade de aplicabilidade, ou seja, da atividade das pedagogias de alfabetização. Para mostrá-lo, abro a noção de atividade, mas nunca sozinha. Posso vagar sozinha, escrever sozinha, a leitura não oralizada é sozinha...



Do Grupo de Estudos de Alfabetização de sextas-feiras à noite, passei para o grupo de estudos de quarta-feira no final de tarde, uma horinha por semana. Nele, a noção de atividade ganha a abertura que precisávamos. Especificamente, tentando uma devoração da palavra atividade. Preciso estudar e com cuidado.

Atividade de aplicabilidade



Fonte: Autora, 2021.

Materiais: capa de livro do MEC, recorte de revistas, garfo, faca, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.



Papel bem grande lembrando do passo a passo: “mostrar o nº 6 – Da montagem da atividade de retalhação”. Possui o princípio da aplicabilidade, que produz cortes na vivência, produzindo uma escrita homogênea, como se a alfabetização fosse neutra (MATOS, 2014a; MATOS, 2014b).



Ultimamente, meu cérebro está teimando em não entender textos longos. Além do passo a passo como parte do protocolo de organização (BORGES, 2018), sigo as listas para terminar essa dissertação de mestrado, pois quero planejar, metodizar, planificar e controlar o que escrevo (sei que muita coisa foge do papel). Os protocolos me lembram os protocolos de higienização da escola, os protocolos de segurança, protocolo de emergência, etc.



Aplicamos durante a pandemia atividades voltadas para o ensino das pedagogias de alfabetização (MATOS, 2014b). Segue ao modo de lista:

Classificação das dez (10) atividades de alfabetização⁶² planejadas durante o ensino remoto para as turmas de alfabetização recebidas por e-mail das escolas, conforme critério descrito na lua crescente. É importante retomar que o objeto de estudo são as atividades de alfabetização do 1º ano e não

⁶² As atividades listadas nas tabelas que seguem, aquelas elaboradas pelas professoras (aqui me incluo) e recebidas via e-mail das escolas não aparecem representadas graficamente no corpo do texto, apenas descritas. Este é um critério de investigação da autora, uma vez que a dissertação tem por foco retalhar as atividades de alfabetização, e não se deter em sua execução/planejamento em sala de aula.

como elas foram executadas em sala de aula e o resultado obtido pelas crianças.

Elemento de retalhação1 - Atividade mecânica - das 10, temos 1.

1. Atividade de prontidão com diferentes linhas na folha - passar com o lápis de escrever por cima das diferentes linhas (horizontal, vertical, ondulada e em curva) da folha, repetindo de forma automática e mecânica o modelo do pontilhado, fazendo o traçado igual e após, com o lápis de cor, fazer o mesmo. Também pode ser descrita como uma atividade de prontidão (MATOS, 2014a), pois prioriza a reprodução de ensino com movimentos de coordenação motora fina.

Elemento de retalhação 2 - atividades mecânicas de base alfabética
- das 10, temos 2

1. Traçado do alfabeto - em uma folha de ofício, uma imagem de um ursinho com o alfabeto traçado em letras pontilhadas, uma atividade neutra, a qual não exige muito “pensar” da criança, apenas passar o lápis de escrever em cima da letra seguindo a direção das setas até completar a grafia, seguindo a ordem das setas de cada letra como reprodução, exercitando movimentos de identificação da letra pela memorização sem significado algum, com enfoque no método sintético. Além disso, acompanha uma gravura “infantilizada”, descontextualizada no cotidiano da criança.

2. Recorte de palavras de revistas com formação de frases - recortar dez palavras com letras iniciais distintas em revistas ou jornais e após formar frases com elas. Atividade desfocada do cotidiano da criança, sem significado, com baixo envolvimento de pensamento, priorizando o método sintético (começando das partes menores: nome das letras, sílabas e frases), fazendo movimento de memorização das sílabas, reduzindo o ensino da língua a apenas a um tipo de linguagem: a de base alfabética.

Elemento de retalhação 3 - Atividades de alfabetizar letrando a partir de texto e com base alfabética - no total das 10, temos 7.

1. Texto: Jogo Bingo do nome - escrever os nomes próprios dos colegas da turma em uma folha (com letras grandes) para depois realizar o tradicional jogo do bingo. A cada letra sorteada, a professora mostra a letra, fala o nome e o som. A atividade com o nome da criança nos remete à expressão: “alfabetizar letrando”, pois parte do cotidiano da criança, condizendo com a cultura escrita dela. A característica da base alfabética está presente no método sintético (nome das letras) e fônico (som das letras).

2. Texto: Jogo stop - cada estudante fala uma letra e todos deverão escrever ou desenhar, em uma folha, as palavras correspondentes à letra: nome, cor e animal. O primeiro que terminar, fala “STOP”. Todos param de escrever ou desenhar e são computados os pontos. A atividade envolve outras linguagens no contexto alfabetizador: o jogo de forma lúdica e competitiva, alargado com a base alfabética através do método sintético (nome da letra e palavra ou desenho).

3. Texto: Jogo da letra do alfabeto - joga-se o dado (grande e bem visível) com as letras do alfabeto e cada criança fala palavras com a letra sorteada. Essa atividade integra também outra linguagem no contexto da alfabetização: o jogo de forma lúdica e desafiadora, normalmente conhecido pelas crianças, por ser feito com um dado. Além disso, encontra-se um enfoque no método fônico: nome e som da letra com associação de palavra (trazido pela criança uma palavra que faz parte do seu cotidiano).

4. Texto: Poema-rima: poema “A Casa e Seu Dono” (de Elias José) em livro ilustrativo confeccionado em EVA - essa atividade traz outras linguagens ao contexto alfabetizador: o momento da leitura de um texto de forma criativa e chamativa, atravessado pela linguagem visual. Ficha com questionamentos relacionando às palavras pela rima, a qual nos recorda o método de alfabetização utilizado nos primeiros anos da história da

Educação: o método analítico (o qual parte do todo para as menores partes: texto, frases, palavras e letras), essencialmente nesta atividade parte dos questionamentos à palavração (começa pelas palavras com exploração dos seus sons).

5. Texto: Musical – escutar a música: “Era uma casa” (de Vinícius de Moares). Ler a letra e recitá-la; após, criar um desenho de como seria a sua casa. Essa atividade traz outras linguagens, bem como o momento da leitura de uma música (texto) de forma lúdica, atravessada pela linguagem visual, artística e imaginária. Ficha com questionamentos solicitando a caracterização dos elementos representados pelas palavras: casa, teto, rede, engraçada, chão, parede, pinico, rua, tornando o texto de caráter de ordem e interpretativo, voltado para as características da base alfabética, entre elas, a consciência da unidade da palavra; a organização espacial da página escrita; a ordem significativa das letras da esquerda para a direita.

6. Texto: Imagens de obras de arte – mostrar várias obras de arte de Ivan Cruz sobre as brincadeiras. Cada criança escolhe uma e desenha a brincadeira que mais gostou. Essa atividade dá ênfase à linguagem artística atravessada pela linguagem visual. O enfoque da base alfabética foi voltado para as características da base alfabética: nome das imagens das obras de arte e o desenho, fazendo uma reprodução ou uma repetição da gravura preferida.

7. Texto: relatos do álbum de fotografia – escolher uma foto do seu álbum de fotografia e descrevê-la para os colegas. Uma atividade que integra o letramento através de uma prática da cultura da criança, do seu cotidiano, sobre sua vida e utilizando um recurso pessoal, o álbum de fotos. Essa atividade é significativa para o estudante e atravessada pela linguagem visual e auditiva, além de contar um fato sobre a vida da criança. O enfoque da base alfabética foi voltado para a representação da imagem relatando quem aparece na foto, onde foi tirada, o que estava acontecendo, ou seja, a criança descreve o que visualiza na imagem para as demais.



Posso tornar essa lista acima tarefa interpretativa, uma tarefa sem fim. Meu método não me permite interpretar sem fim as atividades de aplicabilidade. Decidi pegar as 10 atividades de alfabetização e torná-las atividade de retalhação. Como faço: escolho alguns elementos dos três tipos de classificação das atividades de aplicabilidade durante o ensino remoto, não julgo, agora, pelo menos, apenas vejo... que uma política pedagógica existe na escolha das atividades.



Continuo o movimento de retalhação que venho fazendo, especificamente, com três elementos: atividade mecânica, mecânica de base alfabética e alfabetizar letrando a partir de texto e com base alfabética (MATOS, 2014a). Retalhação 1, 2, 3 - sigo a ousadia pedagógica de perguntar e ver como funcionam as atividades em alfabetização. Sem interpretar ou denunciar. Faço ver. Mostro.

04 DE OUTUBRO

A atividade de retalhação funciona como brechas maleáveis sobre os três elementos das atividades de alfabetização acima. Ela, essa atividade de retalhação, denominei-a assim porque mostro que uma vagabunda alfabetizadora pergunta pelas utilidades e instrumentalidades da atividade das pedagogias de alfabetização inventando foto-colagens em um diário.



Sempre parece insuficiente o estudo, porque a atividade de retalhação escapa... Brechas maleáveis. É a alfabetizadora da colônia de Veranópolis

existindo como pesquisadora. Aliás, demorei muito para entender e perceber a importância do que estava escrevendo para a comunidade acadêmica. Sim, acadêmica, com um diário de retalhação com a minha vagabundagem de pesquisa. A Prof. Dra. Sônia Regina da Luz Matos e eu publicamos o artigo da dissertação: “Diário de uma professora-alfabetizadora: fragmentos de uma pandemia” na Revista Educação Básica em Foco. Também apresentei essa pesquisa num evento que se chamava “Congresso de Educação: educação para além da diferença”, promovido(a) pelo(a) Programa de Pós-Graduação em Educação, pela Área do Conhecimento de Humanidades e pela Pró-reitoria Acadêmica da Universidade de Caxias do Sul. Porém, só após apresentar no Congresso de Educação: Educação para Além da Diferença, iniciado a partir do dia 26 de agosto a 21 de outubro de 2021, no qual apresentei a live no dia 09 de setembro, posso dizer que me senti que me tornei uma pesquisadora e que pude reparar a seriedade desta pesquisa e a importância de abrir a noção: atividade para retalhação.



Quem participou da formação, disse que o trabalho era inédito e que a vagabunda tinha que continuar. Demorei a reconhecer que faço política de alfabetização pelo método de retalhação, e tento mostrá-lo como parte de uma vida de professora em meio às atividades de alfabetização numa pandemia.



A palavra ‘atividade’ pode estar reduzida dentro do pedagógico como uma política – toda atividade de sala de aula carrega ato político – da esfera econômica, do mercado, quando faz com que a atividade das pedagogias de alfabetização que impõem atividades do tipo de aplicabilidade de instrumentalização voltadas para execução de tarefas siga a lógica do mercado utilitarista. Tal política econômica se faz sinônimo nas atividades

de alfabetização que se desenvolvem como um treino para produzir trabalhadores-alunos (BORGES, 2018). Foco de projeto de nação? (MORTATTI, 2020).



A palavra ‘atividade’ na presença pedagógica ganha espaço de mercado, segundo Borges (2018, p 36), “[...] não são os ministros da educação, mas os da economia, ou ainda os banqueiros, os verdadeiros pedagogos da atualidade” – aqueles que determinam como o sistema deve girar e qual a relevância da atividade de aplicabilidade nos planejamentos didáticos, pedagógicos, cercados e seduzidos pelo mercado econômico e que precisa gerar trabalhadores para o sistema monetário.



Atividade de retalhação é vivida “[...] como o ato de ‘dizer exatamente o que [se] fez’” (BORGES, 2028, p. 252), ou seja, ato de dizer o que eu faço, como eu faço, o que eu, não o represento para as interpretações. Ela não é metáfora. Ela é a própria cor cinza das mais de 600 mil mortes⁶³ em meio a pandemia. No cinza tem movimento.

08 DE JULHO

*“Dor, o prazer
e a morte
nada mais são
do que um processo*

⁶³ Número aproximado de mortes pela Covid-19 no mês de outubro de 2021, no Brasil. Dados disponíveis em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/10/08/brasil-atinge-600-mil-mortes-por-covid-com-pandemia-em-desaceleracao.ghtml>. Acesso em: novembro de 2021.

*para existir
xxxx a luta [...]’.*
(KAHLO, 2017, p.228)

Ranger dos portões de cemitério. Hoje é um dia de sofrimento, que ficará marcado na memória, dia da morte da minha avó paterna. Com ela, enterro a inocência do inquestionável, fecho o seu caixão como se um pedaço de mim tivesse partido. Lágrimas sempre existirão.



Uma pesquisadora que quer compostos em retalhos para inventar em luto. Vidas atravessadas por várias outras vidas. Narinas, garganta, pulmão, a vida vai se constituindo, assim como a escrita vai ganhando espaço neste texto em retalhos que se entrelaçam aos movimentos das luas.



Um mês e um dia se passaram e sigo sentindo a presença da vó. A lua nunca para seu movimento.... Talvez, por isso tenha inventado as luas deste diário. As luas, nessa pesquisa, são um espaço e tempo da retalhação. Esse é o espaço-tempo do diário que faz a escrita desta pesquisa, presenças-ausentes, silenciadas pelas políticas públicas, pelo projeto de nação “Pátria amada, Brasil”.



Ao retalhar as atividades, elaboro e invento outro sentido para elas, o que me faz ter muitos questionamentos. Agora, diante da atividade, pergunto: como faço funcionar a atividade de retalhação? O sentido de retalhação é o que eu criei para produzir uma dissertação ao modo de diário. Quando

Mortatti (2000) fala dos sentidos da alfabetização, eles estão já dados, são verdadeiros. Eu não preciso pensar, já está pronto. Um sentido que alguém já deu. Estou dando outros sentidos, não há um único ou verdadeiro, é o sentido deste foco de pesquisa. Esse sentido é o que estou elaborando, mostrando, retalhando, por isso é tão desafiador. Elaboro sentidos pela política do direito pedagógico, pelo modo de expressão da atividade de retalhação, que é o próprio método de pesquisa. Do território das pedagogias de alfabetização, pergunto e questiono para abri-la, ato de resistência criadora. Haja coragem! Talvez, por isso uma certa sofrência (quase que sertaneja, kkkkkkk) se releio o diário escrito desde 2020...

07 DE AGOSTO

*“O que eu poderia fazer sem o absurdo
e sem o efêmero? [...]”*

(KAHLO, 2017 p. 213)

Brechas Maleáveis

Fonte: Autora, 2021

Materiais: folha de ofício, giz pastel, amassar a folha, borracha, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

01 DE SETEMBRO

Pelos parreirais, à procura de folhas e caules para montar a foto-colagem... escrevo anotações específicas sobre pensar da retalhação 1, ainda ao modo de lista:

1. Ato de perguntar pela ação dos métodos de alfabetização, ato de perguntar pela cópia, pelo ato de fazer algo já pronto, já dado. Uma atividade com outro sentido, de um sentido não construído. Ato de perguntar se para alfabetizar precisamos de atividades com movimentos de coordenação motora ampla e fina (MATOS, 2014a). Ato de retalhar para dar outros sentidos, além desses que os livros didáticos trazem. Há outras formas de explorar esses movimentos retirados das veias da folha do parreiral, escritiva. Ato que nos faz questionar o que é privilegiado na atividade mecânica: “[..] Privilegiam a quantificação e a padronização[...] (BORGES, 2018. p. 112), ou seja, a quantidade de linhas dispostas na folha de ofício em diferentes formatos e a padronização de seguir o modelo do pontilhado. A atividade da retalhação 1 privilegia outro sentido, outro movimento.

2. Ato de violentar a atividade das pedagogias de alfabetização (Mecânica: Atividade de prontidão com linhas). “[...] Movimentam a ação do ensinar e aprender para uma efetuação da prática educativa fora de uma rigidez estrutural[...]” (BRITO; RAMOS, 2016, p.143), fora da cópia e da reprodução mecanizada. Ato de violentar se há necessidade de repetir o pontilhado das linhas, ato de violentar a produção do pontilhado na efetuação da prática pedagógica. Ato de violentar a rigidez estrutural (as diferentes linhas propostas na atividade mecânica). Ato de violentar a intensidade da repetição dos movimentos da coordenação motora fina.



Principal elemento da atividade retalhação 1: movimento escritiva

Retalhão 1

Fonte: Autora, 2021

Materiais: folha de ofício, folha de parreira, giz pastel, caule de parreira, foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

04 DE OUTUBRO

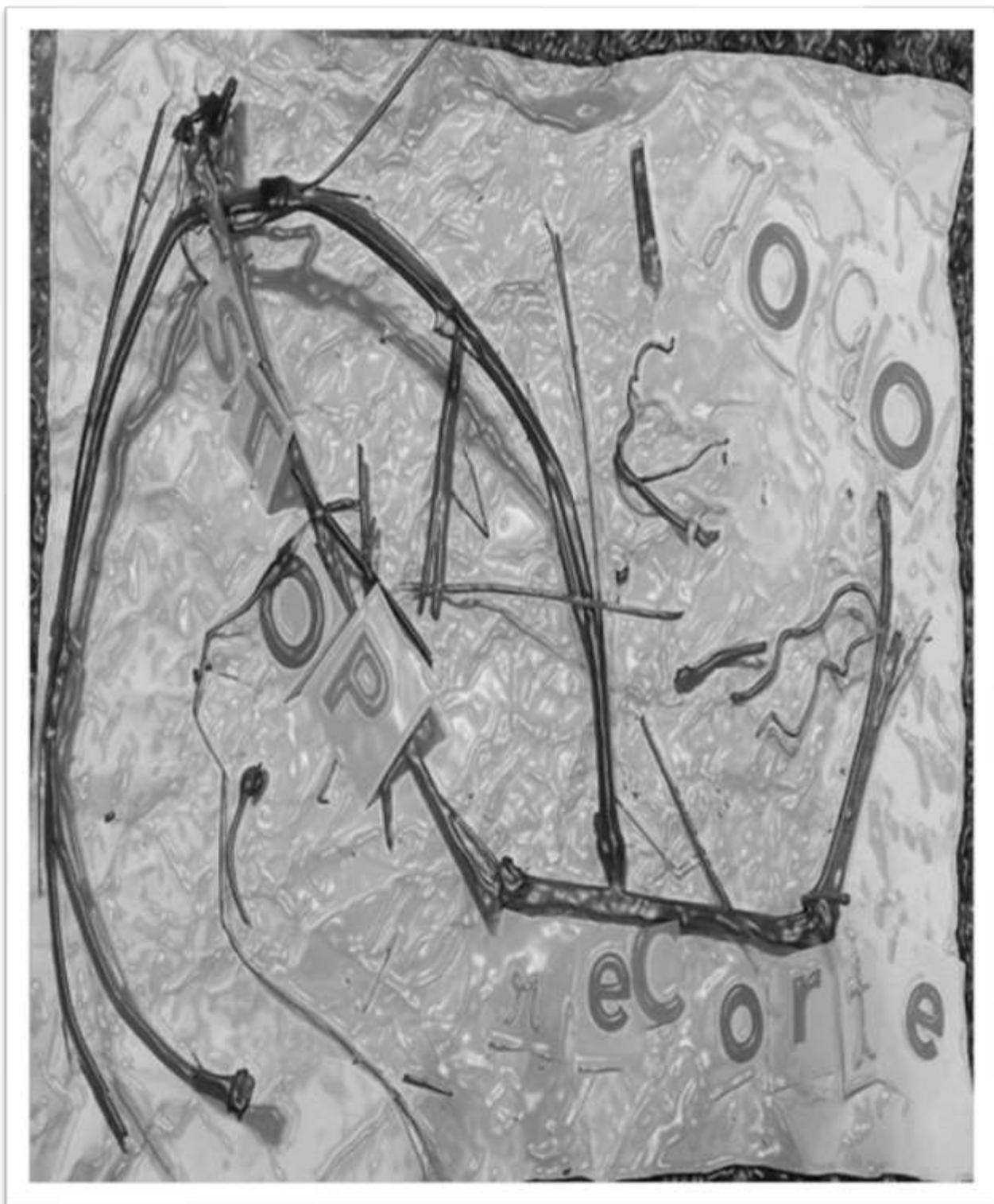
As palavras estão fugindo das minhas mãos, minha energia está se esvaziando na retalhação 2:

1. Desvio da base alfabética que aprisiona a língua. O desvio acontece quando a palavra atividade cresce em “[...] um campo de forças marcado por traçados, por linhas que se inter cruzam e se conectam o tempo todo num movimento[...].” (BRITO; RAMOS, 2016, p.143-144) como uma atividade de alfabetização em meio à vida. Abrange um regime de signos, junto aos linguísticos (da base alfabética, orográfica, etc.), mas não se reduz a ele. Atividade ganha espaço pedagógico alfabetizador quando percebo que a língua é “[...] território em sentido dinâmico [...]” (BORGES, 2018. p. 258), aberta, viva. Ao desviar a palavra atividade e retirá-la da palavra de ordem atividade-trabalhador-aluno (BORGES, 2018). O ensino da alfabetização torna-se ensaio de escrita e de leitura.

2. O desvio da atividade da alfabetização centrada somente na base alfabética, o desvio de um regime de signo linguístico para a ruptura que perpassa outros regimes de signos (visuais, auditivos, gráficos...). Um desvio principalmente restrito aos sons das letras na codificação e decodificação das palavras. Desvio de palavras sem vida ou palavras de ordem, de reprodução e de memória atravessadas pela ação do retalhar, atravessadas por outros movimentos, por outros fluxos os quais se encontram no território da multiplicidade de diferentes signos linguísticos que rodeiam a criança. Desvia-se da reprodução mecânica, repetitiva da atividade de aplicabilidade “dada” nas atividades de base alfabética, e nosso desvio passa a “[...] funcionar como verdadeira instância da antiprodução [...]” (BORGES, 2018. p. 90) a atividade onde a linguagem da escrita inventiva apareça, pois com a linguagem escrita inventiva mostramos o retalhar e desviamos a repetição e a memorização das letras sem sentido.

~~Principal elemento da atividade de retalhação 2: desviante.~~

Principal elemento da atividade de retalhação 2: desviante.

Retalhação 2

Fonte: Autora, 2021

Materiais: folha de ofício, caule de parreira, recorte de palavras em livro didático, fotocoloragem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Microsoft Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

01 DE NOVEMBRO

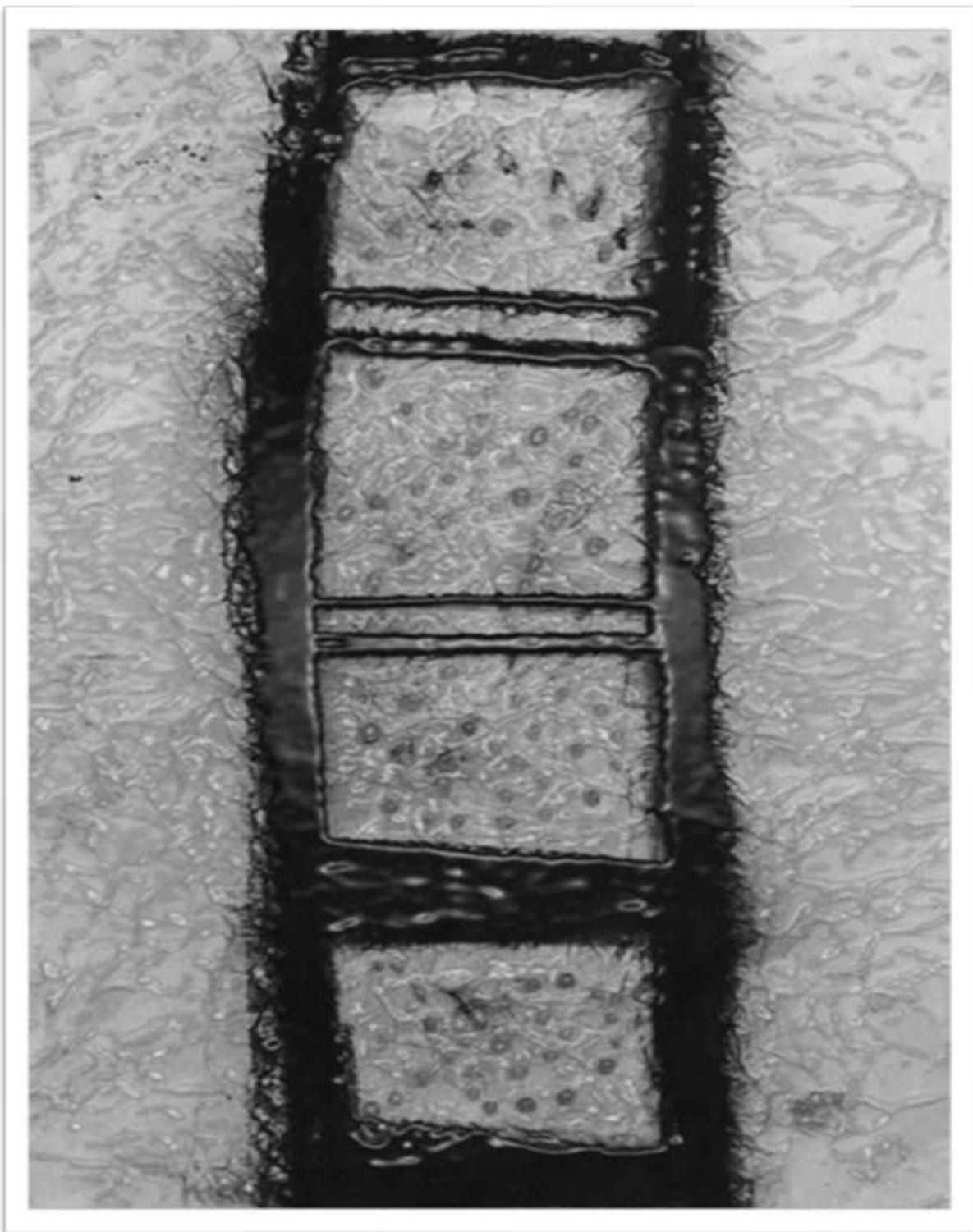
Pego o note, coloco o celular em modo silencioso, sento de frente para a janela na retalhação 3:

1. A fuga da aplicabilidade do texto para a escola. A atividade se movimenta quando fissuro, quando coloco, retalho, monto, fotografo, desenho, recorto, porque tenho uma necessidade de dar fluxo às perguntas que foram sendo escritas para potencializar inquietações e idealizações sobre o ensino. A fuga do modelo de texto da instituição e para a professora corrigir. A fuga da aplicabilidade do texto como saída para combate sem necessariamente ter e ser de uma estrutura sistemática e enfatizada na base alfabética. Perceber como funciona o ato de escrever através do retalhar.

2. O ato de escrever em fuga do utilitarismo, afinal, a escrita é uma movimentação das potências. Traz outra entonação, outro tipo de leitura, outro som, outro tipo de escrita. Uma escrita leve, desfocada e desregular. Uma escrita que atravessou os muros da escola (GERALDI, 2021). Uma escrita espontânea, móvel e que nos faz pensar sobre as verdades que estão sendo impostas. Uma escrita que provoca resistência de todas as formas quando tentam enquadrar o estudante somente ao mercado de trabalho. A educação brasileira “[...] vê seus jovens sempre mais do que crianças, mais do que homens e mulheres, mais do que cidadãos, mais do que trabalhadores, mas, nunca os vê como intensidades em devires múltiplos” (BORGES, 2018, p.69), não os vê fazendo outro tipo de texto a não ser para a escola, não os vê como uma resistência, como potência de uma escrita heterogênea, de múltiplos combates. O ato de escrever como um ato de devir do utilitarismo, do devir de uma leitura engessada, do devir de um tipo de leitura baseado na codificação e na decodificação, de um devir de uma leitura e escrita conformáveis e restritas. “O devir é aqui entendido como processo de mudança [...]” (BORGES, 2018, p.203).

~~Principal elemento da retalhação 3: fuga (resistência)~~

Principal elemento da retalhação 3: fuga (resistência)

Retalhação 3

Fonte: Autora, 2021.

Materiais: folha de ofício, giz pastel, amassar a folha, lápis de escrever, técnica do pontilhismo (a partir de Frida Kahlo), foto-colagem com efeito: filme Plástico da edição de imagens do Power Point com saturação da cor: escala em cinza.

02 DE NOVEMBRO

Entre palavras, versos e desversos, vagabundeando de uma página a outra, finalizo e escrevo mais uma lua. A distância que nosso satélite natural está nesse dia em relação à Terra é de 403.339 quilômetros. A Lua Quarto Minguante estará na constelação de Gêmeos, signo dessa vagabunda, geminiana. Quando a Lua se encontra no ponto da órbita mais próximo em relação à Terra, nosso satélite está no Perigeu. Entretanto, quando a Lua se localiza no ponto da órbita mais afastado em relação ao nosso Planeta, nosso satélite está no Apogeu. É certamente o elemento celeste que mais se destaca no céu, esta é um alvo fácil para observação, desde a olho nu até mesmo com telescópio.



Nessas idas e vindas de escrita em retalhos, vejo a atividade de retalhação como um constante exercício durante o diário e a sua construção. É impulsionada pelo direito pedagógico de imaginação para uma zona pedagógica alfabetizadora. A atividade de retalhação e a atividade das pedagogias de alfabetização possuem características diferentes. A atividade de retalhação foi feita porque faz parte do método e retalhei os tipos de atividades de alfabetização que apareceram durante o Decreto Executivo nº 6.635 (9 de junho de 2020 até o final do ano letivo), portanto não são um “novo tipo” e também não são para substituir a atividade das pedagogias de alfabetização, consideradas também atividades de aplicabilidade ou atividades utilitaristas.



A atividade das pedagogias de alfabetização é considerada e encontrada nos estudos das atividades de alfabetização de Matos (2014a): atividade mecânica, atividade mecânica de base alfabética, atividade de letramento e atividade de letramento com base alfabética. O único tipo de atividade

de alfabetização que não foi retalhado foi a atividade de letramento, que não apareceu ao fazer os estudos das atividades recebidas pelas escolas por e-mail.



A atividade de retalhação contém elementos que possibilitam uma perspectiva sem que os resultados da pesquisa tenham que ser conquistados. Possibilita o direito de se questionar, de sair do espaço de professorinha viciada pela interpretação do certo ou do errado. Sou a alfabetizadora e pesquisadora que se questiona sobre as atividades de alfabetização durante o cenário pandêmico.



Movimento de mostrar. Ao retalhar as atividades de alfabetização, foi crescendo o movimento de pesquisadora, percebo as atividades de alfabetização durante o período de nove de junho, a partir do Decreto 6.635/2020, em Veranópolis até o final do mesmo ano, foram voltadas para a ensinagem, atividades de aplicabilidade e essa é apenas uma característica das atividades.



Ao retalhar essa escrita, percebo o quanto a escola me engessou. Sim, eu escrevia para a instituição, para a professora. Não fui ensinada a pensar e nem a me questionar durante minha formação acadêmica. Ao fazer as especializações, apenas tinha que entender e interpretar as leituras que eram dadas nas disciplinas. O Mestrado me trouxe a possibilidade da tentativa de pensar. O maior desafio tem sido escrever algo para o coletivo e não para a orientadora dizer se está certo ou errado, como antes eu fazia. Agora, percebo porque dizem que o Mestrado é difícil, não apenas fazer algumas leituras, interpretar o texto e encaixar, mas sim se perguntar sobre

o que leu, debater em grupo por um combate. O Mestrado me trouxe o espaço de vagabunda alfabetizadora e pesquisadora, aquela que questiona, e o faz ao modo de retalhação e pensa.



Notei, fazendo esse diário, o valor que existe no uso da voz por meio da escrita. Escrever é criar vida.



Hoje, aqui, sentada no sofá, olhando pela janela para o sol de meio-dia e pensando quantas madrugadas, quantos sábados, quantos domingos e quantos feriados precisei ficar em meu “casulo” escrevendo. Sim, não escrevi durante o dia na semana, pois sou uma vagabunda que trabalho 44 horas semanais em sala de aula com uma turma de maternal, de 4 anos (manhã: 20 crianças) e à tarde com outra turma (3º ano, na qual cheguei a ter 28 crianças). Apesar do cansaço físico e mental, aprendi a ler, escrever e pesquisar.



Hoje, terça-feira, Dia dos Finados, data que remete à catástrofe que vivemos. Noite. Encerro, e estamos ainda em meio à pandemia, retomando aqui a perguntada norteadora desta dissertação: “O que mostra uma dissertação ao modo de diário, agora, de uma professora vagabunda alfabetizadora que retalha atividades de alfabetização do ensino remoto em meio à pandemia da Covid-19?”

Uma lista de fim a essa altura da dissertação. Seguem os elementos do movimento que a atividade de retalhação trouxe:

1. Movimentada por uma política permeada por perguntas, na qual são questionadas verdades (im)postas. Esta é intensificada pelo grito e medo em forma de escrita e pelos pensamentos, atravessada de foto-colagens inspiradas na artista plástica Frida Kahlo (2017). Ocorre um desvio entre o “acomodar”, o “perguntar” e o “responder” por meio da retalhação. Me questiono pela ordem dos métodos de alfabetização. Abro brechas e fissuras porque há uma necessidade de dar fluxo às perguntas que foram sendo mostradas. Não escondi do diário o pavor do ensino remoto, de enfrentar a dissertação e uma pesquisa em meio à pandemia.

2. É sempre uma zona maleável a da retalhação, já que é potente – pergunta como funcionam as atividades de ensino – e vulnerável, porque não propõe uma nova atividade e nem substitui uma atividade “velha” por uma “nova”. Há o cruzamento da atividade das pedagogias de alfabetização com a da atividade de retalhação – aquelas que acontecem por meio do recorte, do colar, inventando, fotografando, rasgando para que eu me autorizasse ao perguntar pela representação do que é a palavra “atividade”. Afirmar que abri a noção de atividade para colocá-la no permeável da vida de uma professora alfabetizadora através do uso da cola, da tesoura (material escolar), do giz pastel, das folhas e caules retirados dos parreirais. Uma escrita que pergunta mais do que responde. Quer mostrar pensamento.

3. Desloco a palavra atividade quando faço retalhação. Disparar o movimento entre os vivos (as atividades de alfabetização elaboradas durante o cenário pandêmico) e as mortes, entre o ar e a máscara de 2020 e 2021. O inventivo (atividade de retalhação), por meio das forças externas. Arrastadas de mulheres, a artista Kahlo e a escritora Anne Frank, e de Deligny, para a vagabundagem criadora.

4. A retalhação no diário são fragmentos vividos pela vagabunda. Tem elementos de informações inacabadas, dispersas como a pandemia. Ela ocorre conectada e desconectada ao mesmo tempo; conectada com os

questionamentos e desconectada em colocar uma reflexão interpretativa. Incompletude, que ao mesmo tempo se mostra no alargamento. Fotografias que foram se constituindo como escrita de um diário. Viralizada pelo modo como ensino remoto ganha verdade de atividades voltadas para o ensino de aplicabilidade. O medo não era somente do vírus da Covid-19. A atividade de retalhação ganha quase um espaço viciante, inseguro, por vezes, desorganizador dos pensamentos de uma professorinha para uma vagabunda pesquisadora.

5. A vagabunda, quando propõe uma atividade focada nos métodos de alfabetização, sente uma tendência a fracassar na espera do resultado da decodificação e da codificação de um código. Não garanti que tenho uma conclusão e consideração final. Toda a vez que se fez esse jogo de intensidades (isso também é pensar! Acredite!). Da atividade de retalhação, não há garantia de síntese conclusiva. Há uma tentativa de inventar, de criar através das palavras sem que elas sejam palavras de ordem.

6. Potência do escrever vagando, através de Fernand Deligny (2018), a potência de se permitir questionar, retalhar o conceito de aplicabilidade encontrado nas atividades escolarizadas voltadas para alfabetização.

7. A potência que Pelbart (2020) traz da catástrofe é a mesma potência que uma vagabunda precisa ter quando pensa na “atividade” em sala de aula. A potência do ato de escrever para combater a atividade-trabalhador-aluno (BORGES, 2018, p.28) que encontro em algumas atividades disponibilizadas no período da pandemia.

8. Retalho a atividade de aplicabilidade para expressar a violência que um sistema burocrático engessado no assujeitamento do professor na submissão das atividades dos livros didáticos voltados para alfabetização. Assim como a potência através da escrita das reportagens, notícias, uploads de vídeos e podcasts.. a força está nos questionamentos que provocamos, nos movimentos que fizemos/fazemos.

9. Encontra-se na retalhação a força da repulsão para encontrar brechas e fissuras nas atividades que proporcionam a escrita viva se entranha nas atividades de aplicabilidade devido a um sistema educacional sob a lógica do capitalismo que foi “imposto” às professoras. A educação brasileira “[...] comporta a relação produção – distribuição – consumo” (BORGES, 2018, p.19), ou seja, em sala de aula, quando aplicamos a atividade das pedagogias de alfabetização, temos o efeito reprodução- repetição- memorização.

10. Percebe-se, através do retalhar, a dissolução do conceito de atividade, no qual esta perde o efeito potencial para o campo da educação quando imposta como aplicável, no qual o estudante reproduz, repete e memoriza para a professora, para a instituição, criando um fluxo perfeito, aquele que quer “[...] produzir o aluno para se produzir o trabalhador e, mais atualmente, produzir continuamente o trabalhador-aluno” (BORGES, 2018, p.29). A repulsão se encontra numa escrita às vezes sem sentido, ordenada, uma escrita sem vida, apagada.

11. Ato singular, o retalhar como um ato inventado e único, não como modelo para todas as alfabetizadoras, ato singular para essa vagabunda vagar por uma política que não seja controladora e disciplinar.

12. Aqui se encontra uma transição com intensidade de um vagar “sem vida, mecanizado e homogêneo” por uma atividade que não seja apenas reprodução da atividade das pedagogias de alfabetização. A escrita nunca foi o prato principal do capitalismo e nem dos métodos de alfabetização. O espaço escolar traz “[...]a importância que vem ocupando a questão de empregabilidade” (BORGES, 2018, p.91) e não a importância da atividade em sala de aula como um ato singular e heterogêneo para formar seres questionadores.

13. A atividade de retalhação envolve movimentos múltiplos, sem ter certeza de tudo. É um vagar sem um trajeto certo, sem um resultado na

chegada. E quem disse que tem chegada? É um movimento duvidoso, assim como as verdades nos são lançadas. São múltiplos movimentos em meio a uma escrita viva composta por uma mão escrevente movida por células questionadoras.

14. Possui ações coletivas, teve sua escrita retalhada em fragmentos, roubada de vários autores. Teve seu espaço de leitura, de dúvidas, de questionamentos, de incertezas, de desespero e de alegria.

15. Ato provisório, pois envolve uma escrita viva e contínua. Uma escrita de fluxos que funcionam e que funcionam. Ações de desmontar e montar, ações de escrita espontânea, ações de escrita que uma pesquisadora inventa, capacidade [...] “de fazer fugir pela linha de fuga” [...] (BORGES, 2018, p.248)

16. Enquanto retalhação, essa atividade é de extinguir o método como salvador da alfabetização. É difícil não cair no senso comum, salvacionista do método universal. Eu encontrei no ato de escrever uma linha de tensionamento em direção ao livro didático e às atividades de ensino voltadas para o método que permite a aplicabilidade das atividades durante o ensino remoto. Faço dessa pesquisa uma escrita espontânea que pouco permito que as crianças façam durante o processo de alfabetização. Talvez, por isso, eu tenha chegado até essa última linha do diário-dissertação.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Alexandre Aragão de. *A Estética da Delinquência*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/609591-a-estetica-da-delinquencia>. Acesso em: maio de 2021.

AMARGA realidade: o colapso do SUS em Manaus na pandemia de coronavírus, com mais de 100 óbitos por dia e mais de 30 óbitos em casa de residentes. *Revista Veja*, São Paulo, Brasil, 20 de maio de 2020. 1 vídeo (11:57). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OTycBm4N8to> Acesso: maio de 2021.

AMORA, Antônio Soares. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2009.

APRENDE BRASIL. *Com o Aprende Brasil seus alunos conquistam mais oportunidades de aprendizado*. Disponível em: <https://sistemaaprendebrasil.com.br/quem-somos/>. Acesso em: dez. de 2020.

BARROS, Manoel. *Livro sobre Nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BEHAR, Patricia Alejandra. *O ensino remoto emergencial e a educação a distância*. *Jornal da Universidade*, RS: Porto Alegre, 6 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em: dez. de 2020.

BORGES, Gonçalves Bruno. *Adeus, Formação: O Anti-Emílio Anunciador do conceito de programa de vida*, 2018, 328p. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/24074/1/AdeusForma%c3%a7%c3%a3oAnti.pdf>. Acesso em: jun. de 2021.

BRASIL, Rio Grande do Sul. *Modelo de Distanciamento Controlado do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos-estaduais/modelo-de-distanciamento-controlado-do-rio-grande-do-sul>. Acesso em: dez. de 2020.

BRASIL. Decreto nº 9.765, de 11/04/2019. *Diário Oficial da União*. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/KujrWOTZC2Mb/content/id/71137476/do1e-2019-04-11-decreto-n-9-765-de-11-de-abril-de-2019-71137431. Acesso em: jun. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Assessoria de Comunicação Social*. *Data marca o compromisso de 164 países com o desenvolvimento*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/pna#:~:text=O%20presidente%20Jair%20Bolsonaro%20assinou,absoluto%20e%20o%20analfabetismo%20funcional>. Acesso em: set. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Game educativo Ministério da Educação (MEC) lança aplicativo gratuito para reforçar alfabetização*. 27 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-educacao-mec-lanca-aplicativo-gratuito-para-reforcar-alfabetizacao>. Acesso em: nov. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **MEC lança programa para melhorar alfabetização em todo País Tempo de Aprender vai focar na formação e valorização profissional de professores e na melhoria do material didático.** Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2020/02/mec-lanca-programa-para-melhorar-alfabetizacao-em-todo-pais> . Acesso em: out. de 2020.

BRASIL. Prefeitura de Veranópolis. **Aprende Mais Veranópolis.** Disponível em: <http://www.veranopolis.rs.gov.br/secretarias/20/educacao-esporte-lazer-e-juventude/242/aprende-mais-veranopolis>. Acesso em: ago. de 2020.

BRASIL. Prefeitura de Veranópolis. **Plano de contingência para prevenção, monitoramento e controle da transmissão de covid-19. COE – Centro de operações de emergência em saúde– Segmento municipal** Disponível em: <http://www.veranopolis.rs.gov.br/noticias/30/covid-19/5002/planos-de-contingencia-da-rede-de-ensino-de-veranopolis>. Acesso em: jun. de 2020.

BRASIL. Prefeitura de Veranópolis. **Secretária. Site da Prefeitura de Veranópolis.** Disponível em: <http://www.veranopolis.rs.gov.br/secretarias/20/educacao-esporte-lazer-e-juventude/60/secretaria>. Acesso em: abr. de 2020.

BRASIL. Prefeitura de Veranópolis. **Site da Prefeitura de Veranópolis.** Disponível em: <http://www.veranopolis.rs.gov.br/cidade/4/dados-de-veranopolis> Acesso em: abr. de 2020.

CARDOSO, Nilson de Souza; MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima. **ForPibid-RP e a politização como enfrentamento ao ensino remoto. Formação em Movimento**, Revista da ANFOPE (Associação Nacional pela Formação de Profissionais da Educação), v.2, i.2, n.4, p.647/654, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://costalima.ufrj.br/index.php/FORMOV/article/view/624>. Acesso em: set. de 2020.

CARLÊTO, Aline. **Conjunção tripla entre Lua, Júpiter e Saturno será vista a olho nu. Jornal Opção**, GO: Goiânia, 21 de ago. de 2021. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/conjuncao-tripla-entre-lua-jupiter-e-saturno-sera-vista-a-olho-nu-347570/>. Acesso em: jun. de 2021.

CARREATA reivindicando volta às aulas presenciais está sendo realizada em Veranópolis. **Stúdio**, RS: Veranópolis, 22 de fev. de 2021. Disponível em:

<https://www.studio.fm.br/2021/02/carreata-reivindicando-volta-as-aulas-presenciais-esta-sendo-realizada-em-veranopolis/>. Acesso em maio de 2021.

CARVALHO, Pâmela. *Pandemia de desigualdades*. *Pandemia Crítica – N-1 Edições*, RS: Porto Alegre. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/94>. Acesso em: set. de 2020.

CASTRO, Augusto. *CPI da Covid é criada pelo Senado*. *Senado Notícias*, DF: Brasília, 13 de abr. de 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/13/senado-cria-cpi-da-covid>. Acesso em: maio de 2021.

CAVALCANTE, Daniele. “O que é Lua Rosa? Lua Azul? Lua de Sangue? Entenda esses e outros nomes”. *CanalTech*, Brasil, 11 de out. de 2021. Disponível em: <https://canaltech.com.br/espaco/o-que-e-lua-rosa-lua-de-sangue-lua-azul-198392/>. Acesso em: jun. de 2020.

CENTENO, Ayrton. *E daí, Bolsonaro?* *Brasil de Fato*, SP: São Paulo, 08 de jul. de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/08/e-dai-bolsonaro>. Acesso em: ago. de 2020.

COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: *WikimediaFoundation*, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Comiss%C3%A3o_parlamentar_de_inqu%C3%A9rito&oldid=61539053. Acesso em: jul. de 2021.

CORAZZA, Sandra Mara. *Pesquisa empírica-transcendental da diferença: arquivo, escrituras e tradução de dados*. In: CORAZZA, Sandra Mara. (Org.) *Docência-pesquisa da diferença: poética de arquivo*. Porto Alegre/RS: Doisa; UFRGS. 2017, p. 274- 291.

CONTEMPORÂNEOS, Agenciamentos. Brasil, *Youtube*, Canal. Disponível em: <https://www.youtube.com/agenciamentos>. Acesso em: set. de 2020.

CPI da Covid: 'Ele mentiu muito', diz relator sobre primeiro dia de depoimento de Pazuello. *BBC News Brasil*, SP: São Paulo, 19 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57174281>. Acesso em: maio de 2021.

DELIGNY, Fernand. *Os vagabundos eficazes operários, artistas, revolucionários: educadores*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DIAS, Roger. Mortes no Brasil em 24h equivalem à soma dos outros países do top 10. *Jornal Estado de Minas Nacional*, MG: Belo Horizonte, 30 de mar. de 2021. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/03/30/interna_nacional,1252265/mortes-no-brasil-em-24h-equivalem-a-soma-dos-outros-paises-do-top-10.shtml.

Acesso em: maio de 2021.

EMILIANA, Cecília. Alerta Governo de Minas admite risco de falta de oxigênio e anestésicos. *Jornal Estado de Minas Gerais*, MG: Belo Horizonte, 16 de maio de 2021. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/03/16/interna_gerais,1247212/governo-de-minas-admite-risco-de-falta-de-oxigenio-e-anestesicos.shtml. Acesso em:

maio de 2021.

EX-COORDENADORES de Pacto pela Alfabetização e servidores do Inep criticam 'censura' a estudo com impactos positivos da política. *Portal G1*, SP: São Paulo, 10 de maio de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/05/10/ex-coordenadores-de-pacto-pela-alfabetizacao-e-servidores-do-inep-criticam-censura-a-estudo-com-impactos-positivos-da-politica.ghtml>. Acesso em: maio de 2021.

FARIA, Romildo Póvoa (Org.). *Fundamentos de astronomia*. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1987.

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Edição integral. Tradução de Alves Calado. 75ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

GALLO Silvio. O que é filosofia da educação? Anotações a partir de Deleuze e Guattari. *Perspectiva*. Florianópolis, v.18, n.34, p.49-68, julho-dezembro, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10418/9692>. Acesso em: maio de 2020.

GALLO, Silvio. Filosofias da diferença e educação: o revezamento entre teoria e prática. In: CLARETO, Sônia Maria; FERRARI, Anderson. (Orgs). *Foucault, Deleuze e Educação*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010, 154p.

GERALDI João Wanderley; MORTATTI, Maria do Rosário. *Diálogos sobre Alfabetização: Perspectiva discursiva para Alfabetização e Ensino da Língua Portuguesa*. Grupo de Estudo e Pesquisa Linguagem oral, Leitura e Escrita na Infância. Diálogos sobre

Alfabetização. Brasil, 10 de jun. de 2020. 1 vídeo (2:58:25) [live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZkMA5ky-Un4>. Acesso em: jun. de 2020. Live coordenada por Bárbara Cortella.

GERALDI João Wanderley. *O texto na sala de aula*. Brasil, 9 de fev. de 2021. 1 vídeo (3:38:42) [live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WS29LJllouo>. Acesso em: fev. de 2021. Live coordenada pela Professora. Vanessa Girotto para a segunda aula pública da disciplina de Alfabetização do curso de Pedagogia da UNIFAL-MG (Universidade Federal de Alfenas, de Minas Gerais).

GOMES, Pedro Henrique. *Coronavírus: aviões da FAB decolam de Brasília para buscar brasileiros na China*. Portal G1, SP: São Paulo, 05 de fev. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/05/coronavirus-avioes-da-fab-decolam-em-viagem-para-buscar-brasileiros-na-china.ghtml>. Acesso em: jun. de 2020.

GOVERNO Bolsonaro anuncia slogan da gestão: “Pátria amada Brasil?”. Portal UOL, SP: São Paulo, 04 de jan. de 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/governo-bolsonaro-anuncia-slogan-da-gestao-patria-amada-brasil/>. Acesso em: jul. de 2021.

GOVERNO vai começar a pagar amanhã 1ª parcela de R\$ 600. *Jornal Correio do Povo*, RS: Porto Alegre, 08 de abr. de 2020.

GUDYNAS. Eduardo. *Necropolítica: a política da morte em tempos de pandemia*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/608461-necropolitica-a-politica-da-morte-em-tempos-de-pandemia-artigo-de-eduardo-gudynas>. Acesso em: jul. de 2021.

KAHLO, Frida. *O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo*/ Frida Kahlo. Tradução de Mário Pontes; introdução de Frederico Moraes. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

KOHAN, Walter Omar. *Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica*. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, e2016212, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: jul. de 2020.

MATOS, Sônia Regina da Luz. *Alfabetização e escritura*. Caxias do Sul: Educs, 2009.

MATOS, Sônia Regina da Luz. *Micrométodo de pesquisa em educação*. In: Stecanela, Nilda (Org.). *Diálogos com a educação: a escolha do método e a identidade do pesquisador*. Caxias do Sul: Educs, 2012, p.113-128.

MATOS, Sônia Regina da Luz. *Planejamento e Metodologias em Alfabetização*. In: MATOS, Sônia Regina da Luz; SCHULER, Betina. (Orgs.) *Diálogos com a educação: política, escola e escrita*. Vol. 3. Caxias do Sul: Educs, 2014a, p.175- 199.

MATOS, Sônia Regina da Luz; MARINELLO, Cátia. *Diário de uma professora-alfabetizadora: fragmentos de uma pandemia*. *Revista Educação Básica em Foco*, v.2, n.4, janeiro a março de 2021, p. 1-7. Disponível em: https://educacaobasicaemfoco.net.br/04/Artigos/Diario_de_uma_professora_MARINELLO-C_MATOS-S-R-L.pdf. Acesso em: nov. de 2021.

MATOS, Sônia Regina da Luz. *Procedimentos de escritura e afectologia na alfabetização de crianças. Abordagens cruzadas entre a filosofia da diferença e a psicologia intercultural*. Tese (Doutorado). Porto Alegre. UFRGS. 2014b.

MAZUI, Guilherme. *Bolsonaro anuncia resultado positivo de teste de Covid-19 e diz que está 'perfeitamente bem'*. *Portal G1*, SP: São Paulo, 7 de jul. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/07/bolsonaro-diz-que-seu-exame-para-covid-19-deu-positivo.ghtml>. Acesso em: jul. de 2020.

MAZUI, Guilherme. *Ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello é nomeado para novo cargo no governo Bolsonaro*. *Portal G1*, SP: São Paulo, 21 de jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/01/ex-ministro-da-saude-pazuello-e-nomeado-para-novo-cargo-no-governo-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: maio de 2021.

MERCADO de Wuhan, o marco zero do coronavírus, se esconde à luz do dia. *Jornal Estado de Minas Gerais*, MG: Belo Horizonte, 30 de mar. de 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/03/30/interna_internacional,1133797/mercado-de-wuhan-o-marco-zero-do-coronavirus-se-esconde-a-luz-do-dia.shtml. Acesso em: maio de 2020.

MOLL, Jaqueline. *Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender*. Porto Alegre: Mediação, 1996, 195p.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Alfabetização: sentidos e desafios de ontem, hoje e amanhã*. Editora Unesp. Brasil, 27 de maio de 2021. 1 vídeo (1:51:36) [live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZfJrBPK2kjQ>. Acesso em: maio de 2021b.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Aula pública Método de Alfabetização: nem problema, nem solução*. Editora: Brasil, 11 de mar. de 2021. 1 vídeo (1:45:03) [live]...Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UYLL4pkFias>. Acesso em: março de 2021c.

MORTATTI, Maria do Rosário. *Diálogos sobre Alfabetização: Métodos de alfabetização e Projetos para a nação – II*. Diálogos sobre Alfabetização. Brasil, 6 de maio de 2020. 1 vídeo (2:10:20) [live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=phPawAjRlCU>. Acesso em: maio de 2020. Live coordenada por CORTELLA, Bárbara.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo *Mesa 1 – Políticas Públicas de Alfabetização*. V Congresso Brasileiro de Alfabetização – CONBALf (Políticas, Práticas e Resistências). Brasil, 18 de ago. de 2021. 1 vídeo (2:14:45) [live]...Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ol6GLomRYIO&list=PLPjwbJ-zedXUsFwb8RaXQz_qLITFDGcDr. Acesso: ago. de 2021a.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo 1876/1994*. São Paulo: Editora UNESP: CONPED, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Letrar é preciso, alfabetizar não basta... mais?* In: SCHOLZE, Lia; RÖSING Tania M. K. (Orgs.) *Teorias e práticas de letramento*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007, p. 155-168.

NÚMERO aproximado de mortes pela Covid-19 no mês de outubro de 2021, no Brasil. *Portal G1*, SP: São Paulo, 8 de out. de 2021. Dados disponíveis em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/10/08/brasil-atinge-600-mil-mortes-por-covid-com-pandemia-em-desaceleracao.ghtml>. Acesso em: nov. de 2021.

OMISSÃO de ministro pode aumentar desigualdades na educação. *Jornal A Gazeta*, SP: São Paulo, 4 de abr. de 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/editorial/omissao-de-ministro-pode-aumentar-desigualdades-na-educacao-0420>. Acesso em: jun. de 2020.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. *Folha informativa sobre COVID-19*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: set. de 2020.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. *OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: mar. de 2020.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. *OMS emite sua primeira validação de uso de emergência para uma vacina COVID-19 e enfatiza a necessidade de acesso global equitativo*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/31-12-2020-oms-emite-primeira-validacao-uso-emergencia-para-uma-vacina-contra-covid-19-e>. Acesso em: maio de 2021.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. *OPAS insta países a intensificar esforços para impedir maior propagação da COVID-19 entre povos indígenas*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/20-7-2020-opas-insta-paises-intensificar-esforcos-para-impedir-maior-propagacao-da-covid>. Acesso em: jul. de 2020.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. *Países estão falhando em prevenir violência contra crianças, alertam agências*. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6201:países-estão-falhando-em-prevenir-violencia-contra-criancas-alertam-agencias&Itemid=820. Acesso em: jun. de 2020.

PELBART, Peter Pál. *Assombro e esgotamento*. Canal Agenciamentos Contemporâneos. Brasil, 14 de jun. de 2020. 1 vídeo (2:01:28) [live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YMVeEmgX18w>. Acesso em: jul. de 2020.

PELBART, Peter Pál. *Espectros da catástrofe*. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/129>. Acesso em: jul. de 2020.

PEREIRA, Felipe. "Só o professor não quer trabalhar na pandemia", diz Ricardo Barros, líder do governo na Câmara. *O POVO online*, CE: Fortaleza, 20 de abr. de 2021. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2021/04/20/so-o-professor-nao-quer-trabalhar-na-pandemia---diz-ricardo-barros--lider-do-governo-na-camara.html>. Acesso em: maio de 2021.

PINHEIRO, Chloé; RUPRECHT Theo. *Coronavírus: primeiro caso é confirmado no Brasil. O que fazer agora? Veja Saúde*, SP: São Paulo, 26 de fevereiro de 2020. Disponível:

<https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-primeiro-caso-brasil/>. Acesso em: agosto de 2020.

POPULAÇÃO descumpra uso de máscara nas praias e Corpo de Bombeiros alerta para importância da medida. *Jornal O Povo*, CE: Fortaleza, 25 de dez. de 2020. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/coronavirus/2020/12/25/populacao-descumpra-uso-de-mascara-nas-praias-e-corpo-de-bombeiros-alerta-para-importancia-da-medida.html>. Acesso em: jan. de 2021.

PRIMEIRO caso de Covid-19 em Veranópolis é de um motorista. *Jornal O Estafeta*, RS: Veranópolis, 15 de abr. de 2020.

PUCCI, Bruno. *A Personalidade autoritária no Brasil em tempos de neoliberalismo e de Coronavírus: o que esperar da educação?* Canal Diálogos de Sofie. Brasil, 24 de jun. de 2020. 1 vídeo (2:04:29) [live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vxw5TfQilt0&feature=youtu.be>. Acesso em: jun. de 2020.

RAMOS, Neide Maria; BRITO, de Remédios dos Maria. *Inspiração deleuziana para pensar a educação em ciências*. *Dialogia*, São Paulo, n.º. 23, p. 137-146, jan./jun. 2016.

ROBERTO Cabrini mostra o drama da fome nas duas maiores comunidades de São Paulo Em Paraisópolis e Heliópolis, carestia atinge cada vez mais famílias durante a pandemia. *Domingo Espetacular*, SP: São Paulo, 28 de mar. de 2021. 1 vídeo (38:31). Disponível em: <https://recordtv.r7.com/domingo-espetacular/videos/roberto-cabrini-mostra-o-drama-da-fome-nas-duas-maiores-comunidades-de-sao-paulo-29032021>. Acesso em: maio de 2021.

RODRIGUES, Sílvia Pilegri. *ANPEd CO CT 10 Alfabetização, Leitura e Escrita – Sessão Especial*. Brasil, 19 de novembro de 2020. 1 vídeo (3:05:49) [live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FD3d-8cdLzg>. Acesso em: nov. de 2020.

SANTOS, Raissa. *O “novo” e o “normal” depende de quem enuncia*. [S.l.: s.d.] Disponível em: <https://propmark.com.br/opiniao/o-novo-e-o-normal-dependem-de-quem-enuncia/>. Acesso em: ago. de 2020.

SCHÖPE, Regina. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SENADO FEDERAL. *Cresce número de mulheres candidatas e eleitas no pleito de 2020*. DF, Brasília. Disponível em:
<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/11/16/cresce-numero-de-mulheres-candidatas-e-eleitas-no-pleito-de-2020>. Acesso em: nov. de 2020.

VERANÓPOLIS (Rio Grande do Sul). Decreto nº 6.635, de 09 de jun. de 2020. *Leis Municipais Rio Grande do Sul Veranópolis*. Disponível em:
leismunicipais.com.br/a/rs/v/veranopolis/decreto/2020/664/6635/decreto-n-6635-2020-altera-o-decreto-que-estabelece-normas-sanitarias-a-serem-adotadas-no-municipio-de-veranopolis-pelo-mesmo-periodo-que-perdurar-a-calamidade-publica-no-municipio-de-veranopolis-declarada-pelo-decreto-executivo-municipal-n-6569-de-20-de-marco-de-2020. Acesso em: jul. de 2020.

WANDRESEN, Maria Otília Leite. *Língua Portuguesa - 1º ano: integrado / Maria Otília Leite Wandersen... [et al.]*. Livro do Professor. Curitiba: Sistema Aprende Brasil, 2020, v. 04.

WEISZ, Telma. *As descobertas na alfabetização - parte 2*. Canal nova escola. Brasil, 1º de jul. de 2008. 1 vídeo (9:19). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=RzR-ga8ke9U>. Acesso em: 18 dez. de 2020a.

WEISZ, Telma; SCARPA, Regina. *Práticas de alfabetização no contexto remoto: uma supervisão com Telma Weisz e Regina Scarpa*. Canal Instituto Vera Cruz. Brasil, 24 de jun. de 2020. 1 vídeo (1:35:34). *[live]*. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=R4Ge-v2F5uw&t=317s>. Acesso em: dez. de 2020b.

WEISZ, Telma; SCARPA, Regina. *Práticas de alfabetização no contexto remoto: uma supervisão com Telma Weisz e Regina Scarpa*. Canal Instituto Vera Cruz. Brasil, 30 de jun. de 2020. 1 vídeo (1:48:56). *[live]*. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=YAjQt8r6EUg&t=2673s>. Acesso em: dez. de 2020c.

ZORDAN, Paola. *FRÁGIL: conceito, filme, vida e morte*. Canal /PAOLAZORDAN. Brasil, 14 de dez. de 2020. 1 vídeo (56:00). *[live]*. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=r_zHt38Ois4. Acesso em: dez. de 2020.